

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**AFETIVIDADE E COGNIÇÃO NO USO DE REDES
SOCIAIS DIGITAIS POR IDOSOS**

BARBARA FRIGINI DE MARCHI

VITÓRIA

2019

BARBARA FRIGINI DE MARCHI

**AFETIVIDADE E COGNIÇÃO NO USO DE REDES
SOCIAIS DIGITAIS POR IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação da Profa. Dra. Claudia Broetto Rossetti e co-orientação da Profa. Dra. Larissy Alves Cotonhoto.

VITÓRIA

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

D278a De Marchi, Barbara Frigini, 1990-
Afetividade e cognição no uso de redes sociais digitais por idosos / Barbara Frigini De Marchi. - 2019.
146 f. : il.

Orientadora: Claudia Broetto Rossetti.
Coorientadora: Larissy Alves Cotonhoto.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Idosos. 2. Redes sociais on-line. 3. Psicologia do desenvolvimento. 4. Afetividade. 5. Cognição. I. Rossetti, Claudia Broetto. II. Cotonhoto, Larissy Alves. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 159.9

**AFETIVIDADE E COGNIÇÃO NO USO DE REDES SOCIAIS
DIGITAIS POR IDOSOS**

BARBARA FRIGINI DE MARCHI

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 29 de março de 2019, por:

Profa. Dra. Cláudia Broetto Rossetti – Orientadora.

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo/UFES

Assinatura: Cláudia Broetto Rossetti

Profa. Dra. Cláudia Patrocínio Pedroza Canal

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo/UFES

Assinatura: Cláudia P. Pedroza Canal

Profa. Dra. Claudimara Christé Santos

Instituição: Universidade de Pernambuco

Assinatura: Claudimara

“A metáfora mais bonita que conheço para a velhice é o crepúsculo, o pôr do sol. O crepúsculo é lindo. Faz pensar. No crepúsculo tomamos consciência da rapidez do tempo. As cores rapidamente passam do azul para o verde, para o amarelo, para o abóbora, para o vermelho, para o roxo, para o negro...”

Crepúsculo, Rubem Alves.

Em memória de meus avós Anna Giuseppina Buffon Frigini, Arlindo Frigini e Umberto De Marchi, e à minha avó (orgulhosamente com 93 anos de idade), Esmeraldina dos Santos De Marchi – exemplos para a idosa que quero vir a ser.

As redes sociais digitais não fizeram/fazem parte efetivamente da história dos senhores, mas isso não muda o fato de que sempre estiveram à frente de seus tempos.

AGRADECIMENTOS

*“E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência,
e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes,
e não tivesse amor, nada seria”.*
(Coríntios 13:2)

A Deus, responsável pela minha vida, e Senhor dos meus caminhos. Sou imensamente grata por essa oportunidade e, ainda, por me ter dado condições e energia para conciliar, nesses dois anos, trabalho e estudo;

A UFES e a toda sociedade que a financia, que me propiciaram um ensino público de qualidade na graduação e nesta pós-graduação;

A todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a realização desta dissertação, as quais cito em seguida:

Meus avós – Umberto De Marchi e Esmeraldina dos Santos De Marchi (paternos) e Arlindo Frigini e Anna Giuseppina Buffon Frigini (maternos) – que foram os primeiros idosos que amei, além de meus maiores exemplos de luta e fé;

Minha mãe, Maria José Frigini, e meu pai, Humberto De Marchi Filho, minhas fortalezas, por todo amor, cuidado e dedicação – espero orgulhá-los e fazer jus a todos os esforços sem medidas que empreenderam e ainda empreendem por mim;

Meus irmãos, Humberto Frigini De Marchi, Hálissa Fernandes De Marchi e Mateus Fernandes De Marchi, pela leveza e companheirismo nessa vida e por terem me proporcionado momentos de respiro e descontração durante essa etapa;

Rafael Moura Altoé, por todo incentivo e amor. Obrigada por acolher minhas preocupações e incertezas com paciência e bom-humor e, ainda, por me fazer acreditar que posso sempre mais. Com você, aprendi o verdadeiro e intenso significado de se ter um parceiro;

Minha tia Maria Luisa Frigini Selvatici, a todo momento empenhada e disponível;

Todos os idosos importantes em minha vida (familiares e amigos), que emprestam seus nomes aos participantes dessa pesquisa: Alice (tia materna, *in memorian*), Anna (avó materna, *in memorian*), Américo (bisavô materno, *in memorian*), Ari (tio paterno), Aristides (tio paterno, *in memorian*), Arlindo (avô materno, *in memorian*), Bernardo (bisavô paterno, *in memorian*),

Carmen (tia materna), Corina (avó de Rafael), Delvina (tia materna, *in memorian*), Domingas (tia materna), Esmeraldina (avó paterna), Francelino (tio materno, *in memorian*), Felício (bisavô paterno, *in memorian*), Gentila (bisavó materna, *in memorian*), Helena (em referência tanto a tia paterna quanto *in memorian* a amiga), Henrique (amigo, *in memorian*), Hildo (tio paterno, *in memorian*), Iolanda (amiga da família), Laura (bisavó paterna, *in memorian*), Luís (tio materno, *in memorian*), Maria (bisavó materna, *in memorian*), Nilo (tio materno, *in memorian*), Rosa (bisavó paterna, *in memorian*), Tadeu (tio paterno, *in memorian*) e Umberto (avô paterno, *in memorian*);

Claudia Broetto Rossetti e Larissy Alves Cotonhoto, pelo empenho e gentileza em me orientarem e contribuírem com meu aprendizado e carreira. A competência, tranquilidade e doçura de vocês são admiráveis e tornaram esse percurso mais leve; bem como aos colegas do Laboratório de Estudos do Desenvolvimento Humano – LEDHUM (Eduardo S. Miranda, Daniela D. A. Missawa, Izabel C. de Oliveira, Silvia L. P. Seabra e Sirley T. da Silva) – companheiros de estudos e sonhos, que me acolheram tão bem. Em especial, a Silvia pelo auxílio cuidadoso na categorização dos dados e a Dani (que foi uma segunda co-orientadora, embora não oficialmente) pela disponibilidade e ricos apontamentos na análise deles;

Heloisa Moulin de Alencar, professora querida, que me iniciou na pesquisa e me orientou em três editais de iniciação científica, enriquecendo-me com o estudo das virtudes, da moral e da ética. A reflexão herdada de Yves de La Taille e me apresentada por você (*que vida eu quero viver?*) embasa toda decisão que me cabe; e a todos do Laboratório de Psicologia da Moralidade (LAPSIM), especialmente Mayara G. de Lima, Mariana S. Romaneli e Leandra L. M. Couto. Agradeço a Mayara, ainda, pelo empréstimo generoso do gravador para as entrevistas;

Professores da banca de qualificação e de defesa – Claudia Patrocínio Pedroza Canal, Claudimara Chisté Santos e Fernanda Helena de Freitas Miranda – pelas ricas contribuições;

Professor Hugo Cristo Sant`Anna, pela disponibilidade em me orientar quanto ao uso de seus *softwares OpenEvoc e Tatuí*;

Meu amigo Wagner Simões Ferreira Neto e minha ex-professora (de quem guardo carinhosas lembranças) Mônica Nadja d'Almeida Caniçali pelas traduções de resumo para artigo científico, respectivamente em inglês e espanhol;

Colegas e ex-colegas de trabalho do Hospital Estadual de Atenção Clínica – Aliny dos Santos M. Caliman, Aline C. Bazoni, Claudia Oliveira, Enoan C. Maroto, Fábio C. Bremenkamp, Denise P. Vasconcelos, Maria das Graças Lacerda, Mirella S. Alvarenga, Renato C. Vieira, Rosângela G. Ferreira – e, especialmente, a Maria Jorgete B. Veloso, pelo apoio e compreensão;

Antônio Hércules Toscano de Brito, secretário desse programa de pós-graduação, muito obrigada pela forma carinhosa de me tratar e auxiliar no dia-a-dia;

Participantes dessa pesquisa, pela gentileza em contribuírem com meu trabalho e com a construção de conhecimento científico, e ainda pela simpatia em dividirem comigo, durante as entrevistas, fotos e vídeos (lembranças e histórias) armazenados em seus *smartphones*.

Por fim, me sinto agradecida também às redes sociais digitais que me permitiram estar perto, mesmo tendo que me distanciar para a escrita dessa dissertação, de tantos amigos e pessoas queridas.

Meu sincero e carinhoso *obrigada* a todos, por terem me ajudado a tornar esse sonho possível. Conto com vocês para um possível futuro doutorado...

“A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer (...)

Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender

Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr”.

Envelhecer, Arnaldo Antunes.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1. APRESENTAÇÃO | 17 |
| 2. INTRODUÇÃO | 19 |
| 2.1 Envelhecimento populacional e legislações correlatas | 19 |
| 2.2 Idosos e redes sociais digitais | 25 |
| 2.3 Envelhecimento: um campo de estudo pertinente a Psicologia do Desenvolvimento..... | 37 |
| 3. POSIÇÃO DO PROBLEMA | 54 |
| 4. OBJETIVOS | 54 |
| 4.1 Objetivo geral | 54 |
| 4.2 Objetivos específicos | 55 |
| 5 MÉTODO | 55 |
| 5.1 Delineamento da pesquisa | 55 |
| 5.2 Participantes | 55 |
| 5.3 Instrumentos | 59 |
| 5.4 Procedimentos | 62 |
| 5.5 Considerações éticas | 64 |
| 5.6 Tratamento e análise dos dados | 65 |
| 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO | 66 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 108 |
| 8. REFERÊNCIAS | 112 |
| 9. APÊNDICES | 137 |
| APÊNDICE 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTE | 137 |
| APÊNDICE 2: PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA DA UFES.. | 140 |
| APÊNDICE 3: ENTREVISTAS DIGITALIZADAS | 146 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1. Pirâmide etária brasileira em 2020, 2030, 2040 e 2050..... | 21 |
| Figura 2. Principais indicadores estatísticos para usuários mundiais de internet, dispositivos móveis e redes sociais..... | 32 |
| Figura 3. Gráfico dos aplicativos de RSD mais utilizados no Brasil..... | 33 |
| Figura 4. Distribuição das idades dos participantes | 57 |
| Figura 5. Roteiro semiestruturado para entrevista de caracterização do participante..... | 59 |
| Figura 6. Roteiro semiestruturado para entrevista sobre RSD..... | 60 |
| Figura 7. Rede de indicação de participantes..... | 63 |
| Figura 8. Distribuição de aparelhos eletrônicos para acesso à internet..... | 72 |
| Figura 9. Distribuição das RSD por categoria de frequência de acesso..... | 77 |
| Figura 10. Distribuição da quantidade de grupos em RSD..... | 82 |

LISTA DE SIGLAS

ALSA – Estudo Longitudinal de Envelhecimento da Austrália

CNDL – Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

PBM – Pesquisa Brasileira de Mídia

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

PV – Projetos de Vida

RSD – Rede(s) Social(is) Digital(is)

SECOM - Secretaria de Comunicação Social

SPC – Serviço de Proteção ao Crédito

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1. Distribuição da escolaridade dos participantes | 58 |
| Tabela 2. Correlação entre objetivos específicos e questões do roteiro de entrevista sobre RSD..... | 62 |
| Tabela 3. Descrição das categorias para análise da quantidade de acessos às RSD..... | 76 |

De Marchi, B. F. (2019). *Afetividade e cognição no uso de redes sociais digitais por idosos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.

RESUMO

Vivemos em uma sociedade conectada em rede pela internet, que é, simultaneamente, uma sociedade cada vez mais envelhecida. Juntos, esses fatores contribuem para que o número de idosos usuários de redes sociais digitais (RSD) aumente significativamente. Desse modo, essa dissertação se propôs a investigar aspectos afetivos e cognitivos envolvidos na utilização dessas redes pelo público mais velho. Foram entrevistadas 26 pessoas, divididas de forma homogênea quanto ao sexo, com idades entre 65 e 74 anos, com no mínimo ensino fundamental completo, que possuísem *smartphones* ou computadores e, ainda, tivessem e acessassem RSD. A amostra se deu por conveniência, com base no método bola-de-neve. Os dados foram coletados por meio da realização de entrevistas individuais, a partir de dois roteiros semiestruturados, tendo por referência o método clínico piagetiano. A análise dos dados ocorreu com base na análise de conteúdo, priorizando-se a leitura qualitativa. Os resultados indicaram que os idosos, apesar de não pertencerem a uma geração nativa das tecnologias, estão ativos e participativos em diversas RSD, demonstrando preocuparem-se em acompanhar as evoluções tecnológicas e, assim, sentirem-se pertencentes ao contexto social atual. O *WhatsApp* apareceu com destaque dentre as RSD citadas, sendo tanto a que mais utilizam como a que preferem. Sobre as ações que desenvolvem, os entrevistados indicaram a troca de mensagens e arquivos multimídias, leitura de notícias, trabalho e felicitações a aniversariantes. Verificou-se que o elemento que mais os motiva a ter e acessar as RSD é a comunicação, e que o uso delas pode favorecer relações sociais e afetivas, contribuindo para um envelhecimento mais positivo. Os participantes demonstraram também formar novos laços afetivos e diminuir o sentimento de solidão por meio dessas redes, ampliando seus relacionamentos e a comunicação interpessoal. Esse estudo propiciou, portanto, a compreensão de que o uso de RSD tem potencial para mobilização de aspectos afetivos e cognitivos em idosos e para promoção de desenvolvimento – na medida em que atuam como fonte de desequilíbrios – ao contrário dos antigos paradigmas da Psicologia, que encaravam a velhice como um período exclusivamente de perdas. Espera-se com esse trabalho contribuir para outras investigações com foco na velhice e nas novas tecnologias a partir da perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento. Almeja-se, ainda, que os dados possam servir de subsídios para produções acadêmicas futuras, bem como a políticas públicas.

Palavras-chave: Idosos; Redes sociais on-line; Psicologia do desenvolvimento; Afetividade; Cognição.

De Marchi, B. F. (2019). *Affectivity and cognition in the use of digital social networks by the elderly*. Master's Dissertation, Postgraduate Program in Psychology, Federal University of Espírito Santo (UFES), Vitoria, ES, Brazil

ABSTRACT

We live in a society networked through the internet, which is simultaneously an increasingly aging society. Together, these factors contribute to causing the number of elderly users of digital social networks (DSN) to increase significantly. Thus, this dissertation proposes to investigate affective and cognitive aspects involved in the use of these networks by older audiences. We interviewed 26 people, who were homogeneously divided into sex; were aged between 65 and 74 years old; had finished at least elementary education; had smartphones or computers; and also had access to DSNs. The sample was given for convenience, based on the snowball method. Data were collected through individual interviews, based on two semi-structured scripts, which were in turn guided by the Piagetian clinical method. Data analysis was based on content analysis, prioritizing the qualitative reading. The results indicated that the elderly, even though not belonging to a native generation of these technologies, are active and participative in several DSNs, which shows that they are concerned about keeping up with technological evolutions and, therefore, feel that they belong to the current social context. WhatsApp appeared prominently among the DSNs mentioned, being both the most used and preferred. Regarding the actions they perform, respondents listed exchanging text messages and multimedia files; reading news; working; and wishing happy birthday. We verified that the element that motivates them the most to access DSNs is communication, and that digital network use can favor social and affective relations, contributing to a more positive aging. Participants also showed that they have made new affective bonds and diminished the feeling of loneliness through these networks, broadening their relationships and interpersonal communication. This study, therefore, provided an understanding that the use of DSNs can potentially mobilize affective and cognitive aspects among the elderly, and promote development as networks act as a source of imbalances, unlike the old paradigms of Psychology, which saw old age solely as a period of losses. We hope that this study will contribute to other investigations focusing on old age and new technologies from the perspective of Developmental Psychology. We also hope that the data can serve as a subsidy for future academic productions, as well as for public policies.

Keywords: Senior citizens; Online social networks; Developmental Psychology; Affectivity; Cognition.



Fonte: https://www.instagram.com/p/BoPsFT7hY_M/

Iris Apfel, 97 anos de idade. Tem um milhão de seguidores no *Instagram*, rede social digital em que se descreve como “ícone de estilo nova-iorquino, *designer* de moda e interiores, mulher de negócios” (tradução livre).

1. Apresentação

Crianças e idosos sempre me cativaram. Os primeiros pela gradativa, embora rápida e surpreendente, forma como aprendem e se desenvolvem, o que pude e ainda posso acompanhar em meus irmãos Hálissa e Mateus, respectivamente com 12 e quatro anos de idade. Cheios de encanto e afetos diante das descobertas. Os segundos, por sua vez, pela bagagem de experiências e, apesar dela, por ainda se interessarem pelo que lhes é novo. Assim foi meu avô materno (Arlindo, falecido em 2012) e é minha avó paterna (Esmeraldina), os dois com quem tive/tenho o prazer de conviver.

Foram as crianças, sobretudo as menores, que me despertaram interesse – já no início da graduação – pelo campo da Psicologia do Desenvolvimento. Realizar as provas piagetianas, com os pequenos de diferentes idades, me fez começar a compreender como o conhecimento é construído. Contudo, a essa época, ainda achava que a área não considerava os mais velhos.

Em outras disciplinas, de iniciação à pesquisa, fui demandada a escolher um público e uma temática para investigação. Aqui começaram, então, meus estudos sobre os idosos. Num deles, pesquisei a relação entre atividade física e bem-estar na terceira idade e, em outro, a prática do profissional de Psicologia em um centro de convivência do idoso.

O fato de conviver com muitos idosos e de, na academia, estudá-los pouco me inquietava. Isso se intensificou ainda mais quando tive a oportunidade de cursar um período da graduação na Universidade do Minho, em Braga, Portugal. Nos primeiros dias no país, me surpreendi com uma população significativamente envelhecida. Em mim, ficou ainda mais intenso o desejo de, de algum modo, olhar cientificamente para essa etapa da vida.

Um ano antes de ser admitida nessa pós-graduação, minha família paterna criou um grupo no *WhatsApp* e, por isso, um de meus primos fez uma conta na rede social digital para minha avó, na época com 89 anos de idade. Curiosa, vovó queria entender como conseguíamos trocar mensagens, fotos e vídeos instantaneamente e nos comunicarmos, mesmo com familiares tão distantes geograficamente. A internet já havia, anos antes, lhe causado estranheza. O *WhatsApp* provocou ainda mais, e lhe trouxe também interesse e vontade de aprender a usá-lo.

No mestrado, especialmente por observá-la, propus um problema de pesquisa que une minha admiração pelos idosos à minha vontade de estudar o envelhecimento, a partir do aporte teórico da Psicologia do Desenvolvimento. Com essa dissertação, espero contribuir

para que outros estudantes – e também profissionais – vejam na terceira idade a mesma possibilidade de desenvolvimento que já estamos acostumados a creditar à infância.

Por isso, optei por trabalhar a partir da teoria de Jean Piaget (1896-1980), fundador da Epistemologia Genética. Apesar de toda sua obra ter sido produzida numa época anterior à popularização das novas tecnologias (a exemplo da internet e das ferramentas dela derivadas), Rossetti e Souza (2016) defendem que tal arcabouço permite a formulação de boas perguntas e respostas a respeito da construção de novos conhecimentos e do funcionamento mental, devido a seu caráter universalista. Este procura por regularidades que permitem, simultaneamente, retirar o homem de seu tempo histórico específico e considerar a influência do(s) contexto(s).

As autoras apontam, dessa maneira, que é possível perceber que estudar aspectos do desenvolvimento humano em novos contextos multimídias, tendo como referencial a teoria piagetiana, configura-se em um campo de investigação ainda hoje pouco explorado. Acredito, porém, que possível, dado que tal teoria se mostra atemporal, permitindo o estudo de todas as etapas e contextos de vida.

De modo a explicitar o percurso percorrido para a preparação desse trabalho, gostaria de esclarecer como empreendi a revisão de literatura que o fundamenta. Inicialmente, consultei as bases de dados Google Acadêmico, LILACS e Scielo, usando os descritores “idosos”, “terceira idade”, “envelhecimento”, “velhice”, “Psicologia”, “Psicologia do Envelhecimento”, “Psicologia do Desenvolvimento”, “internet”, “redes sociais digitais¹”, “redes sociais virtuais”, “Facebook”, “Instagram”, “WhatsApp” e “aplicativos”, combinados de diferentes modos. Num segundo momento, gentilmente, Hugo Cristo Sant’Anna (Doutor em Psicologia e Professor do Departamento de Desenho Industrial da UFES) enriqueceu minhas pesquisas, contribuindo com a realização de mineração e processamento de artigos científicos por meio do aplicativo – ainda experimental – Tatuí (Sant’anna, 2018a; Sant’anna & Menandro, 2018).

O processo de mineração, segundo Paz e Cazella (2018), consiste na exploração e extração de conhecimento útil em textos não estruturados ou semiestruturados. Assim, Sant’Anna pesquisou palavras-chave coringas e termos compostos (idos*, terceira idade, psicologia do envelhecimento, psicologia do desenvolvimento, Piaget, afetiv*, cognição,

¹ De acordo com a Biblioteca Nacional (s.d.), o termo adequado é redes sociais *on-line*. Entretanto, nos artigos científicos encontrados na revisão de literatura, apareceram como sinônimos redes sociais digitais e redes sociais virtuais. Ferreira (2017) aponta que existem várias denominações para essa ferramenta, como, por exemplo, mídias sociais e comunidades virtuais. Optamos, no entanto, por adotar nesse trabalho a terminologia redes sociais digitais, considerando que essa foi empregada na coleta de dados e, ainda, de modo a tornar homogêneo o texto.

redes sociais*, rede social*, rede virtual*) nos resumos de cada publicação. Em sua versão atual, o Tatuí permite a busca de dados em periódicos de Ciências Sociais e Aplicadas, Ciências Humanas e Saúde, indexadas no portal Scielo, entre os anos de 1983 e 2018.

Os resultados se referem, dessa forma, a 46 revistas diferentes, totalizando 2.800 edições, os quais o Professor agrupou em três tabelas: em que qualquer palavra-chave fora encontrada; em que pelo menos duas palavras-chave co-ocorriam e, por fim, em que havia a ocorrência simultânea de ao menos três delas. O número de artigos correspondente a cada um desses critérios foi, respectivamente, 999, 268 e 21. Desse modo, analisei os títulos e resumos dos materiais e, em caso de relação com esse estudo, segui com a leitura na íntegra, tendo como prioridade aqueles que concentravam ao menos três ou duas das palavras de interesse.

A partir dos resultados obtidos nas duas formas de busca explanadas e da consulta a livros de Psicologia e Gerontologia, bem como a documentos de órgãos internacionais e nacionais de saúde e assistência social, pude tecer as considerações que se seguem. Gostaria, ainda, de acrescentar que num primeiro momento optei por não adotar a terminologia idoso(s) nesse trabalho, acreditando que assim estaria respeitando os participantes dessa pesquisa, já que a maior parte deles não se considera – como poderá ser verificado na sessão de resultados – plenamente como tal. No entanto, após a banca de defesa e as provocações da professora Cláudia Pedroza, percebi que seria mais fidedigno chamá-los justamente de idosos, porque eles próprios me ensinaram que suas concepções são positivas e não condizem com os estereótipos e preconceitos socialmente compartilhados. Passemos, então, para a introdução deste estudo, iniciando com a apresentação de dados relativos ao fenômeno do envelhecimento.

2. Introdução

2.1 Envelhecimento populacional e legislações correlatas

A população mundial está envelhecendo (OMS, 2015; ONU, 2017; Papalia & Feldman, 2013) e, pela primeira vez na história, a maior parte das pessoas deve viver para além dos 60 anos de idade. A mudança é tal que uma criança nascida no Brasil em 2015 pode esperar viver 20 anos a mais do que uma que nasceu 50 anos atrás no mesmo país (OMS, 2015). Isso faz com que a velhice seja considerada, atualmente, a mais longa etapa do desenvolvimento humano (Santana, Bernardes & Molina, 2016). A proporção de pessoas acima de 60 anos cresce mais intensamente que a de qualquer outra faixa etária (ONU, 2017), sendo esse processo mais acelerado nos países em desenvolvimento (Help Age, s.d.), ou emergentes, caso do Brasil (Pimenta, 2013).

As estimativas referentes a 2017 apontam a existência de 962 milhões de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos no mundo, o que significa 13% da população, com uma taxa de crescimento de 3% ao ano. As projeções preveem que no ano de 2050 essa parcela chegará a 21,5%, isto é, 2,09 bilhões de pessoas idosas. Desse modo, naquele ano, todas as regiões do mundo terão pelo menos um quarto de seus contingentes populacionais nessa faixa etária, excetuando-se o continente africano, que terá 9%. Cinquenta anos depois, isto é, em 2100, poderá se alcançar a marca de 3,1 bilhões de pessoas com 60 anos ou mais no mundo (ONU, 2017).

No Brasil, os números também são expressivos e o aumento da longevidade vem se dando progressivamente ao longo do tempo. É tanto que, se em 1940, a cada 1.000 pessoas que chegavam aos 65 anos de idade, 259 atingiam 80 ou mais anos, em 2017 – dessas mesmas 1.000 – 632 completavam os 80 anos (IBGE, 2018a). A estimativa populacional para o país em 2018 foi de 208,5 milhões de pessoas, sendo 9,2% (19,2 milhões) delas idosas, enquanto 21,9% (44,5 milhões) são compostos por jovens de 0 a 14 anos (IBGE, 2018b).

Em 2030, segundo dados do IBGE (2016a), o número de crianças e adolescentes será, contudo, ultrapassado pelo de idosos no país, em cerca de 2,28 milhões. Essa tendência, de redução no número de crianças e adolescentes e oposto crescimento no que tange aos idosos, seguirá por décadas, até que em 2050, a diferença será de 34,6 milhões. O país terá, então, 14,1% de crianças e adolescentes e 29,4% de idosos, no total da população.

Trinta anos depois, em 2060, aproximadamente um quarto da população terá 65 anos ou mais de idade, o equivalente a 58,2 milhões de idosos em território nacional. O Estado do Espírito Santo acompanhará essa tendência, apresentando 25,2% de sua população composta por idosos naquele ano. Atualmente, o estado conta com um número 16% menor, sendo a oitava unidade federativa com maior proporção de pessoas com 65 anos ou mais no país. Em 2030, passará a ocupar a sétima posição e, em 2060, cairá para a 12^a. Os dados apontam, ainda, que o Estado possui, atualmente, a maior expectativa de vida nacional, prevendo que uma pessoa que complete 65 anos de idade tenha um tempo médio de vida de 85,3 anos. (IBGE, 2018b).

Junto a essas transformações nas estruturas de idade do país aparecem alterações na configuração das pirâmides etárias, com diminuições sucessivas de contingentes populacionais nas bases, ocorrendo, de modo paralelo, aumentos contínuos nas idades posteriores, até se alcançar a forma de uma estrutura piramidal mais estável (IBGE, 2016a). Isso significa, então, que o formato triangular, com base larga, tem cedido lugar a uma pirâmide característica de uma população envelhecida (IBGE, 2015). A sequência de imagens

(figura 1) demonstra a previsão de alteração da pirâmide etária brasileira nos anos de 2020, 2030, 2040 e 2050, nas quais é possível perceber tais aspectos.

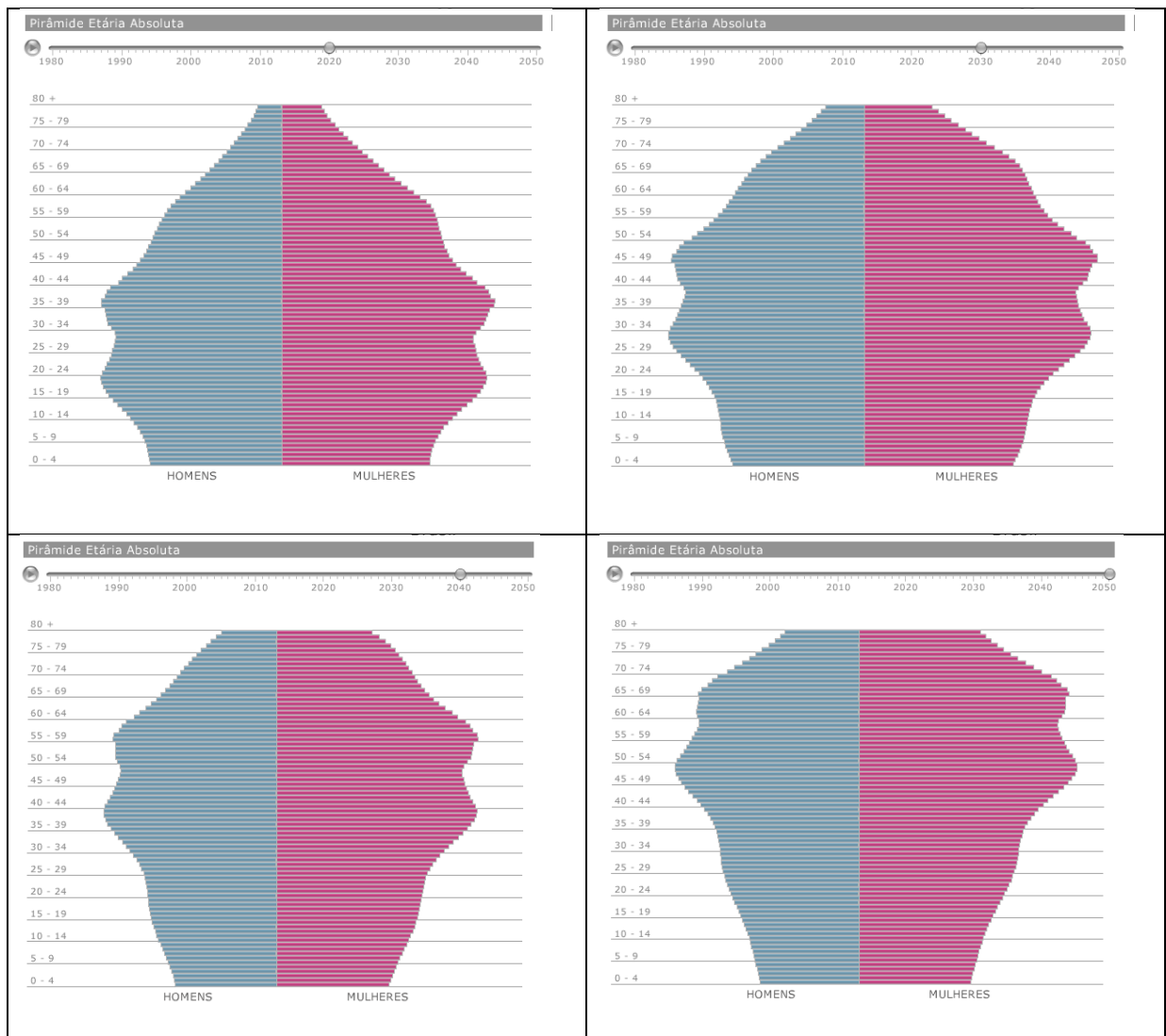


Figura 1. Pirâmide etária brasileira em 2020, 2030, 2040 e 2050 (Fonte: IBGE, 2018a).

Duas questões se destacam no que tange ao movimento demográfico brasileiro. Uma delas é a feminização da velhice, que consiste no predomínio de mulheres na população idosa (Almeida, Mafra, Silva & Kanso, 2015; Camarano, 2011; Küchemann, 2012; Porciúncula, Carvalho, Barreto & Leite, 2014). Para se entender a dimensão do fenômeno, no ano 2000, para um grupo de 100 mulheres havia aproximadamente 81 homens. A previsão para 2050 é que esse número diminua, chegando a 76 pessoas do sexo masculino para esse mesmo grupo (Wong, Carvalho & Pertétuo, 2009).

Esse fenômeno, segundo Nicodemo e Godoi (2010), se estende a todas as regiões do mundo. Isso significa, portanto, que quanto mais envelhece a população, mais feminina ela se torna (Küchemann, 2012), o que se deve a maior mortalidade entre homens em virtude de

taxas de acidentes e violência e, ainda, da maior tendência deles a sofrerem doenças crônico-degenerativas mais precocemente (Pereira, 2008). A isso se somam convenções de gênero e valores que os desencorajam a procurarem por acompanhamento médico mais contínuo durante suas vidas (Bandeira, Melo & Pinheiro, 2010).

Outra característica a se ressaltar na realidade brasileira, por sua vez, é o aumento da proporção de pessoas acima de 80 anos entre os próprios idosos (Camarano, 2011). Esses são considerados *idosos longevos* ou, ainda, *muito idosos* (Camarano, 2004), compondo o segmento populacional que apresenta maior crescimento a nível global (DiPietro, Singh, Fielding & Nose, 2012). Voltando à discussão sobre o contexto brasileiro, as projeções indicam esse envelhecimento progressivo da população mais velha: os idosos longevos constituíam, em 2000, 17% da população; cinquenta anos depois, passarão a representar 28% dela (OPAS, 2009). Aqui também comparece o fenômeno da feminização da velhice, uma vez que para cada conjunto de 100 mulheres com 80 anos ou mais, o número de homens deve reduzir de 71 para 61 entre 2000 e 2050 no país (Wong, Carvalho & Pertétuo, 2009).

É importante considerar que populações envelhecidas resultam da conjunção de diversos fatores, como o declínio da fertilidade acompanhado do crescimento econômico, melhor nutrição, estilos mais saudáveis de vida, aprimoramento no controle de doenças infecciosas, água mais pura e instalações sanitárias mais seguras, além de avanços na ciência, medicina e tecnologia (Administration on Aging, 2003, Dobriansky, Suzman & Hodes, 2007, Kinsella & Velkoff, 2001 como citados em Papalia & Feldman, 2013). Já para Camarano (2002), o aumento de tal parcela da população advém de dois processos, sendo eles a alta fecundidade no passado – referindo-se às décadas de 50 e 60 – e a redução da mortalidade da população idosa.

Tais dados apontam para a necessidade e relevância do aumento no número de pesquisas que visem compreender o envelhecimento e suas condições (Fernandes & Andrade, 2016; Santos & Ortega, 2014). Indicam, ainda, que profissionais de saúde, em especial psicólogos do desenvolvimento, precisam trabalhar no sentido de contribuir para a promoção de um envelhecimento em que a autonomia do idoso seja assegurada (Santos, 2011). O processo de envelhecimento deve ser encarado como um triunfo, mas também como um desafio, que traz consigo novas demandas socioeconômicas e de saúde (IBGE, 2016a). Nesse cenário, em que a taxa de fecundidade diminui e a longevidade aumenta, existe uma maior pressão demográfica para se redirecionar as políticas sociais para o contingente adulto, sobretudo de idosos (IBGE, 2015).

A formulação de políticas e programas destinados a atender as especificidades do processo de envelhecimento vai ao encontro do aumento da expectativa de vida e, também, da busca por um envelhecimento saudável (UFMA, 2014). No entanto, é preciso se atentar ao fato de que os idosos constituem um segmento populacional bastante heterogêneo (Bueno, Vega & Buz, 2009) que requer, assim, políticas diferenciadas e uma abordagem integral, envolvendo diversos setores – saúde, economia, mercado de trabalho, seguridade social e educação (Camarano e Pasinato, 2004).

Visando dar maior visibilidade às questões do envelhecimento humano e ratificar a Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos – assinada pelo Brasil – o Congresso Nacional instituiu, por meio da Lei nº 13.646 (2018), o ano de 2018 como sendo o de valorização e defesa dos direitos humanos da pessoa idosa. É válido lembrar que o país também conta com o Dia Nacional do Idoso, estabelecido em 2006, como 1º de outubro de cada ano (Lei nº 11.433, 2006) – data também adotada pela Organização das Nações Unidas desde 1991.

Existem outros marcos legais que asseguram diversos direitos a esse grupo populacional. Serão citados, aqui, os principais deles, começando pela Constituição da República (1988), que institucionaliza um regime político de caráter democrático no Brasil (Neto, 2012). Em seu artigo 230, a constituição determina que os programas de amparo aos idosos sejam realizados, de forma preferencial, em seus lares. A lei garante, ainda, gratuidade dos transportes coletivos urbanos aos maiores de 65 anos.

Em 1994, o então presidente da república sancionou a Lei nº 8.842 (1994), inaugurando a Política Nacional do Idoso. Essa tem como premissa assegurar os direitos sociais do idoso, por meio da criação de condições que promovam sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Seguindo cronologicamente, tem-se o Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741) em 2003, visando regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Em seu artigo 2º, estabelece que o idoso dispõe de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana e que lhe são asseguradas todas as facilidades e oportunidades para ter sua saúde física e mental preservadas, bem como para desfrutar de aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social. Tal estatuto garante, dentre outras questões, atendimento preferencial e individualizado a pessoa idosa nos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população.

Nas disposições preliminares, o Estatuto do Idoso confere destaque à viabilização de modos alternativos de participação, ocupação e convívio do idoso com outras gerações. Atesta, ainda, em seu artigo 21, que o Poder Público criará oportunidades de acesso à

educação, nos quais os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, de modo a integrá-los à vida moderna. Entende-se, portanto, que a utilização de tecnologias digitais por idosos é um direito assegurado em lei, conforme pontuam Carmo (2016), Chepe e Adamatt (2015), bem como Fragoso, Recuero e Amaral (2011).

No ano de 2005, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) lançou o documento “Envelhecimento ativo: uma política de saúde” (OMS, 2005) com informações para a discussão e elaboração de planos de ação com foco na promoção de um envelhecimento saudável. Nele, envelhecimento ativo é definido como “(...) o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (p. 13). Desse modo, o termo ativo faz referência, além de a bem-estar físico, à participação em questões sociais, econômicas, culturais, civis e espirituais. Com a mesma preocupação, foram divulgados também o Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento (ONU, 2002) e o Plano de Ação sobre a Saúde dos Idosos e Envelhecimento Ativo e Saudável (OMS, 2009).

Por sua vez, a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (Portaria nº 2.528, 2006) tem como finalidade recuperar, manter e promover a independência e autonomia desses cidadãos – considerados, aqui também, aqueles com 60 anos ou mais de idade. Para tanto, indica o direcionamento de medidas coletivas e individuais, consoantes com as diretrizes e princípios do Sistema Único de Saúde (SUS).

Tanto na redação de documentos oficiais como nas ações do dia-a-dia é preciso considerar que o envelhecimento humano é um processo que sofre influências de fatores diversos, como gênero, cultura, classe social, padrão de saúde – individual e coletiva – dentre outros (Schneider & Irigaray, 2008). A esses fatores podem-se acrescentar a informatização da sociedade e a conexão via internet, que geram novas demandas e potenciais para essa ferramenta (Mortari, 2011). Por se tratar de uma tecnologia nova, Miranda e Farias (2009) afirmam que seu impacto é maior no grupo que não teve contato ou não acompanhou sua evolução, isto é, os idosos, pois, segundo Silveira, Parrião e Fragelli (2017), essa geração não é nativa das tecnologias. Assim sendo, o tópico seguinte visa discutir mais profundamente a relação entre a internet – em específico, as Redes Sociais Digitais (RSD) – e a terceira idade, uma vez que a mudança tecnológica está acompanhando o envelhecimento populacional (OMS, 2015).

2.2 Idosos e redes sociais digitais

A internet – sistema de informação global constituído por uma rede mundial de computadores interconectados (Federal Networking Council, 1995 como citado em Miranda & Farias, 2009) – proporcionou uma série de facilidades no dia-a-dia das pessoas, tomando proporções mundiais que a caracterizam como uma das mais revolucionárias invenções do século XX (Miranda & Farias, 2009). Ela tornou-se, assim, o principal marco da atual Era da Informação (Chepe & Adamatt, 2015). Para dimensionar seu impacto no cotidiano das populações e demonstrar como seu tempo de difusão foi exponencialmente menor que o de outras tecnologias, Baldessar (2005) apresenta os seguintes dados: a eletricidade, o telefone, o automóvel e a televisão demandaram, respectivamente, 46, 35, 55 e 26 anos de existência para atingirem a marca de 50 milhões de usuários, enquanto a internet o fez em apenas quatro anos.

A internet inaugurou, portanto, um novo modo de aquisição de informações, pensamento, busca por conhecimento, comunicação social, lazer (Miranda & Farias, 2009), possibilidade de expressão, sociabilização, acesso a informação e entretenimento (Ferreira, 2017). Por meio dela, se pagam contas e fazem-se compras sem sair de casa, realizam-se pesquisas, tem-se acesso a notícias em tempo real, comunica-se com pessoas a longas distâncias e a baixos custos, compra-se e vende-se de tudo, dentre outras possibilidades. Como marca Torres (2012), nela não existem limites de distâncias físicas e temporais.

A Pesquisa Brasileira de Mídia – PBM (SECOM, 2016), realizada em todo território nacional, entrevistou 15.050 pessoas, com 16 anos de idade ou mais, de todas as classes econômicas e de ambos os sexos. Os resultados indicaram que dois em cada três participantes acessam a internet, sendo o ambiente domiciliar o principal entre os locais de maior uso; que o telefone celular é o dispositivo mais utilizado para tal e, ainda, que o tempo médio de acesso diário é um pouco superior a quatro horas e trinta minutos.

O Suplemento de Tecnologias de Informação e Comunicação, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD (IBGE, 2016b) corroborou a predominância do uso do celular como principal meio de acesso à internet no Brasil. Mostrou, ainda, que a utilização da internet (nos três meses que antecederam a coleta de dados) cresceu entre a população com 60 anos ou mais, representando 12,6% em 2013, 14,9% em 2014 e 17,4% no ano seguinte – um aumento de 38,1% em três anos. A parcela idosa da população está, portanto, aderindo cada vez mais à internet (Felizmino & Barbosa, 2018), sendo, além disso, a que mais cresce no uso das redes sociais digitais – RSD (Stacheski, 2013). Segundo a Organização Mundial de Saúde

(2015), por meio da internet, o idoso pode conectar-se continuamente, apesar da distância, com seus familiares ou, ainda, ter acesso a informações que orientem seu autocuidado.

Pesquisa realizada com pessoas acima de 60 anos pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) em parceria com a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas – CNDL (2016) mapeou o estilo de vida dessa população, bem como a relação que estabelecem com a tecnologia e apontou que 53,9% deles acessam a internet. Desse total, 39,3% utilizam-na diariamente, e dois (19,1%) em cada dez idosos realizam compras *online*. O estudo identificou, ainda, que o uso de *smartphones* entre os idosos para se conectarem a internet é maior do que o de aparelhos mais tradicionais – 61,1% utilizam os *smartphones*, 53,6% usam os computadores de mesa, 37,7% o *notebook*² e 11,4% o *tablet*. Sobre as motivações dos idosos para o uso da internet, o estudo indicou que a principal delas é o relacionamento com familiares (62,9%) e amigos (59,8%), seguidos de busca por notícias sobre economia, política, esportes e moda (47,8%), e informações sobre produtos e serviços (43%).

Segundo Kachar (2003), o *ciberespaço* é percebido pelos idosos como um meio de socialização e distração. Nesse sentido, diversas pesquisas apontam as contribuições positivas da internet na vida dos idosos (Dias, 2012; Jantsch, Machado, Behar e de Lima, 2012; Morris, Goodman & Branding, 2007; Neves & Amaro, 2012), como meio de divulgação de informações sobre saúde e atividade física (Espanha, 2009; Miranda & Farias, 2009), lazer (Miranda & Farias, 2009), prevenção/redução do isolamento (Miranda & Farias, 2009; Neves, Amaro, & Fonseca, 2013) e estímulo da atividade cerebral/prevenção do envelhecimento cerebral (Cruz et al., 2017; Freese, Rivas & Hargittai, 2006; Miranda & Farias, 2009;).

Shirky (2010) relata que, numa época em que a população *online* era reduzida e a internet não era presente na vida diária da maioria das pessoas, existia uma visão de que o *ciberespaço* mantinha-se desvinculado do mundo real. Atualmente, porém, considerando a existência e disseminação de computadores e telefones cada vez mais sofisticados, começa a desaparecer a noção de *ciberespaço*. O autor afirma que “nossas ferramentas de mídia social não são uma alternativa para a vida real, são parte dela” (p. 37). Semelhantemente, Lévy (1996) defende que o virtual não se opõe ao real.

Surgem, nesse cenário, as redes sociais digitais (RSD), que podem ser consideradas um movimento da contemporaneidade (Filho, Nascimento & Sá, 2012), fazendo parte da rotina de centenas de milhões de pessoas (Bordingnon & Bonamigo, 2017; Santos, 2016). A

² Traduzido para o português, *notebook* significa caderno, sendo *laptop* o termo adequado, em inglês, para computador portátil. No entanto, adotou-se, neste trabalho, *notebook* como sinônimo de *laptop* para facilitar a compreensão dos participantes, uma vez que costuma assim ser popularmente empregado.

existência de tais redes é possível em função do desenvolvimento da internet (Brescia, Costa & Tufy, 2013). Já sua ampliação está atrelada à velocidade da comunicação, ao alcance expandido dos espaços geográficos e à disseminação das tecnologias de informação e comunicação (Angelo, 2016). Como tecnologia atual, as RSD contribuem na promoção de metas coletivas, relações sociais e práticas cotidianas (Laluzza & Camps, 2010). Possibilitam, também, transformações nos vínculos pessoais e sociais, na medida em que se podem estabelecer, através delas, comunidades e laços afetivos com pessoas situadas em qualquer região do mundo, pelo compartilhamento de experiências, sentimentos, ideias, dentre outros, de modo rápido e fácil (Bordingnon & Bonamigo, 2017). Para Vermelho, Velho, Bonkovoski e Pirola (2014), tais redes permitem que a comunicação seja mais flexível, tendo os usuários maior liberdade de expressão de opiniões, sem limitações de espaço e tempo.

As RSD, segundo Torres (2012, p. 113), caracterizam-se como “*sites* na internet que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é ao mesmo tempo produtor e consumidor da informação”. O autor esclarece que recebem, pois, essa denominação porque são sociais, isto é, livres e abertas para a colaboração e interação dos usuários e, ainda, são mídias na medida em que funcionam como meios de transmissão de conteúdos e informações. Dessa forma, seus conteúdos tendem ao infinito, pois qualquer usuário pode contribuir com outros, sempre que assim o desejar (Souza, Araújo & Paula, 2015).

Já Lima (2011) descreve as RSD como espaços ou grupos específicos na internet que oportunizam o compartilhamento de dados e informações de caráter geral ou particular de diversos modos: arquivos, textos, fotos, imagens, vídeos, dentre outros. O autor destaca que pode haver a formação de grupos motivados por afinidade, bem como de espaços abertos ou fechados para a realização de discussões, debates ou apresentação de vários assuntos. A essência dessas redes consiste, portanto, em relacionamentos derivados da criação e compartilhamento coletivo de conteúdo, seja ele texto, áudio, imagem ou vídeo (Torres, 2012).

As RSD podem ser definidas por meio de dois elementos principais, sendo eles os atores e suas conexões (Chepe & Adamatt, 2015). Os atores referem-se às pessoas, instituições ou grupos, constituindo os nós da rede. Já as conexões são as interações ou laços sociais, indicados pelas arestas (Wasserman e Faust, 1994, Degenne e Forse, 1999 como citados em Recuero, 2009). Assim, Alejandro e Norman (2005) postulam que em uma rede há um grupo de pessoas que, de forma agrupada ou individual, se relacionam com um fim específico, a partir da existência de fluxos de informações. Acrescentam que elas podem ser

constituídas por poucos ou muitos atores e, ainda, por um ou mais tipos de relações entre pares de atores.

As RSD estão, portanto, relacionadas às interações sociais que se estabelecem em meio digital e que podem ser identificadas a partir da análise das relações que os atores mantêm entre si. Por sua vez, os *sites* de redes sociais são os sistemas ou as plataformas que dão suporte às redes na internet (Chepe & Adamatt, 2015). Exemplos de RSD são *Facebook*, *WhatsApp*, *Twitter*, *Myspace*, *Linkedin*, *Badoo*, *Hi5*, *Instagram* e *Waze* (Alves, Abreu, Medeiros & Costa, 2018).

Considerando que as RSD apresentam diferentes enfoques, com a oferta de perfis e finalidades singulares (Wandsheer & Corrêa, 2013), é válido tratar em específico de algumas delas, começando pelo *Facebook*. Criada em 2004 por Mark Zuckerberg, ex-estudante da Universidade de Harvard (Lima, 2011), essa RSD define sua missão, em sua página oficial no Brasil, como: “dar às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar o mundo” (*Facebook*, s.d.). A comunicação no *Facebook* inclui um sistema de mensagens que permite a realização de diálogos de modo privado ou de caráter público, através de um mural (Grimmelmann, 2009). Além disso, o usuário tem a seu dispor, na página inicial da rede, a apresentação de informação relacionada a si, centralizada e atualizada em tempo real; um calendário de eventos personalizado e um *feed* de notícias – no qual os conteúdos de maior importância, publicados por seus amigos, são exibidos de forma cronológica (Lewis et al., 2008, Fletcher, 2010 como citados em Correia & Moreira, 2014).

Entre as funcionalidades, o *Facebook* permite a seus usuários publicar fotos e identificar através do nome outros utilizadores que nelas aparecem (Grimmelmann, 2009). Tal RSD dispõe, ainda, de formas rápidas de interação social (Correia & Moreira, 2014), como, por exemplo, o botão “curtir”, disponibilizado em 2009 (Ortega, 2016) e que, sete anos mais tarde, ganhou cinco ícones denominados *reactions*, visando ampliar as formas de expressão de seus usuários (Teehan, 2016). Tais ferramentas trazem em si uma série de contornos de sentido (Recuero, 2014) – como aprovação, espanto, tristeza e raiva – representados por *emoticons*, isto é, imagens ilustrativas de expressão facial que visam traduzir emoções e sensações (Moro, 2016; Sanchotene, 2017) e que podem ser compreendidas em qualquer cultura (Pinheiro, 2018). Além disso, o uso do “curtir” surge como um meio de participar de uma conversa sem, no entanto, precisar esforçar-se para elaborar uma resposta (Recuero, 2014).

O *WhatsApp*, por sua vez, em seu *site* oficial (s.d.), apresenta-se como uma alternativa ao sistema de mensagens SMS, consistindo, atualmente, em uma das RSD mais utilizadas

(Souza, Araújo & Paula, 2015). O nome é derivado de um trocadilho com a expressão em língua inglesa *What`s up?* (E aí?, em tradução livre). Nele, é possível enviar e receber diversidade de arquivos de mídia (fotos, documentos, vídeos, compartilhamento de localização, textos e chamadas de voz). Ainda segundo o *site*, mais de um bilhão de pessoas, distribuídas em 180 países, utilizam o *WhatsApp* para comunicarem-se a qualquer hora.

A RSD em questão emite um alerta de som que, inclusive, permite ser personalizado pelo usuário, para informar que houve o recebimento de uma mensagem. Oferece, ainda, a possibilidade da formação de grupos – de amigos, familiares, colegas de trabalho ou qualquer outro – sob a organização de um administrador que é o responsável por convidar pessoas a o comporem, sem delas demandar aceitação prévia. Além disso, o *WhatsApp* proporciona, como parte de seus recursos, vários desenhos e *emoticons*, que tornam mais lúdica a interação (Souza, Araújo & Paula, 2015). Além dos *emoticons* tradicionais, é possível criar outros, personalizados (com rosto, gênero, tipo de cabelo, cor de pele e outras características conforme a intenção do usuário), e ainda agregar a eles indicação de sentimento, como raiva, amor e alegria (Mundo Positivo, s.d.).

Já o *LinkedIn*, cuja tradução para o português significa “ligados em” (Wandscheer & Corrêa, 2013), caracteriza-se por ser uma rede social profissional – uma das mais populares nesse ramo, com foco no ambiente corporativo (Nascimento, 2011). Em seu *site* oficial (s.d.), informa contar com mais de 562 milhões de usuários, espalhados em 200 países e territórios, e ter como missão conectar profissionais de todo o mundo. Tal rede permite, assim, a divulgação de vagas de emprego e, ainda, de currículos (Wandscheer & Corrêa, 2013).

O *Instagram*, surgido em 2010, foi criado pelo americano Kevin Systrom em parceria com o brasileiro Mike Krieger (*Instagram*, s.d). Tem como finalidade central o compartilhamento de fotos e vídeos (Demezio, Silva, Rodrigues, Oliveira, Barbosa & Melo, 2016), acompanhando, assim, a tendência dos consumidores em utilizar RSD baseadas em imagens (Smilansky, 2015). Segundo Piza (2012), essa RSD foi pensada para resgatar as clássicas câmeras fotográficas *polaroids* (de revelação instantânea), tornando-se, no entanto, também um meio comercial, no qual variadas empresas de pequeno e grande porte mantêm perfis e divulgam sua marca, serviço ou produto de forma mais interativa com o público-alvo (Demezio et al., 2016).

O *Instagram* caracteriza-se pela assimetria, isto é, o número de pessoas que o usuário segue não necessariamente equivale ao de pessoas que o seguem (Hu, Manikonda & Kambhampati, 2014). Em sua página oficial, contabiliza que há mais de um bilhão de usuários ativos na rede por mês e mais de 500 milhões diariamente, com mais de 400 milhões

de histórias diárias ativas (*Instagram*, s.d). Dentre as funcionalidades, essa RSD oferece: ferramentas variadas de edição de vídeo e fotografias, como filtros e controle de brilho e cor; possibilidade de acréscimo de legenda ao conteúdo postado, bem como de compartilhamento simultâneo em outras redes, como o *Facebook* e o *Twitter* (Santos, 2016), além de comunicações privadas, via *direct message* (Demezio et al., 2016).

O *Twitter*, por sua vez, lançado em 2006, é um microblog, com capacidade de escrita limitada a 140 caracteres (Filho, Nascimento & Sá, 2012) que permite ao usuário o envio e também a leitura de atualizações pessoais (textos, imagens ou links). A principal diferença dessa RSD com as demais reside na possibilidade de unilateralidade, isto é, não é necessário que haja um vínculo de amizade virtual para que as informações possam ser acessadas por outro usuário. Desse modo, ao se “seguir” uma pessoa no *Twitter*, acompanham-se as atualizações dela e ela, por sua vez, é avisada por *e-mail* de que está sendo “seguida”, podendo decidir, então, se também seguirá ou não aquela pessoa (Petry & Simonetto, 2013).

As RSD citadas têm em comum o fato de não se dirigirem a um público específico, no entanto, Ferreira (2017) destaca que estão sendo elaboradas, ao redor do mundo, redes voltadas exclusivamente para o público mais velho. Uma delas é o *Stitch*, direcionada a pessoas acima de 50 anos de idade que, em sua página oficial (s.d), destaca a importância da companhia, salientando, assim, que não se trata de uma RSD destinada unicamente para relacionamentos amorosos, mas para vínculos de modo geral. Outro exemplo é o *Ourtime*, o qual está disponível no Brasil, e se define como um *site* de relacionamento para pessoas maduras (OurTime.com, s.d).

A partir das descrições das RSD, é possível perceber que elas propiciam aos usuários diversas funcionalidades e recursos que podem ser caracterizados como lúdicos (Silva, 2018). Queiroz e Melo e Perfeito (2013) destacam que, na contemporaneidade, a experiência lúdica está diretamente associada e influenciada pelas novas tecnologias, assumindo, assim, novas versões. Missawa (2017), recorrendo aos estudos de Piaget e seus colaboradores, destaca que as práticas lúdicas são fundamentais para a promoção do desenvolvimento tanto da inteligência quanto da afetividade. Borba e Melo (2010) corroboram tal opinião, ao defenderem que situações lúdicas promovem o estímulo à autoestima e à interação social, uma vez que possibilitam circunstâncias desafiantes às capacidades intelectuais e cognitivas. Além disso, promovem aspectos importantes para o amadurecimento emocional dos indivíduos, como criatividade, autonomia e curiosidade.

Queiroz e Melo (2003) define o lúdico como canal de experimentação da realidade, no qual se arriscam soluções, erra-se e procura-se por novas estratégias, não importando se

ocorrem em novas ou velhas tecnologias. As situações lúdicas são, assim, formas de experimentar a si e ao mundo desapeadamente (Queiroz e Melo & Moraes, 2016). Nesse contexto, vários estudos foram desenvolvidos a partir de jogos de tabuleiros (Miranda, 2005; Missawa, 2017; Ortega, Silva & Fiorot, 2002; Queiroz, Ortega & Stursa, 2012; Rossetti & Ribeiro, 2009; Santos & Ortega, 2008; Santos, Ortega & Queiroz, 2010) e eletrônicos (Fernandes, Carramillo-Going, Lemos, Avoglia & Alves, 2017; Matos & Lima, 2015; Miranda, 2018;) na perspectiva piagetiana. Considerando, todavia, que as oportunidades de ludicidade ofertadas pelas tecnologias digitais não se esgotam facilmente (Queiroz e Melo & Perfeito, 2013), abrem-se possibilidades de investigação de jogos sociais, isto é, jogos cuja plataforma são as próprias RSD.

É importante destacar que as atividades lúdicas podem ser verificadas em todas as faixas etárias, representando, na verdade,

(...) sinal de saúde psíquica que garante flexibilidade dos esquemas afetivos, cognitivos e sociais do sujeito em relação à experimentação de possibilidades ao longo da vida. Nas atividades lúdicas, brincando ou jogando, pessoas de qualquer idade manipulam e exploram a realidade, nas suas pautas de funcionamento, em seus limites e possibilidade (Queiroz e Melo & Moraes, 2016, p.90).

A descrição dessas RSD permite, ainda, observar um importante aspecto de seu funcionamento, citado por Picon et al. (2015): dispõem de diversos mecanismos que estimulam o constante retorno do usuário a elas, fazendo, portanto, que as acessem com frequência. Exemplos são as notificações de atualizações nos perfis dos contatos/amigos, verificação de curtidas e recebimento de comentários, fazendo despertar a vontade de se conferir o que está ocorrendo nos perfis digitais. Nesse sentido, tem-se realizado estudos sobre dependência não só de internet como também de RSD (Felizmino & Barbosa, 2018; Guedes, Nardi, Guimarães, Machado & King, 2016; Moromizato, Ferreira, Souza, Leite, Macedo & Pimentel, 2017; Picon et al., 2015).

O fato é que as RSD representam, atualmente, as plataformas digitais de maior abrangência para a socialização e comunicação das informações no universo virtual (Chepe e Adamatt, 2015). Pesquisa realizada pela agência *We are Social* e plataforma *Hoosuite* (2017) indicou que dentre 4.021 bilhões de pessoas que utilizam a internet – o que representa mais da metade da população mundial – 3.196 bilhões estão, também, fazendo uso de RSD, conforme figura 2.



Figura 2. Principais indicadores estatísticos para usuários mundiais de internet, dispositivos móveis e redes sociais (Fonte: wearesocial.com, 2018).

A pesquisa também apontou que o número de usuários mundiais de RSD cresceu, entre janeiro de 2017 e o mesmo mês de 2018, o equivalente a 13%, isto é, 362 milhões de pessoas passaram a usar tais redes no período de um ano. A taxa foi maior que a relativa ao aumento de usuários da internet (7%) no mesmo intervalo de tempo, o que também aconteceu no Brasil, onde as RSD cresceram 7% ao passo que não houve mudanças quanto aos utilizadores de internet.

Os dados mostraram, ainda, que dos 139.1 milhões de brasileiros (66% da população total) que têm acesso à internet, 130 milhões são usuários ativos de RSD – destes, 120 milhões acessam suas redes por meio de *smartphones*. Esses números levaram os brasileiros a ocuparem os primeiros lugares no uso de tais ferramentas, com nove horas e 14 minutos navegando diariamente na internet (o terceiro país no *ranking* mundial), sendo três horas e 39 minutos em RSD (o segundo colocado dentre todos os países).

Quando investigados os aplicativos com maior número de usuários ativos mensalmente, bem como com maior número de *downloads* no país, os resultados também demonstraram a expressividade das RSD. É tanto que, dos primeiros cinco aplicativos de ambos os *rankings*, quatro são RSD, sendo elas *WhatsApp*, *Facebook*, *Messenger* e *Instagram*.

Outra pesquisa, a *Global Social Media*, realizada pela empresa alemã *Statista* (2019), indicou que o *Facebook* é a RSD mais acessada em todo o mundo. O estudo elencou as redes de maior popularidade a partir de dados divulgados pelas próprias plataformas de mídias

sociais a respeito do número de usuários ativos por mês (em milhões), referentes a janeiro do corrente ano.

O Facebook também apareceu como a RSD de maior utilização em pesquisas brasileiras, como a desenvolvida pelo SPC e CNDL (2016), com 77,3% de representatividade, bem como as de Cruz et al. (2017) e Jantsch et al. (2012). Segundo estudo mais atual, realizado pelo Conecta (2017), a partir da investigação de 2000 internautas, a predominância é do *WhatsApp*, como pode ser constatado na figura 3.

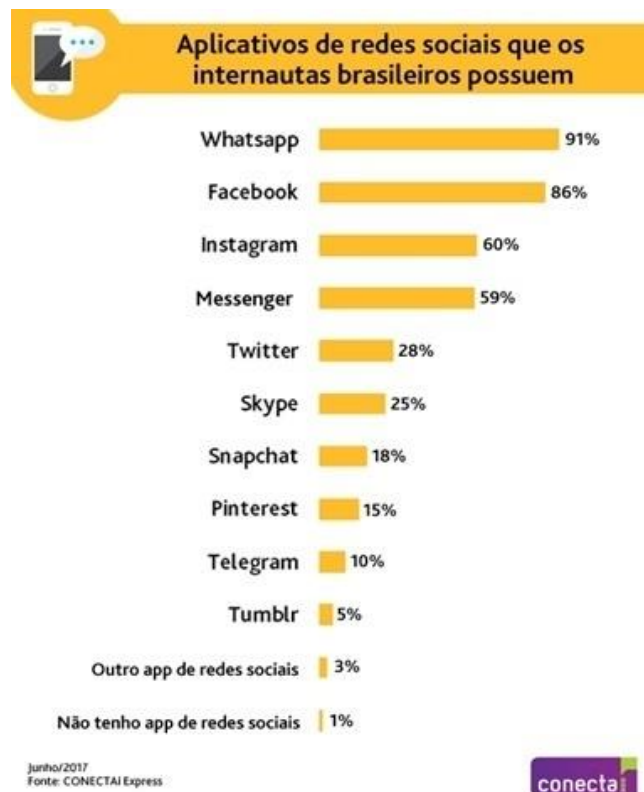


Figura 3. Gráfico dos aplicativos de RSD mais utilizados no Brasil (Fonte: conecta-i.com, 2017).

No estudo da agência *We are social* (2018), o qual entrevistou brasileiros entre 16 e 64 anos de idade, o *Youtube* apareceu como a RSD mais utilizada (60%), seguida imediatamente pelo *Facebook* (59%) e *WhatsApp* (56%). O tempo médio gasto em cada acesso nessas redes foi, respectivamente, 20 minutos e 33 segundos e 13 minutos e 55 segundos. Além disso, na contramão da tendência mundial, no Brasil as mulheres são maioria entre os usuários do *Facebook* e *Instagram*, representando, respectivamente, 54% e 59% do público total.

Percebe-se, portanto, que, por meio das RSD introduzem-se novos modos de comunicação, os quais atraem também aos idosos, que têm se inserido cada vez mais no

contexto das tecnologias (Silveira, Parrião & Fragelli, 2017). Cruz et al. (2017) caracterizam-nos como um grupo interessado e curioso pelo aprendizado e inserção nas RSD. Conforme Jantsch et al. (2012), tais tecnologias podem auxiliar as pessoas de mais idade a reduzirem os sentimentos de solidão e isolamento, atuando, ainda, como uma ferramenta promotora de um envelhecimento ativo. Já Rocha (2013), em sua dissertação de mestrado, cita os estudos de Ford e Ford (2009), Cotten et al. (2012) e Ballantyne et al. (2010), segundo os quais a inclusão dos idosos no universo tecnológico reduz o sentimento de isolamento social, bem como os sintomas de depressão e a sensação de solidão.

Para Azevedo e Côrte (2009), os idosos têm se recusado a manterem o lugar social que lhes foi dado, apropriando-se, além de espaços públicos, dos virtuais. Isso fornece, portanto, a oportunidade de rever paradigmas e percepções sobre o envelhecer e sobre o idoso, que, historicamente, é relacionado a doenças, perdas e limitações. É deles, inclusive, o percentual de usuários das RSD que mais cresce a nível mundial (Ferreira & Teixeira, 2017). Os dados brasileiros, por sua vez, apontam que esse crescimento representa uma taxa de 2% ano (IBGE, 2015).

Apesar dessa realidade, um estudo desenvolvido em oito bases de dados por Vermelho et al. (2014), a partir da busca de trabalhos científicos sobre RSD publicados entre 2001 e 2011, revelou que esse tema aparece associado ao público idoso em apenas uma dissertação ou tese (sem especificar o tipo de produção científica). No entanto, o público jovem faz-se presente em 19 artigos e 17 dissertações/teses sobre RSD. Quando analisaram, por sua vez, as produções por área de conhecimento, os autores constataram que não houve nenhuma sobre tais redes na perspectiva da Psicologia. Os destaques ficaram para Educação (10 artigos e 30 dissertações/teses) e Ciências da Comunicação (10 artigos e 29 dissertações/teses). Tais dados reforçam, portanto, a importância de estudos como o desta dissertação.

Brescia, Costa e Tufy (2013) ressaltam que as RSD podem representar mais do que uma importante ferramenta para a comunicação na sociedade informacional atual, destacando que, como espaços de interação e sem fronteiras, favorecem as relações sociais e afetivas. Os autores defendem, ainda, que tais redes propiciam, ao mesmo tempo, a construção da aprendizagem e a troca de conhecimentos. Além disso, o acesso ao mundo digital pela população idosa possibilita a manutenção de seus papéis sociais (muitas vezes, perdidos ou enfraquecidos pela aposentadoria e emancipação dos filhos), o exercício da cidadania, a autonomia e a participação ativa na sociedade (Skura, Velho, Francisco, Faria & Macuch, 2013). Nesse sentido, as tecnologias de comunicação favorecem a melhoria da qualidade de vida da pessoa idosa, uma vez que permitem que se inclua no movimento sociocultural atual

e, por consequência, tenha sua autoestima elevada (Kachar, 2003). Bueno et al. (2009) defendem que, dado a maior duração da velhice, os indivíduos têm que dar continuidade a seu processo de socialização e adaptação aos contextos em que se desenvolve, nesse caso, cada vez mais tecnológicos.

De modo semelhante, Dellarmelin, Balbinot e Froeming (2017), a partir de pesquisa quantitativa desenvolvida em 2015 com 191 pessoas acima de 60 anos, perceberam que o público idoso se apropria das RSD como mecanismo de diálogo e de inserção social. Os autores afirmam que “as novas tecnologias e as redes sociais, por meio das comunidades *online*, tornam-se um espaço para a ressocialização, auxiliando os idosos a serem ativos e a integrarem-se na sociedade contemporânea via sua inserção no mundo virtual” (p.175-176). Por meio da aplicação de questionários, tanto presenciais quanto *online*, concluíram ainda que os idosos permanecem até quatro horas diárias navegando em suas redes; que a RSD mais acessada pela amostra é o *Facebook* (94,74%), seguido do *WhatsApp* (85,79%); e que as principais motivações para criarem perfis nelas é poderem conversar com outras pessoas e manter relações familiares e afetivas próximas.

Visando investigar a influência da utilização das RSD na qualidade de vida de pessoas acima de 60 anos, Jantsch et al. (2012) realizaram a aplicação de dois instrumentos, além de observações virtuais, a 19 idosos frequentadores de um curso de inclusão digital desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os resultados indicaram que os idosos usam suas redes com frequência (uma ou mais vezes por semana), sobretudo o *Facebook* e que suas principais motivações são, respectivamente, comunicação, lazer e trabalho. Os autores concluíram também que os idosos buscam nas RSD a possibilidade de se reinserirem socialmente, destacando que, uma vez que compreendem seu funcionamento, adquirem subsídios para assuntos futuros em interações com familiares e amigos. Isso, segundo os pesquisadores, os faz sentirem-se presentes no mesmo universo que outras gerações.

Resende e Cardoso (2014) realizaram investigações no *Facebook*, mais especificamente nos perfis de 100 idosos, com vistas a analisar o comportamento virtual desse público. Para complementar e aprofundar os dados, fizeram também entrevistas a 15 deles. Os autores destacaram, em seus resultados, que os idosos criaram e mantêm perfis na RSD sobretudo para se comunicarem com familiares ou poderem ver suas fotos e, dessa maneira, sentirem-se mais próximos deles. Assim, a maioria das pessoas com quem interagem nas redes é composta de familiares e amigos íntimos.

Pesquisa realizada por Ferreira (2017), em sua dissertação de mestrado, visou compreender o uso de RSD por idosos. Para tanto, foram investigados 21 idosos com perfis

em RSD, por meio da realização de entrevistas. Dentre os resultados, a autora apontou que a amostra tinha como fatores motivadores para o uso de tais redes a possibilidade de maior e melhor comunicação com familiares, a vontade de sentirem-se pertencentes e incluídos na sociedade, e a questão de economia de dinheiro – dado que, pelas RSD, os idosos podem se comunicar e trocar arquivos sem custo adicional aos que já têm com seus telefones ou computadores.

A pesquisadora constatou, ainda, que: a rede mais utilizada pelos idosos é o *WhatsApp*, em função da facilidade de uso; o *smartphone* é o aparelho mais empregado para o acesso às redes; as mensagens instantâneas representam os recursos mais populares (seguidas de fotos e vídeos, publicação e compartilhamento no mural do *Facebook* e participação em grupos) e, por fim, que o incentivo para a criação de perfil nas RSD veio, sobretudo, de familiares. Ferreira (2017) salientou, ainda, que foi notável nas entrevistas o compartilhamento de certo sentimento de nostalgia entre os idosos que, através das redes, resgatavam o passado, sobretudo recordações vividas com familiares. A pesquisadora concluiu, assim, que usando as RSD para se comunicarem com filhos e/ou netos, os participantes podiam amenizar os sentimentos de saudades.

Retomando a questão do maior uso de *smartphones* para acesso às RSD, vale acrescentar que também Cruz et al. (2017), estudando o consumo dessas redes pela terceira idade, constataram que as idosas pesquisadas também utilizam-se mais deles do que de outros aparelhos, como computadores. A razão para isso é que têm maior facilidade de operá-los. A esse respeito, Albinsson e Zhai (2003) afirmam que as telas sensíveis ao toque (*touch screen*) são a maneira mais direta de interação entre o homem e o computador, nas quais as informações encontram-se todas numa mesma superfície. Considerando que elas dispensam a necessidade de se prestar atenção e manusear outros dispositivos de entrada de dados – como o teclado e o *mouse* – tornaram-se intuitivas e de fácil utilização, sobretudo para iniciantes. Rocha (2013) complementa que essas telas permitem a interação por meio da pressão exercida pelos dedos, dispensando a realização de força para os comandos.

Outra pesquisa que merece destaque é a *Age 2.0* (Exeter, 2014), liderada por equipe da Universidade de Exeter, no Reino Unido, com vistas a avaliar em que medida a internet e as RSD atuam como ferramenta para a promoção do envelhecimento ativo. Para tanto, foram investigados 76 idosos, entre 60 e 95 anos de idade, divididos em grupos controle e experimental. Esse último recebeu treinamento de um pacote computacional (computador, teclado com tela sensível ao toque e conexão de internet) por três meses. Os pesquisadores concluíram que os idosos treinados para a utilização de RSD apresentaram melhora na

capacidade cognitiva, engajaram-se mais em atividades sociais e aumentaram o senso de auto-eficácia, tendo, portanto, um impacto geral benéfico em sua saúde mental e bem-estar. Por outro lado, os do grupo controle sentiram-se mais solitários e isolados, além de tornarem-se mais propensos a doenças. O estudo contribuiu, assim, para o entendimento de que as conexões sociais proporcionadas pelas RSD são fundamentais tanto para a saúde física quanto cognitiva dos idosos.

Bordignon e Bonamigo (2017) analisaram as implicações das RSD nos relacionamentos de outro público, os jovens, por meio de estudo cartográfico. Para tanto, formaram um grupo focal virtual no *Facebook*, com sete participantes entre 18 e 23 anos de idade, do Estado de Santa Catarina. Os autores constataram que os jovens dedicam mais de quatro horas por dia às RSD, mas que realizam outras atividades concomitantemente. Perceberam, ainda, que, dentre os motivos que os levam a utilizá-las, estão manter contato com familiares, amigos e pessoas que não veem há tempo, conhecer outras pessoas, participar de grupos, dentre outros aspectos relacionados a comunicação.

Os idosos, no entanto, vislumbram alguns riscos no uso das RSD, a exemplo do medo de exposição e de interpretações equivocadas de suas postagens (Cruz et al., 2017), com a divulgação de dados pessoais e invasão de privacidade (Dias, 2012; Jantsch et al., 2012). Na pesquisa de Jantsch et al. a amostra apontou, ainda, temer a propagação e o impacto social de informações não fidedignas – as atuais *fake news*. Para conceituá-las, Delmazo e Valente (2018) citam Alcott e Gentzkow (2017, p. 4), segundo os quais as *fake news* consistem em “artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores” (tradução dos autores). Delmazo e Valente destacam, ainda, que elas sempre existiram, mas assumiram grande potencial de disseminação no ambiente virtual, o qual facilita sua circulação.

Considerando a propagação das RSD no cotidiano dos idosos e, ainda, os desdobramentos – sejam eles apontados pela literatura como positivos ou negativos – na vida desse público, seguem considerações tecidas a partir da Psicologia do Desenvolvimento a respeito do fenômeno do envelhecimento.

2.3 Envelhecimento: um campo de estudo pertinente à Psicologia do Desenvolvimento

Nas sociedades orientais, o envelhecer é compreendido em termos de progresso e aquisição, sendo os idosos respeitados pelo conhecimento que acumularam no decorrer de suas vidas e, ainda, pelos ensinamentos que podem transmitir aos mais jovens. No cenário ocidental contemporâneo, entretanto, assistem-se aos avanços científicos e tecnológicos que

buscam, incansavelmente, o prolongamento da vida humana e reforçam, por sua vez, a ilusão da juventude eterna. O envelhecimento configura-se, assim, como um antagonismo ao padrão estético imposto (Moreira & Nogueira, 2008), sendo associado, portanto, a inatividade, declínio biológico (Jantsch et al., 2012), estigmas e preconceitos.

Dessa forma, segundo Moreira e Nogueira (2008), a contemporaneidade produz um paradoxo: avança cientificamente com sucesso para aumentar a expectativa de vida, ao passo que não está preparada para acolher e reconhecer o lugar e o papel daqueles que envelhecem. A isso se soma o fato de que, apesar de o homem passar a maior parte de sua vida como adulto, conhece-se menos sobre o desenvolvimento psicológico na vida adulta e velhice do que na infância e adolescência (Neri, 1995). Tal constatação está atrelada ao caráter recente do interesse da Psicologia pelo estudo do envelhecimento, cujo início sistemático se deu a partir do final dos anos 50 do século passado (Neri, 1995). Considerando que, tradicionalmente, os focos do estudo do desenvolvimento humano têm sido a criança e o adolescente, muitos manuais de Psicologia do Desenvolvimento se limitam a abordar tais etapas da vida (Bee, 1984, Cole & Cole, 2004 como citados em Mota, 2005).

Segundo Mota (2005), este enfoque, no entanto, vem mudando gradativamente nas últimas décadas, existindo, hoje, um consenso de que a Psicologia do Desenvolvimento precisa dedicar-se ao estudo dos indivíduos ao longo de todo seu ciclo vital. A autora cita, como exemplo, a definição de desenvolvimento de Papalia e Olds (2000, p.25): “o estudo científico de como as pessoas mudam ou como elas ficam iguais, desde a concepção até a morte”. Neri (2001) e Palácios (2009) acrescentam que a identificação clássica de infância a crescimento/subida, idade adulta a culminância/platô e velhice a contração/descida (sobre a qual foram erigidas a Psicologia do Desenvolvimento e a Gerontologia) é hoje considerada insuficiente para explicar a complexidade do processo de desenvolvimento.

Neri (2008) ressalta que a Psicologia brasileira, em específico, não apresenta produção volumosa, de longo prazo e contínua sobre o tema da velhice. A pesquisadora afirma que a difusão da informação a respeito do assunto é prejudicada em parte por não constar sistematicamente, no currículo das universidades, disciplina dedicada ao estudo do envelhecimento humano. De modo paralelo, Santos (2011) destaca que são praticamente inexistentes as publicações sobre idosos na perspectiva piagetiana, que constitui foco de interesse deste trabalho.

Nos primeiros 60 anos do século XX, a Psicologia encarou a velhice como sinônimo de exclusivo declínio (Neri, 2006), predominando a ideia de crescente prejuízo intelectual na vida adulta e na velhice (Yerkes, 1921, Miles & Miles, 1932, Lehman, 1953 como citados em

Neri, 2006). Os estudos realizados eram ateóricos, baseados em conceitos então vigentes sobre a velhice como período de perdas e, ainda, sobre a velhice bem-sucedida como fruto de conquista e responsabilidade individual (Neri, 1995).

Posteriormente, alguns teóricos contribuíram para o início da mudança de visão sobre o fenômeno. No final da década de 60, por exemplo, Erickson (1902-1994) formulou sua teoria do desenvolvimento da personalidade segundo oito fases, caracterizadas cada uma por crises evolutivas, contemplando desde o bebê até o velho. Jung (1875-1961), na década seguinte, também avançou para a compreensão da vida em toda sua extensão, dividindo-a em duas metades: a primeira (infância, adolescência e vida adulta inicial) com metas direcionadas ao mundo externo e a segunda (meia-idade e velhice), por sua vez, à revisão da vida, busca de autoconhecimento e de autoaceitação (Neri, 2013).

Outras teorias surgiram, mas o paradigma que guiou a constituição da Psicologia do Envelhecimento foi o *life-span* ou curso de vida, sendo essa a corrente dominante na área (Neri, 2006). Este pressupõe que envelhecer e desenvolver-se são processos correlatos, uma vez que “são eventos de duração, relativos a transformações em padrões comportamentais” (Neri, 1995, p.28-29) e que, apesar de limitações biológicas, os processos psicológicos já estabelecidos se mantêm, podendo haver desenvolvimento. Esse é, portanto, o pressuposto teórico adotado nessa dissertação, assim como o fizeram Santos (2011) e Miranda (2016) em suas teses de doutorado.

Scoralick-Lempke e Barbosa (2012) pontuam que um dos aspectos centrais do *life-span* refere-se ao entendimento de que as capacidades cognitivas desenvolvem-se durante toda a vida, o que naturalmente inclui a velhice, indo de encontro à concepção tradicional de que apenas crianças e adolescentes apresentam desenvolvimento intelectual. Santos (2007) aponta, no entanto, que ainda são escassas no Brasil pesquisas a partir da visão de idoso em movimento, o que pode contribuir para a continuidade da reprodução de ideias negativas a respeito deles.

A perspectiva *life-span* apoia-se nas tradições contextualista e dialética, e defende princípios da multidimensionalidade e multidirecionalidade do desenvolvimento. Dessa forma, podem coexistir, num mesmo momento de desenvolvimento, crescimento em uma esfera e declínio em outra. Encara-se, nesse sentido, o desenvolvimento e a velhice como experiências heterogêneas, que abarcam tanto ganhos quanto perdas, cuja determinação provém de um amplo espectro de variáveis em interação (Neri, 1995).

Palácios (2009) corrobora tal ideia ao afirmar que há sim perdas e declínios na velhice, mas também conquistas, ganhos, avanços, acréscimos e reorganizações. É tanto que

Bueno et al. (2009) caracterizam-na como etapa de evolução em contraposição a involução, salientando o grande potencial de desenvolvimento que carrega. Fica, portanto, assegurado na velhice o potencial de desenvolvimento, considerando-se, é claro, a plasticidade individual (Neri, 1995). Longe, portanto, de sustentar concepções romanceadas sobre o envelhecimento, o *life-span* defende que o envelhecer (ao trazer mudanças de ordem intelectuais, físicas e afetivas) não significa necessariamente a descontinuidade, desadaptação ou inabilidade cognitiva e social (Miranda, 2016).

Conforme Palácios (2009), a continuidade da atividade intelectual contribui importantemente para manter a capacidade do funcionamento cerebral de modo satisfatório. O autor ainda acrescenta que, a partir de certa fase do envelhecimento, pode haver tempos mais longos de reação, na medida em que a transmissão da informação no sistema nervoso se dá mais lentamente. Destaca, porém, que no processo de envelhecimento o declínio das funções não representa dificuldade ao normal funcionamento e desempenho psicológico. Um cérebro sadio, embora velho, serve de suporte a um adequado desenvolvimento das atividades e aquisição de novas habilidades e aprendizagens. É preciso destacar, ainda, que, conforme Vega, Bueno e Buz (2009), a intensidade do declínio intelectual está associada a aspectos ambientais, culturais e pessoais. As menores perdas estão relacionadas a, dentre outros fatores, ambiente intelectualmente estimulante e a sentimentos de satisfação em relação às capacidades próprias. Já no que tange às habilidades motoras, os idosos apresentam maior lentidão em relação aos mais jovens (Belsky, 2010; Birren & Fisher, 1995; Barreiros, 2006). Vega, Bueno e Buz (2009) destacam que essa limitação pode ocasionar importantes alterações na vida diária dos mais velhos, afetando uma diversidade de atividades.

Em se tratando da Psicologia do Envelhecimento, essa é definida por Neri (2013) como a área destinada a estudar os padrões de mudança de comportamentos relacionados ao avanço da idade, diferenciando aqueles que são típicos da velhice dos que são compartilhados por outras idades. O envelhecimento (ou senescência), por sua vez, é definido pela autora como um processo universal, de determinação genética, sendo, por isso, chamado também de envelhecimento normal. Inicia-se após a maturidade sexual, acelerando-se a partir da quinta década de vida, quando é marcado pela interrupção ou redução da possibilidade de reprodução da espécie, bem como por alterações fisiológicas e morfológicas típicas.

A autora (1995) aponta que um dos desafios centrais com o qual se depara a Psicologia do Envelhecimento é o de promover a conciliação entre os conceitos de desenvolvimento e envelhecimento que, tradicionalmente, são encarados de modo antagônico tanto pelos estudiosos como pelos leigos. Ela indica, então, que a resolução desse conflito é

uma das finalidades do *life-span*, por meio do estabelecimento de um modelo de velhice bem-sucedida. Neri acrescenta, também, que a compatibilização dos conceitos pode ocorrer a partir de investimentos científicos e tecnológicos que visem compensar as perdas e ativar o potencial dos idosos.

Ainda no campo das ciências de intervenção na velhice, temos a Gerontologia, a Geriatria e a Gerontotecnologia. A primeira consiste no estudo dos idosos e dos processos de envelhecimento (Papalia & Feldman, 2013), sendo por natureza uma área da interdisciplinaridade (Lopes, 2011). A segunda, por sua vez, é uma especialidade médica dedicada aos aspectos clínicos do envelhecimento, cuidando da saúde e das doenças da velhice (Pereira, Schneider & Schwanke, 2009). Já a terceira caracteriza-se pelo estudo multidisciplinar (Carmo, 2016) da aplicação da tecnologia, da informática e de comunicações à velhice (Martín, 2007). Tem como finalidade o desenvolvimento e implementação de itens tecnológicos para a utilização de idosos em suas atividades de vida diárias, de modo a melhorar a funcionalidade e a qualidade de vida deles (Carmo, 2016).

Neri (2013) ressalta que a trajetória do envelhecimento humano comporta, no entanto, expressiva variabilidade, a depender do nível de desenvolvimentos biológico e psicológico alcançado pelo indivíduo e pelas coortes em razão da ação conjunta da genética, dos recursos sociais, econômicos, de saúde, tecnológicos e psicológicos. Minayo e Coimbra (2002) acrescentam que o envelhecimento não se trata de um processo homogêneo e que, por isso, cada pessoa vivencia essa fase de forma única, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturantes relacionados à vida, como classe social e etnia. Além de variar de pessoa para pessoa, há diversidade, também, nas representações e significados atribuídos ao idoso e ao envelhecer, coexistindo, por conseguinte, diferentes imagens na sociedade contemporânea (Ferreira, Maciel, Silva, Sá & Moreira, 2010).

Até agora, usou-se, nesse trabalho, as palavras “velho” e “idoso” como sinônimos, assim como o fazem outros autores. No entanto, tais terminologias também são empregadas com significações distintas. Papaléo Netto (2002), por exemplo, se refere ao envelhecimento enquanto processo, à velhice como fase da vida e ao velho ou idoso como resultado final. O autor salienta, no entanto, que esses componentes estão intimamente ligados entre si. Já Rodrigues e Soares (2006) comentam que ser velho está carregado de atribuições de cunho negativo, relacionadas à definição tradicional de velhice. Dessa forma, o velho está, no imaginário social, intimamente associado a perdas e estagnação, inflexibilidade, isolamento social, demanda por cuidados de outrem, ausência de força, de vontade e de vitalidade, dentre

outras imagens depreciativas. Os autores pontuam que idoso, por sua vez, é a denominação oficial, para efeitos legais, dada às pessoas com ou acima de 60 anos de idade.

Nesse sentido, é importante considerar o que os próprios idosos compreendem por envelhecimento e velhice. Vários estudos foram desenvolvidos com essa finalidade (Araújo, Coutinho & Carvalho, 2005; Faller, Teston & Marcon, 2015; Fernandes & Andrade, 2016; Fernandes & Garcia, 2010; Ferreira, Maciel, Silva, Sá & Moreira, 2010; Lemos, 2003; Magnabosco-Martins, Vizeu-Camargo & Biasus, 2009; etc), mas serão destacados dois deles. O primeiro, realizado por Lemos (2003) como parte de sua dissertação de mestrado, apresenta os resultados de dez entrevistas despadronizadas realizadas a homens e mulheres com idades entre 65 e 75 anos. Os participantes indicaram, de modo geral, terem sentimentos e percepções variadas em relação à velhice e ao envelhecimento, os quais se alteravam em seus discursos. Assim, ora se posicionavam, por exemplo, como dependentes, ora como autônomos, oscilando nas caracterizações. O pesquisador concluiu, desse modo, que essas não são fases fixas e objetivas, sendo possível haver um misto de sentimentos frente a elas.

O segundo estudo em questão foi desenvolvido por Fernandes e Garcia (2010) com uma amostra de 18 idosos, por meio de entrevistas semiestruturadas. Como resultado, os autores destacaram a dicotomia experienciada pelos participantes no processo de envelhecer, na qual se conflitam, por exemplo, a aceitação e a negação da velhice, além de aspectos mentais e físicos. Sobre isso, Motta (1999) pondera que é realmente tarefa difícil reconhecer-se como velho numa sociedade e cultura em que a velhice está associada à decadência física, mental e social.

Apesar de o envelhecer ocorrer junto a idade cronológica, eles não coincidem, não podendo esses dois conceitos serem resumidos um ao outro, já que a velhice é definida também pelas condições físicas, mentais, funcionais e de saúde. É possível, então, haver diferentes idades biológicas e subjetivas em pessoas com a mesma idade cronológica (Schneider & Irigaray, 2008).

Além de apresentarem explicações sobre a idade cronológica, Schneider e Irigaray (2008) discorrem também sobre os conceitos de idade biológica e psicológica. O primeiro termo faz referência às mudanças corporais e mentais ocorridas no decorrer do processo de desenvolvimento, salientando que esse se estende por toda a vida. Os autores destacam, por exemplo, que com a passagem dos anos o encéfalo diminui em peso e volume, porém as funções mentais permanecem preservadas, o que é corroborado por Moraes, Moraes & Lima (2010). Palácios (2009) salienta que esse conceito tem estreita relação com a saúde biológica do indivíduo. Já para a idade psicológica, Schneider e Irigaray indicam dois sentidos: a) a

relação entre a idade cronológica e as capacidades psicológicas e b) o senso/julgamento subjetivo de idade, que diz respeito ao modo como a pessoa avalia a presença ou ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos do envelhecer em relação a outras pessoas de sua idade.

Segundo Batistoni & Namba (2010), por idade psicológica ou subjetiva entendem-se, portanto, as experiências internas do indivíduo a respeito tanto de sua idade como de seu processo de envelhecimento, considerando, por exemplo, seu nível de funcionamento e estilo de vida atual. É tanto que as investigações a respeito incluem questionamentos como “Quantos anos você sente ter?”. Desse modo, ainda conforme os autores, a avaliação que o sujeito faz de sua idade cronológica real e de seu senso subjetivo de idade pode levá-lo a sentir-se com uma idade distinta da que tem e, geralmente, menor.

Fierro (2009) esclarece que uma pessoa “de idade” não é o mesmo que uma “envelhecida”. Mesmo assim, a idade cronológica, isto é, a mensuração do número de anos decorridos desde o nascimento até o momento atual (Schneider & Irigaray, 2008), costuma ser utilizada como critério para se definir que se chegou à velhice. No Brasil, por exemplo, em termos legais, a terceira idade se inicia a partir dos 60 anos (Lei n. 8.842, 1994; Lei n. 10.741, 2003).

Pode-se, entretanto, pensar o processo de envelhecimento segundo outras classificações ou definições. Uma delas propõe que há aspectos de envelhecimento universais e, por outro lado, aspectos probabilísticos. A primeira nomenclatura diz respeito àquilo que todas as pessoas de mais idade compartilham de certa forma, como a pele enrugada, enquanto a segunda trata do que é possível de ocorrer, mas não é universal – a exemplo de problemas de saúde como artrite (Stuart-Hamilton, 2002).

Há também a divisão em envelhecimento primário, secundário e terciário. O primário consiste em um processo gradual e inevitável de deterioração física, iniciando-se cedo na vida e tendo continuidade ao longo dos anos, independentemente da ação das pessoas para tentar evitá-lo (Busse, 1987; Horn & Meer, 1987). Refere-se, portanto, às mudanças corporais inerentes à idade (Stuart-Hamilton, 2002), geneticamente programadas (Palácios, 2009). Já o secundário, também denominado patológico, caracteriza-se pelas mudanças causadas por doenças que são dependentes da idade, na medida em que o tempo vivido aumenta a exposição a fatores de risco (Neri & Cachioni, 1999). Palácios (2009) esclarece que essa classificação engloba processos de deterioração que se intensificam com o passar dos anos e que mantêm relação com processos passíveis de controle, a exemplo de hábitos alimentares e de vida. O terciário, por sua vez, segundo Stuart-Hamilton (2002), é usado por alguns autores

para fazerem referência à acentuada e rápida deterioração física imediatamente anterior à ocorrência da morte.

Conforme Papalia e Feldman (2013), os especialistas em envelhecimento referem-se a três grupos de adultos mais velhos, denominando-os “idoso jovem”, “idoso idoso” e “idoso mais velho”. Em termos cronológicos, o primeiro grupo abarca aquelas pessoas cuja idade varia entre 65 e 74 anos, sendo, em geral, ativas e vigorosas. O segundo engloba a faixa etária de 75 a 84 anos, e o terceiro, aqueles que ultrapassaram os 85. Esses dois últimos grupos são compostos por pessoas mais propensas a condições de fragilidade e doença.

Os autores defendem, no entanto, que uma classificação mais significativa é a da idade funcional, isto é, a capacidade de a pessoa interagir em um ambiente físico e social, em comparação a outras da mesma idade cronológica que a sua. Assim sendo, alguém com 85 anos pode ser mais jovem funcionalmente do que uma pessoa de 70 anos. Isso permitiria a reutilização dos termos, usando-se “idoso jovem” para a maioria saudável e ativa dos adultos mais velhos, já “idoso idoso” para a minoria enferma e frágil, sem a adoção de critérios cronológicos para tal (Neugarten & Neugarten, 1987 como citados em Papalia & Feldman, 2013).

Para além dos modos como classificamos a velhice, é preciso lembrar que ninguém se torna velho de repente. É possível observar, ao longo de anos, que as características de uma pessoa, tanto físicas quanto mentais, vão sofrendo mudanças, sendo tarefa difícil indicar quando, ao certo, um limiar é claramente transposto, chegando-se, assim, à velhice (Stuart-Hamilton, 2002).

Segundo Santos e Ortega (2012a), o processo de desenvolvimento está sofrendo modificações à medida que as populações mundiais tornam-se mais longevas. Acrescentam, assim, que os atuais paradigmas das Psicologias do Desenvolvimento e do Envelhecimento apontam que a estimulação deve estar presente na rotina das pessoas no decorrer de toda a sua vida (2012b). A teoria de Jean Piaget – denominada Epistemologia Genética – vem ao encontro desse pensamento, na medida em que assume uma visão construtivista-interacionista, defendendo que a formulação do conhecimento se dá por meio de uma construção ativa do sujeito, resultado de sua interação com um objeto. Dessa forma, o conhecimento não está em nenhum deles, mas na relação que estabelecem entre si (Macedo, 1994).

O mesmo sujeito que busca, ativamente, alterar e adaptar seu contexto acaba por dele sofrer múltiplas influências. Assim, o conhecimento resulta de um processo ativo e dialético que se dá na interação entre sujeito e objeto, inteligência e afetividade (Rossetti & Souza,

2016). Nas palavras de Piaget (2000, p. 15), “Conhecer não consiste, com efeito, em copiar o real, mas em agir sobre ele e transformá-lo”.

O processo de desenvolvimento é determinado, de acordo com Piaget (1970; 1978a), por aspectos físicos e também sociais. Nas palavras dele: “(...) tudo é motor, individual e social, ao mesmo tempo” (1977, p.75). Para o autor (1973/1990), o desenvolvimento se dá no decorrer de toda a vida, não se restringindo à infância ou à adolescência. Caracteriza-se por uma progressiva equilibração, em que há continuamente passagem de um estado de menor equilíbrio para um de maior. Segundo Santos (2007), trata-se de manter, em dada fase da existência, elementos transformados de épocas anteriores. A autora acrescenta que falar em desenvolvimento humano significa, desse modo, investigar como o sujeito conhece.

Conforme Piaget (1973/1990, p.12),

(...) as funções superiores da inteligência e da afetividade tendem para um equilíbrio móvel, e tanto mais estável quanto mais móvel, de maneira que, para as mentes sãs, o fim do crescimento de modo algum marca o começo da decadência, antes permite um progresso espiritual que nada tem de contraditório com o equilíbrio anterior. (...) Deste ponto de vista, o desenvolvimento mental é uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que, à medida que se acrescenta algo, ficará mais sólido (...).

Fica claro, por conseguinte, que para Piaget o desenvolvimento jamais se finda (Lemos, 2015). Para Santos (2007), o epistemólogo lança, assim, bases importantes para investigações a respeito do envelhecimento, mas esse ainda configura-se como novidade para os pesquisadores. A autora reflete, então, que isso possa de dever ao fato de que o próprio envelhecer está em modificação a partir das novas tecnologias a que se tem acesso, a exemplo, portanto, das RSD.

Piaget descreve, em seu discurso durante o recebimento do Prêmio Erasmo no ano de 1972, seu objetivo central de pesquisa como sendo “(...) tentar compreender e explicar o que é um desenvolvimento vivo em sua perpétua construção de novidades e sua adaptação progressiva à realidade” (Piaget, 1980 como citado em Saltini e Cavenaghi, 2014). Ele afirma ter uma convicção fundamental: que os conhecimentos resultam de uma construção. Constituem, assim, uma produção contínua de estruturas novas que não estão pré-dadas no sujeito tampouco no objeto.

O autor defende, em sua abordagem, os princípios da continuidade e da integração, na medida em que aquisições novas não anulam as antigas. O que acontece é que as novidades dão seguimento às aquisições anteriores, integrando-as, então, em um novo nível de

equilíbrio. O desenvolvimento é, portanto, contínuo e integrativo, na medida em que há sucessão de capacidades antigas e recentes (Souza, 2012).

Segundo Missawa (2017), para que continue progredindo no desenvolvimento e na construção de conhecimentos, o indivíduo precisa passar da ação autônoma para a construção de esquemas que possibilitem a representação mental da mesma. Cabe, portanto, tratarmos de outro importante conceito na teoria piagetiana: o fazer e o compreender. Nas palavras de Piaget, “compreender consiste em isolar a razão das coisas, enquanto fazer é somente utilizá-las com sucesso, o que é, certamente, uma condição preliminar da compreensão, mas que esta ultrapassa, visto que atinge um saber que precede a ação e pode abster-se dela” (1978b, p. 179).

Fazer, então, refere-se a compreender determinada situação na ação, de forma suficiente a alcançar os objetivos traçados. Já compreender diz respeito a ser capaz de dominar, em pensamento, as mesmas situações e conseguir solucionar os problemas por elas disparados (Piaget, 1978b). Ainda segundo o autor, o fazer tem caráter material e causal, pois se trata da coordenação de movimentos, enquanto o compreender é de natureza implicativa, no sentido de ligações entre significações. Resumidamente, fazer é “compreender em ação” e compreender, “conseguir em pensamento” (p.176).

Vale destacar que a representação da ação (compreender) não é alcançada por uma “iluminação súbita do espírito” (Souza, 2014, p.130), mas sim construída gradativamente. Além disso, Piaget (1978a; 1978b) diferencia dois tipos de situações possíveis a respeito do fazer e compreender. Em uma delas, mesmo que a ação não tenha sido compreendida, o êxito é alcançado; em outra, a falta de compreensão interfere no sucesso da ação em si.

Ao estudar a origem do conhecimento, Piaget (1962/1994a) chama atenção ao fato de que não há ato de inteligência, mesmo que seja ela prática, desprovido de interesse em seu ponto de partida e de regulação de afeto durante o desenrolar da ação. Dessa forma, embora seja classicamente associado ao desenvolvimento da inteligência, o autor apresenta concepções sobre afetividade e sentimentos em suas relações com a evolução da cognição. Piaget supera, portanto, uma visão dicotômica sobre o ser humano, na medida em que defende relações de correspondência entre tais aspectos (Souza, 2011), explicitando, assim, a complexidade do raciocínio humano (Missawa, 2017). Nas palavras do próprio Piaget:

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da

inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente. (Piaget, 1962/1994a, p.129)

Percebe-se, portanto, que há uma forte conexão entre a construção de raciocínios mais elaborados e a manifestação dos sentimentos (Pylro, 2004). Mesmo desde o período pré-verbal, existe para Piaget (1973/1990) um estreito paralelismo entre o desenvolvimento das funções intelectuais e afetivas. Ele defende que nas condutas, sejam quais forem, decorrem da afetividade as motivações e o dinamismo energético, ao passo que as técnicas e o ajustamento dos meios utilizados consistem no aspecto cognitivo. Afirma, assim, que “Sempre e em todo lugar, nas condutas relacionadas tanto a objetos como a pessoas, os dois elementos intervêm, porque se implicam um ao outro” (p.38).

Piaget (1954/2005a) compreende a afetividade de dois modos: como os sentimentos propriamente ditos, particularmente as emoções; e como as diversas tendências, em especial a vontade. Para Pessoa (2000), a afetividade engloba sentimentos – prazer, desprazer, simpatia, emoções e vontade – além de elementos energéticos – interesses, esforços, afetos das relações inter-individuais, simpatias mútuas e sentimentos morais. Assim, à afetividade cabe a energética da ação, enquanto o que caracteriza o aspecto cognitivo é a estrutura da conduta (Piaget & Inhelder, 2013). Piaget exemplifica ao comparar o papel da afetividade ao do combustível de um automóvel: o funcionamento do veículo depende daquele, que aciona o motor, mas não altera a estrutura da máquina (Saltini & Cavenaghi, 2014). Logo, todo comportamento contém, necessariamente, os aspectos afetivo e cognitivo (Piaget, 1954/2005a), sendo tais dimensões indissociáveis uma da outra (Piaget, 1983). Desse modo, não é possível identificar numa conduta até que ponto ela recebe influência da afetividade ou da cognição, uma vez que tais fatores mantêm complexa interação entre si (Canal, 2008).

É importante, aqui, reafirmar a influência constante e dialética entre aspectos afetivos e cognitivos e destacar que a separação de modo artificial se dá somente em função da comodidade da explicação. Entretanto, é preciso sempre preocupar-se em mostrar que, embora de naturezas diferentes, afeto e cognição não podem ser dicotomizados na conduta (Saltini & Cavenaghi, 2014). Para melhor compreender a afetividade, serão tratados dois de seus aspectos – interesse e autovalorização – os quais são discutidos por Piaget em *Inteligencia y Afectividad* (1954/2005a).

Nessa obra, o autor recorre à explicação de Claparède (1873-1940) sobre o interesse, segundo o qual consiste em regulação das energias, enunciando duas leis: a) toda e qualquer conduta é inspirada em um interesse e b) podem coexistir interesses diversos em um mesmo instante, agindo, então, o indivíduo segundo o que lhe for maior naquela ocasião. Claparède

apresenta, também, duas significações para o interesse, sendo elas: a) atua como um “dinamogenizador”, isto é, libera energia quando há objetos que nos interessam e a bloqueia quando há desinteresse e b) é a finalidade da ação, ao passo que essa busca satisfazer um interesse. Piaget (1954/2005a) conclui, então, que o interesse é a regulação das forças necessárias a um fim específico. Santos e Ortega (2012a) salientam que a importância de se estudar o interesse repousa sob o fato de que ele pode fornecer indicadores a respeito da relação que o sujeito estabelece com a ação a ser empreendida.

Consoante a autovalorização, o epistemólogo pontua que essa mantém relação com uma espécie de troca que o indivíduo realiza consigo próprio em resposta à troca com outrem, sendo um dos aspectos capazes de explicar como algumas pessoas conseguem superar dificuldades e obstáculos para alcançar suas metas. Ela se expressa, desse modo, pelos sentimentos de inferioridade e superioridade que o indivíduo tem sobre si. A autovalorização tem início nas vivências dos sujeitos, das quais ele extrairá conhecimentos práticos e confiança ou dúvida em si mesmo. Saltini e Cavenaghi (2014) afirmam que as pessoas têm, a cada momento, necessidade de apreciação dos outros, e acrescentam que é impossível agirmos por longo tempo sem que experimentemos a necessidade de estima e aprovação de alguém. Os autores citam, ainda, o sociólogo Pareto (1848-1923), quando esse defende que a demanda de aprovação seja, possivelmente, uma das mais profundas necessidades do humano.

Para Missawa (2017), a valorização que o indivíduo se atribui influencia na determinação de seus interesses, na energia empenhada para alcançá-los e, ainda, em seu nível de atenção. A autovalorização poder ser pensada, então, em termos de visão positiva de si. Palácios (2009) defende que, ao longo do processo de desenvolvimento, expectativas e valores são redefinidos, colocando essa como hipótese para o fato de a maior parte das pessoas mais velhas ter bons níveis de autoestima positiva, na contramão dos estereótipos que levam a pensar que na velhice há uma diminuição global da valorização de si mesmo.

Segundo Piaget (1973/1990), toda e qualquer ação supõe um interesse que a provoca. Esse pode ser uma necessidade fisiológica, intelectual (sob a forma de pergunta ou problema) ou afetiva. O autor continua esclarecendo que toda ação – movimento, pensamento, sentimento – corresponde, por sua vez, a uma necessidade. Nesse sentido, Piaget pontua, na mesma obra, que o interesse consiste em um prolongamento das necessidades, visto que um objeto assume o caráter de interessante quando corresponde a uma necessidade.

Fica claro, por conseguinte, que há uma íntima participação da afetividade na constituição da inteligência, como também na produção e manutenção dos interesses e necessidades de cada sujeito. É importante ressaltar, contudo, que os interesses e necessidades

são únicos para cada pessoa, podendo, assim, sob um mesmo estímulo, haver respostas diferentes (Missawa, 2006). Souza (2011, p.253) resume que “(...) a vida afetiva como a vida intelectual é adaptação contínua e as duas adaptações não são somente paralelas, mas interdependentes, visto que os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura”.

Apesar de Piaget afirmar, de forma categórica, que afeto e cognição são indissociáveis, ele não desenvolveu pesquisas empíricas a respeito, ficando a cargo, portanto, de pesquisadores atuais o avanço no estudo de meios e procedimentos para intervenção e aprofundamento da relação entre tais aspectos (Santos, 2011). Um desses caminhos é apontado por Macedo (2009), sendo ele o estudo da teoria da equilibração. Santos (2011) ressalta que a importância de se dedicar a essa teoria reside no fato de, para Piaget (1976), o desequilíbrio representar uma das fontes de progresso no desenvolvimento.

Piaget e Inhelder (2013) destacam que a equilibração refere-se não a um simples equilíbrio de forças, mas sim a uma auto-regulação, isto é, uma sequência de compensações ativas do sujeito como resposta às perturbações e obstáculos exteriores. Consiste, portanto, numa passagem do desequilíbrio ao equilíbrio (Queiroz, Macedo, Alves & Garioli, 2009). Por meio dela, conciliam-se o crescimento orgânico, o exercício e a experiência sobre os objetos e as interações e transmissões sociais.

Percebe-se, dessa maneira, que o desequilíbrio é condição para que a equilibração aconteça. Logo, o indivíduo precisa que algo lhe cause interesse (Santos & Ortega, 2014), isto é, que haja consciência de uma necessidade (Piaget, 1954/2005a). Quando essa necessidade é satisfeita, a conduta se finaliza e tem-se, por conseguinte, o retorno ao equilíbrio (Silva, 2017). Santos (2011) salienta que a necessidade de se adaptar ao mundo ou de transformá-lo faz com que haja desequilíbrio e, assim, antigos esquemas precisem de modificações.

A equilibração se dá por meio de regulações, ou seja, de reações às perturbações. Entretanto, nem toda perturbação desencadeia regulação, mas toda regulação provém de uma perturbação (Santos, 2011). No que tange às regulações especificamente, elas acontecem no decorrer de toda a vida, o que inclui a velhice (Santos & Ortega, 2014). Conforme Missawa (2006), o sujeito passa, ao longo de todo o processo de desenvolvimento, por uma série de equilíbrios e desequilíbrios sucessivos, uma vez que somente dessa maneira as novas estruturas e esquemas serão construídos e incorporados. É, segundo a autora, justamente isso que promove a continuidade do desenvolvimento.

Citando Piaget, Santos (2011) salienta que é necessário compreender o desenvolvimento na ação própria do sujeito e na sua interação com o objeto, sendo cruciais,

nesse contexto, os conceitos de assimilação e acomodação. O primeiro deles consiste na incorporação pelo sujeito de algum elemento exterior – podendo ser um objeto ou um acontecimento, por exemplo – a um esquema sensório-motor ou conceitual (Piaget, 1976). Assim, caracteriza-se pela integração de uma ligação nova a um esquematismo ou estrutura anterior, que serão modificadas e também enriquecidas pelas novas assimilações (Piaget & Inhelder, 2013). Já a acomodação se refere à “(...) necessidade em que se acha a assimilação de levar em conta as particularidades próprias dos elementos a assimilar” (Piaget, 1976, p. 14), isto é, a criação de novos esquemas ou a alteração de outros já existentes (Wadsworth, 1997).

Isso posto, o equilíbrio cognitivo mantém dependência com a assimilação e a acomodação, as quais possibilitam que o sujeito interaja com o mundo (Fiorot & Ortega, 2012). Esses são mecanismos complementares, de modo que uma informação nova jamais é somente acrescentada às estruturas prévias, pois sempre ocasiona determinadas mudanças internas, isto é, ajustamentos que permitem sua incorporação (Silva, 2004).

Segundo Bronzatto e Camargo (2010), Piaget considera que, tanto na assimilação como na acomodação, a afetividade se revela no interesse do *self* pelos objetos de conhecimento. É esse interesse que se transforma em fonte de motivação para a ação, ao lado dos julgamentos de valor que, de forma progressiva, os sujeitos vão destinando aos objetos e às pessoas. O papel da afetividade na inteligência é, então, funcional, sendo a fonte de energia para o funcionamento da cognição. As ações, portanto, originam-se no raciocínio e impregnam-se de afetividade.

Souza (2012) esclarece que, para Piaget, a afetividade está relacionada à valorização de metas (que impulsionam todas as condutas, sejam elas de bebês ou de adultos, o que inclui os idosos), ao passo que a inteligência está ligada à estruturação dos meios para alcançá-las. A dimensão afetiva tem, desse modo, papel tanto essencial como complementar no desenvolvimento psicológico. Ela não se faz exclusiva, mas fundamental na construção dos conhecimentos do indivíduo sobre si mesmo e sobre o mundo.

Piaget (1954/2005a) destaca que a presença ou privação de afetividade pode ser a causa do atraso ou da aceleração do desenvolvimento cognitivo, sem, no entanto, modificar as estruturas cognitivas. Isso significa que a afetividade tem como papel apressar ou perturbar as operações da inteligência (Saltini & Cavenaghi, 2014), assumindo, pois, caráter de intensidade (Piaget, 1954/2005a). Segundo ele, sentimentos de êxito ou fracasso podem levar à inibição da aprendizagem, o que, no entanto, não modifica a estrutura das operações (Piaget, 1962/1994a).

Ferramentas afetivas e cognitivas são cruciais para o estabelecimento de projetos de vida (PV) entre idosos. Miranda (2016), em sua tese de doutorado, salienta a importância de esse público ter planos e propósitos para o futuro. A autora cita que, para Piaget e Inhelder (1976), o estabelecimento de PV está associado ao desenvolvimento cognitivo e moral, e defende que tais projetos podem influenciar a autoestima e o bem-estar dos mais velhos, ocasionando-lhes melhor qualidade de vida. Destaca, ainda, que a existência de PV entre os idosos supõe a existência de um momento presente pulsante em possibilidades e expectativas, o que, por consequência, supõe criação e atividade, mesmo que no âmbito das ideias. O estudo de Miranda deu-se por meio de entrevistas e aplicação de instrumento de avaliação das Redes de Relacionamentos Significativos, de autoria de Dornelas (2010), a 30 pessoas com idades entre 60 e 74 anos. Desses, 17 participantes não relataram PV, tendo, em suas justificativas, descrença em suas capacidades de agir na vida e no futuro e percebendo-se incapazes e incompetentes para novas realizações.

De modo semelhante, Santana, Bernardes e Molina (2016), ao investigarem os PV de 150 idosos, constataram que quase um terço deles não os tinha. A concepção dos participantes era de que cabe somente aos mais jovens traçar planos, ficando para eles a tarefa de viver um dia de cada vez. Os autores refletem que a experiência social vivida pelo idoso é de vitimização, fragilização e desempoderamento, sendo, portanto, difícil enxergarem-se como sujeitos de potência e de desejo.

Homens e mulheres mais velhas, no entanto, apresentam distintos padrões de relações sociais e afetivas, nos domínios familiar e comunitário. As mulheres manifestam ter maior quantidade de amigos do que os homens, como também envolverem-se mais nos relacionamentos com amigos e vizinhos. Sobre as amizades, os autores ressaltam que se constituem em importante modalidade de relação interpessoal, bem como que os mais velhos tendem a manter por anos as mesmas amizades, embora a velhice também seja uma etapa propícia para a realização de outras novas. A importância dos amigos reside em proporcionarem informação e entretenimento, além de sentimentos de pertinência, de significado e *status* social. Alimentando a rede social dos idosos, os vínculos de amizade aumentam a possibilidade de obterem apoio emocional quando assim precisarem, podendo, ainda, constituírem a melhor forma para a socialização dos idosos (Bueno et al., 2009).

Pesquisadores do Centro de Estudos do Envelhecimento da Universidade de Flinders, na Austrália, desenvolveram uma pesquisa a fim de avançar na compreensão da qualidade de vida da população mais velha, o qual recebeu o nome de Estudo Longitudinal de Envelhecimento da Austrália (ALSA). O ALSA ocorreu entre os anos de 1992 e 2006 e

contou com avaliação de funções neuropsicológicas e fisiológicas e aplicação de questionários a 1.477 pessoas com mais de 70 anos, além da realização de entrevistas a uma subamostra de 20 participantes. Os resultados apontaram que quem possui uma rede de relacionamento maior e mais forte com amigos tende a viver mais tempo, apresentando menos chance de morte nos próximos dez anos. As redes familiares, por sua vez, demonstraram proporcionar estabilidade ao longo da vida, mas não obtiveram resultados satisfatórios quanto à influência na sobrevivência dos idosos na década seguinte. O estudo concluiu, assim, que relacionamentos formados a partir de discricionariedade são fundamentais, logo demandam estratégias políticas que permitam que sejam estabelecidos e mantidos pelos idosos (Flinders, 2006).

Para Ricardo e Rossetti (2011), ter, fazer e manter amigos é fundamental para o desenvolvimento saudável do indivíduo, de modo que essas relações contribuem para o desenvolvimento tanto intelectual quanto afetivo. Em termos de amizades mediadas por RSD, Bordignon e Bonamigo (2017) indicam que, mesmo que muitas sejam superficiais, é possível que possam surgir laços afetivos fortes. Zicardi, Abdalla e Clementino (2008) defendem que os relacionamentos virtuais entre os mais velhos representam formas de descontração e lazer, atuando como fatores de estimulação mental desse público.

Faz-se pertinente, ainda, apresentar resumidamente outro estudo realizado com idosos, o de Santos (2011) para sua tese de doutorado. Esse foi desenvolvido com um grupo de seis mulheres idosas por meio de oficinas de jogos e visou investigar a relação existente entre aspectos cognitivos e afetivos nas participantes. A pesquisadora concluiu, dentre outras questões, que: a) não se faz possível tratar de uma relação entre eles, no singular, mas sim em relações que podem ser múltiplas e variadas e b) a teoria da equilibração se confirma como aporte teórico para a confluência entre tais aspectos, principalmente pela via da conduta.

Ainda sobre a tese de Santos (2011), em sua revisão de literatura, a autora indicou que não encontrou trabalhos pautados na perspectiva piagetiana que tratassem do aspecto cognitivo da memória. Em 2016, porém, Ericeia e Parrat-Dayán publicaram um artigo científico sobre tal tema com base nas postulações de Piaget e Inhelder. Esse material, no entanto, não faz referência alguma à afetividade em relação ao aspecto cognitivo supracitado.

Considerando a faixa etária alvo de Santos (2011), similar à desse trabalho, é cabível tecer breves considerações a respeito desse importante aspecto cognitivo e, até mesmo, investigá-lo, o que se pretendeu fazer nessa dissertação por meio de histórias relacionadas ao uso de RSD. A autora defende que a memória seja foco de mais atenção e de estudos menos positivistas, uma vez que se apresenta como processo fundamental para que a cognição se manifeste e seja estimulada.

Conceitualmente, para Piaget & Inhelder (1968/1979), a memória consiste numa forma de conhecimento que não se resume a um dado presente tampouco à resolução de novos problemas, mas sim à estruturação e reconstituição do passado. Os autores alertam que a memória não pode ser compreendida como uma apreensão mais ou menos direta do que já foi adquirido ou vivido, posto que, ao invés de recuperar dados isolados, atualiza os esquemas construídos anteriormente (Santos & Ortega, 2012c). Relaciona-se, assim, a outras esferas psicológicas, como a inteligência (Piaget & Inhelder, 1968/1979) e a linguagem (Freitas, 2016).

Segundo Gauer e Gomes (2008), a recordação de eventos pessoais já ocorridos constitui a denominada memória autobiográfica, isto é, a síntese e a referência das histórias de vida de cada um. Delval (2013) complementa que esse tipo de memória diz respeito àquilo que o sujeito observou e fez no passado, mas também à informação que recebeu em dado momento. Ainda segundo o autor, apresenta-se acompanhada de uma carga de valor, uma vez que nos recordamos do que consideramos importante ou que nos tenha sido significativo. Santos e Ortega (2012c) salientam que a pesquisa dessa modalidade de memória parecer ser uma tendência internacional não seguida pelo Brasil, onde também é costumeiramente denominada “histórias de vida”.

Estudos demonstraram que, entre os idosos, a memória autobiográfica tende a ser positiva (Conway & Rubin, 1993; Rubin & Berntsen, 2009; Lopes, 2014), isto é, que as lembranças agradáveis são mais recordadas que as desagradáveis. Santos e Ortega (2012c) ressaltam que a memória, atrelada à inteligência, é fundamental para assegurar a manutenção das relações dos idosos com os objetos (pessoas, adaptações cotidianas e até mesmo as RSD). Os autores acrescentam também que a memória assume, na concepção de Piaget e Inhelder, importante papel no que tange à afetividade, já que propicia a continuidade da vida mental. Retomando a questão das histórias, ainda segundo Santos (2011), essas podem fornecer pistas para a compreensão de aspectos afetivos, sendo, por isso, frequentemente empregadas em estudos sobre moralidade (Alves, 2016; Borges, 2011; Couto, 2013; Lima, 2015; Romaneli, 2014; Vale, 2006), embora costumem ser contadas, ao invés de demandadas.

Estudar o desenvolvimento na velhice e a influência da afetividade e da cognição no uso de RSD por idosos são temas que se mostram cada vez mais importantes, dado o crescente número de idosos que estão inseridos nessas tecnologias. Veja-se a seguir, portanto, o problema de pesquisa que guiou a constituição deste trabalho.

3. Posição do problema

Como visto até aqui, os estudos clássicos em Psicologia do Desenvolvimento debruçam-se sobre um público ora de crianças, ora de adolescentes. Nesse cenário, o desenvolvimento psicológico adulto é pouco e apenas recentemente explorado. Atualmente, numa sociedade que busca constante e incessantemente a manutenção da juventude, cultuando-a, aos idosos é dado um lugar de menos valia, na contramão da tendência mundial de crescimento desse segmento populacional e da importância, portanto, de se investigar esse fenômeno e prover políticas públicas adequadas.

Nesse contexto, tem-se, pois, duas tendências sociais: o envelhecimento populacional (Silveira et al., 2017) e a crescente expansão das tecnologias de informação e comunicação (Azevedo & Côrte, 2009; Ferreira & Teixeira, 2017; Rebelo, 2015). Juntas, elas contribuem para o aumento do uso das RSD por idosos (Dellarmelin et al., 2017). Chan-Olmsted, Cho e Lee (2013) apontam que o estudo dessas redes tem despertado a atenção tanto da academia como do mundo de negócios, o que tem levado ao desenvolvimento de pesquisas sobre as características de seus usuários, bem como dos motivos para usá-las. Ressaltam, no entanto, que os estudos costumam se restringir a um tipo específico de RSD ou, ainda, ao público jovem (Baker & Moore, 2008, Barker, 2009, Ellison, Steinfield, & Lampe, 2007, Raacke & Bonds-Raacke, 2008, Ross et al., 2009, Valenzuela, Park, & Kee, 2009 como citados em Chan-Olmsted, Cho e Lee, 2013) o que deixa, portanto, lacunas sobre outros grupos etários, como é o caso dos idosos (Ferreira & Teixeira, 2017).

Considerando que a tecnologia interfere significativamente nas relações sociais modernas (Silveira et al., 2017), mostra-se necessário aprofundar a compreensão a respeito da utilização de RSD por idosos, conforme apontam Barbovschi, Macháckova e Ólafsson (2015). Seguindo a sugestão de Canal (2008), para que sejam realizadas pesquisas que integrem as dimensões afetiva e cognitiva, no sentido de aproximação mais efetiva da perspectiva defendida por Piaget (1954/2005a), a pergunta que guia esse trabalho é: que aspectos cognitivos e afetivos estão presentes na utilização de RSD por idosos? Para isso, seguem os objetivos traçados nesse trabalho.

4. Objetivos

4.1 Objetivo geral

Investigar aspectos afetivos e cognitivos envolvidos na utilização de RSD por idosos.

4.2 Objetivos específicos:

- I) Caracterizar as RSD mais utilizadas pelos idosos e por quê;
- II) Identificar quais são as RSD preferenciais dos idosos e por quê;
- III) Descrever as ações que os idosos desenvolvem nas RSD;
- IV) Verificar, nos idosos, a formação de novos laços afetivos, a partir do uso das RSD;
- V) Identificar as motivações relacionadas ao uso das RSD por idosos e
- VI) Averiguar se os idosos percebem mudanças em suas rotinas e relacionamentos após a iniciação nas RSD e quais são elas.

5. Método

5.1 Delineamento da pesquisa

Tendo em vista os objetivos citados e a complexidade do fenômeno a ser estudado, um delineamento qualitativo se mostrou apropriado para o desenvolvimento da presente pesquisa, pois, segundo Minayo (2007, p. 21), “(...) trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (...)” humanos. É, dessa maneira, um instrumento para se explorar e entender os significados que os sujeitos ou grupos atribuem a um dado problema (Creswell, 2010). Isso implica compreender o ponto de vista dos participantes a respeito da situação em questão, numa perspectiva interna (Gil, 2002) e interpretativa (Creswell, 2010).

Destaca-se, no entanto, que também foram feitas análises quantitativas de alguns dados, visando complementar a análise qualitativa, por meio do *software OpenEvoc*, versão 0.84 (Sant’Anna, 2018b). Esse consiste em uma ferramenta computacional com recursos de apoio à coleta, processamento, análise e visualização de dados. Dentre outras funcionalidades, o *OpenEvoc* permite ao pesquisador gerar gráficos estatísticos simples, juntamente às respectivas tabelas de dados com frequências absolutas e relativas (Sant’Anna, 2012).

Esta pesquisa pode ser caracterizada, ainda, como exploratória, uma vez que teve como finalidade principal, conforme Gil (2002), proporcionar maior familiaridade com o problema. Pretende, dessa maneira, torná-lo mais explícito ou construir hipóteses.

5.2 Participantes

Participaram deste estudo 26 pessoas com idades entre 65 e 74 anos, divididas de forma homogênea quanto ao sexo, com no mínimo ensino fundamental completo, que possuem *smartphones* ou computadores e, ainda, que têm e acessam RSD. Apresentam-se, a seguir, os critérios que levaram a tais delimitações.

É considerado idoso, segundo os parâmetros adotados pelo Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741, 2003) e pela Política Nacional do Idoso (Lei n. 8.842, 1994), a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos. No entanto, existem discussões a respeito desse limite mínimo, visando aumentá-lo para 65 anos de idade, justificadas pela necessidade de se adequar o estatuto à nova realidade social e demográfica do país (Camarano, 2013). Cita-se como argumento a necessidade de se ter 65 anos ou mais para a concessão de Benefício de Prestação Continuada, da Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS (Lei n. 8.742, 1993) e, ainda, para se gozar da gratuidade do transporte urbano público, a qual é assegurada pela Constituição Federal (1988). Acrescenta-se a essas discussões o fato de a maioria dos gerontologistas definirem o período de 60 a 65 anos como a idade início ou, ainda, idade de limiar da velhice (Bromley, 1988, Decker, 1980, Kermis, 1983, Rebok, 1987, Ward, 1984 como citados em Stuart-Hamilton, 2002). Entendendo, portanto, que se trata de um período de transição da vida adulta para a velhice, optou-se por eleger como critério de inclusão do participante a idade mínima de 65 anos.

O limite máximo, por sua vez, obedece à compreensão da Organização Mundial de Saúde, para a qual, a partir dos 75 anos, a pessoa é considerada anciã (s.d.). Tal critério foi incorporado a esta investigação com vistas a diminuir a probabilidade de interferências advindas de comprometimentos sensoriais ou cognitivos decorrentes do processo de envelhecimento. Salienta-se que estudos epidemiológicos apontam que a prevalência de demências em idosos varia de 1 a 2% entre aqueles com 60 a 65 anos, 20% entre as pessoas com idades entre 80 e 90 anos, podendo chegar aos 40% entre aqueles mais velhos – acima de 90 anos (Rabelo, 2009).

Já a delimitação da quantidade de participantes se deu com base na sugestão de Delval (2002), que defende que essa deve estar de acordo com as especificidades de cada grupo estudado. O autor postula, então, a necessidade de pelo menos 10 participantes para cada grupo em questão, defendendo que um número menor poderia tornar mais difíceis as comparações e, por conseguinte, as conclusões da pesquisa. Optou-se, portanto, em se garantir a participação de 13 idosos de cada sexo para a aplicação dos instrumentos.

Por fim, destaca-se que a variável escolaridade foi adotada em virtude de dados da PNAD 2015 (IBGE, 2016b) demonstrarem que a utilização da internet está relacionada diretamente com os anos de estudo. Dessa forma, delimitou-se que os participantes teriam, ao menos, o ensino fundamental completo, uma vez que pessoas com escolaridade menor que sete anos apresentaram percentual inferior à média nacional de utilização da internet (57,5%), ao passo que para pessoas com oito ou mais anos de estudos a proporção foi superior.

Em se tratando da caracterização da amostra, os 26 idosos desse estudo residiam em quatro diferentes municípios do Estado do Espírito Santo, sendo eles: Aracruz (08), Cariacica (01), Fundão (01) e Vitória (16). A idade média deles à época da coleta de dados foi de 67,8 anos, variando entre 65 e 74 anos. Tomando-se os homens e mulheres separadamente, os resultados médios aproximam-se, exibindo pouca diferença: 67,6 e 68 anos de idade, respectivamente. A maior parte dos participantes (n=23; 88,5%) tinha entre 65 e 70 anos, conforme figura 4.

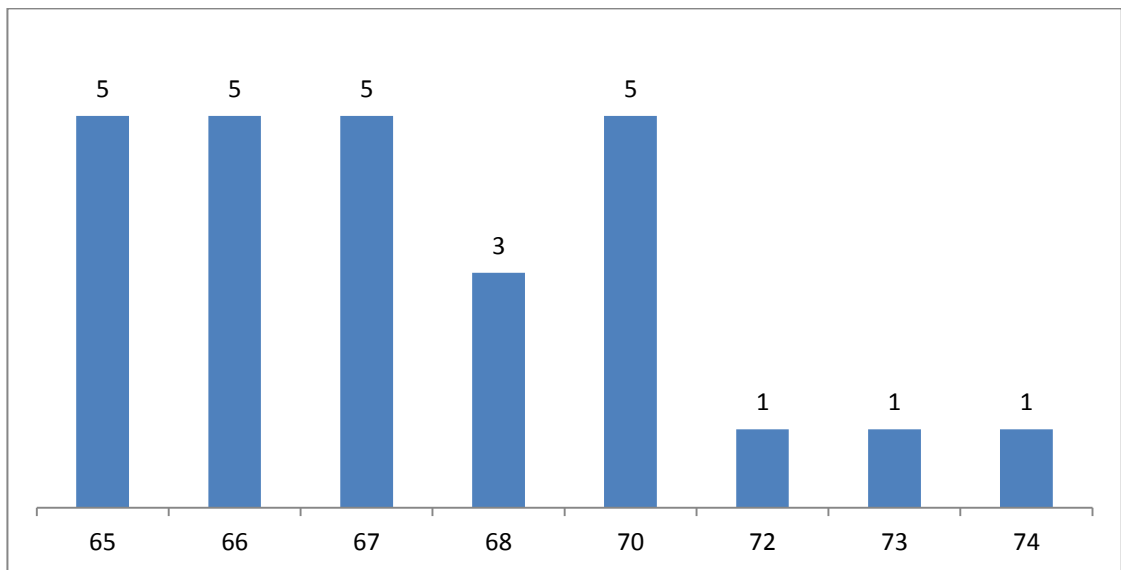


Figura 4. Distribuição das idades dos participantes.

Faz-se pertinente apresentar, também, a escolaridade dos idosos (tabela 1), dada sua variabilidade. Além disso, 18 (69,2%) dos 26 entrevistados possuem ensino superior completo (chega-se a esse resultado somando-se os idosos que apresentam mestrado, especialização e superior completo puramente) – dado superior à média nacional de anos de estudos de pessoas com 60 anos ou mais de idade que, segundo o PNAD (IBGE, 2015), é de 4,8 anos. Isso acompanha a tendência de maior representatividade de grupos com anos de estudo de maior instrução em relação aos de menor instrução, que tiveram sua participação reduzida no total da população. O PNAD mostrou, ainda, que a proporção de idosos com nove anos ou mais de estudo aumentou expressivamente, de 12,7% no ano de 2004 para 20,7% em 2014. Dentre os participantes, apenas um (3,85%) apresenta menos de nove anos de estudo (ensino fundamental completo).

Tabela 1

Distribuição da escolaridade dos participantes.

| RESPOSTA | FREQUÊNCIA | % |
|-----------------------------------|------------|-------|
| Superior completo | 11 | 42,31 |
| Especialização | 04 | 15,38 |
| Ensino médio completo com técnico | 03 | 11,54 |
| Mestrado | 03 | 11,54 |
| Superior incompleto | 02 | 07,69 |
| Ensino fundamental completo | 01 | 03,85 |
| Ensino médio completo | 01 | 03,85 |
| Licenciatura curta | 01 | 03,85 |

Quanto ao estado civil dos participantes, constatou-se que 18 (69,2%) são casados, enquanto 04 (15,4%) são divorciados, 02 (7,7%) solteiros e 02 (7,7%) viúvos. Destaca-se que, dentre eles, apenas mulheres eram solteiras ou viúvas. O fato de a maior parte dos idosos serem casados tem reflexos nos dados relativos à com quem residem, de modo que 10 (38,5%) vivem unicamente em companhia dos cônjuges, cinco (19,25%) de cônjuge e um filho, dois (7,7%) com cônjuge e mais de um filho e um (3,8%) com cônjuge, um filho e uma secretária. Além desses, cinco (19,25%) idosos residem sozinhos, dois (7,7%) na companhia de apenas um filho e um (3,8%) com dois filhos.

Do total de idosos, 23 são aposentados, o que representa 88,5% da amostra. Desses, no entanto, sete (30,4%) mantêm atividades de trabalho remunerado. Em relação aos três (11,5%) que não são aposentados, duas são donas de casa e não contribuíram com forma alguma de previdência, por isso não desfrutam do benefício, e uma é servidora pública estadual, tendo optado por continuar em exercício. Duas dos 26 participantes não têm filhos, sendo elas também as únicas solteiras dentre a amostra. A média de filhos representou 2,34, uma vez que 50% (n=13) dos idosos têm dois filhos cada.

Quando indagados se têm participação em grupo de convivência ou religioso, 16 (61,5%) dos entrevistados responderam afirmativamente, enquanto 10 (38,5%) de forma negativa. Os grupos dizem respeito, sobretudo, a atividades relacionadas a instituições religiosas (11 participantes o citaram) – grupo de mulheres, distribuição de comida a pessoas em situação de rua, grupo de oração, por exemplo – e organizações sem fins lucrativos que desenvolvem ações humanitárias (quatro), com menor expressão para grupos de centro de

convivência de idosos (dois), de Maçonaria (dois), de amigas (um), de fotografia (um), de esportes (um) e de condomínio (um).

Na questão sobre tratamento médico, 18 (69,2%) idosos responderam de forma negativa e oito (30,8%) de modo positivo. Dentre os 18, porém, quatro (22,2%) indicaram que realizam algum tipo de acompanhamento, sobretudo cuidados relativos a controle de pressão e colesterol. Quanto aos oito que afirmaram se submeter a tratamento médico, houve destaque novamente para colesterol alto e hipertensão e, ainda, para depressão e controle de níveis enzimáticos em virtude de câncer de próstata.

5.3 Instrumentos

Os dados foram coletados por meio da realização de entrevistas individuais, a partir de dois roteiros semiestruturados, tendo por referência o método clínico piagetiano (Alencar & Ortega, 2003; Carraher, 1998; Delval, 2002; Piaget, 1932/1994b, 1926/2005b). Houve, dessa forma, uma série de perguntas iniciais comuns a todos os idosos, que foram modificadas e expandidas à medida que forneciam as respostas (Delval, 2002).

O primeiro roteiro de entrevista continha questões de caracterização dos participantes. Essas visavam investigar se eles se consideravam idosos, sua idade, escolaridade, estado civil, situação familiar, estado geral de saúde, participação em grupos sociais e aposentadoria ou atividade de trabalho, como se vê na figura 5.

| Dados de identificação geral |
|---|
| 1) Qual o nome do(a) senhor(a)? |
| 2) Qual a sua idade e quando o(a) senhor(a) nasceu? |
| 3) O(a) senhor(a) se considera idoso(a)? |
| Por que? |
| 4) Qual a sua escolaridade? |
| 5) Qual o seu estado civil? |
| Há quanto tempo? |
| 6) O(a) senhor(a) tem filhos? |
| Se sim, quantos? |

| |
|---|
| <p>7) O(a) senhor(a) é aposentado(a)?</p> <p>Se sim, há quanto tempo? Com que o(a) senhor(a) trabalhava?</p> <p>Se não, o que o(a) senhor(a) faz?</p> <p>8) Com quem o(a) senhor(a) reside?</p> <p>Onde?</p> <p>9) O(a) senhor(a) participa de algum grupo religioso ou de convivência?</p> <p>Se sim, de qual?</p> <p>Se não, por quê?</p> <p>10) O(a) senhor(a) faz algum tipo de tratamento médico?</p> <p>Se sim, qual? Por que motivo?</p> |
|---|

Figura 5 - Roteiro semiestruturado para entrevista de caracterização do participante.

Já o segundo roteiro, apresentado a seguir na figura 6, abarcava questões referentes à relação dos idosos com as RSD. Essas pretendiam, por sua vez, atender aos objetivos específicos deste projeto, já apresentados no item 4.2.

| Dados sobre o uso de RSD |
|--|
| <p>1) Por que meio eletrônico o(a) senhor(a) acessa a internet?</p> <p>2) O que o(a) senhor(a) entende por RSD? Se tivesse que explicar a alguém o que elas são, o que diria?</p> <p>3) Quais redes sociais o(a) senhor(a) tem?</p> <p>Há quanto tempo?</p> <p>4) Quantas vezes por dia o(a) senhor(a) a(s) acessa?</p> <p>Por quanto tempo, em média?</p> <p>Essa frequência é a mesma ou muda aos finais de semana?</p> <p>5) Quais delas o(a) senhor(a) mais utiliza?</p> <p>Por quê?</p> |

6) Qual RSD o(a) senhor(a) prefere?

Por quê?

7) O(a) senhor(a) participa de algum grupo nessas RSD?

Se sim, de quantos?

Quais?

8) Como o(a) senhor(a) começou a usar as RSD?

Alguém o(a) ensinou?

Se sim, quem?

9) Por que o(a) senhor(a) tem e usa as RSD? O que te motiva a isso?

10) O que o(a) senhor(a) costuma fazer nelas?

11) O(a) senhor(a) conheceu pessoas ou fez amigos a partir delas?

Quantos?

Como foi essa experiência?

12) O(a) senhor(a) percebe diferenças em sua rotina desde que começou a usar as RSD?

13) O(a) senhor(a) tem alguma dificuldade ou receio em usá-la(s)?

Quais?

A que deve essas dificuldades?

14) O(a) senhor(a) gostaria de me contar alguma história importante ou interessante que lhe aconteceu relacionada ao uso das RSD que mencionou?

Figura 6 - Roteiro semiestruturado para entrevista sobre RSD.

A correspondência entre as questões desse último instrumento e os objetivos específicos traçados nesse estudo pode ser observada na tabela 2. Destaca-se que as questões 01, 02, 03, 04, 08, 13 e 14 não se referem diretamente aos objetivos detalhados, mas os complementam, não estando, por isso, em tal tabela.

Tabela 2

Correlação entre objetivos específicos e questões do roteiro de entrevista sobre RSD.

| OBJETIVOS ESPECÍFICOS | QUESTOES |
|---|----------|
| I) Caracterizar as RSD mais utilizadas pelos idosos e por quê; | 05 |
| II) Identificar quais são as RSD preferenciais dos idosos e por quê; | 06 |
| III) Descrever as ações que os idosos desenvolvem nas RSD; | 07 |
| | 10 |
| IV) Verificar nos idosos a formação de novos laços afetivos, a partir do uso das RSD; | 11 |
| V) Identificar as motivações relacionadas ao uso das RSD por idosos e | 09 |
| VI) Averiguar se os idosos percebem mudanças em suas rotinas e relacionamentos após a iniciação nas RSD e quais são elas. | 12 |

5.4 Procedimentos

Para a coleta de dados, foi empregado o método clínico piagetiano, cuja essência reside em intervenções constantes do pesquisador em resposta à atuação dos sujeitos, às ações e às explicações deles, visando, assim, descobrir os caminhos que seus pensamentos seguem, dos quais eles próprios muitas vezes não têm consciência (Delval, 2002). As intervenções do experimentador são orientadas, portanto, pelas hipóteses que segue formulando a respeito do significado das ações dos sujeitos, numa tentativa de esclarecer o que dizem (Queiroz & Lima, 2010). É necessário se ter cuidado e atenção para não incorrer em indução das respostas, bem como para não permitir que o participante perca o foco da investigação (Piaget, 1975).

Delval (2002) alerta que como, em diversas ocasiões, consiste em conversas, o método tende a ser identificado como de entrevista verbal, puramente de diálogo com os participantes, o que não condiz com seus pressupostos. O que o caracteriza, na verdade, é o tipo de atividade do pesquisador e a interação que ele estabelece com o pesquisado. Dessa forma, o método é considerado clínico uma vez que permite que se vá além do óbvio e da resposta estereotipada, para se entender o ponto de vista da análise do sujeito (Queiroz & Lima, 2010).

No que tange à escolha dos participantes, esta se deu por amostra de conveniência, mais especificamente com base no método bola-de-neve. Goodman (1961) esclarece que nele um indivíduo é recrutado para o estudo e é, então, solicitado a indicar outros de sua rede de

relacionamentos que também possam ser sujeitos da pesquisa. Esse procedimento é repetido até que se alcance o tamanho pré-definido da amostra ou que ocorra a saturação, isto é, esgotem-se os membros acessíveis.

Os primeiros informantes ou participantes são denominados *sementes*. Elas são responsáveis por colaborar com os futuros contatos do pesquisador, para que, assim, o quadro de amostragem possa crescer (Vinuto, 2014). As pessoas por elas indicadas são, então, os *filhos das sementes* (Goodman, 1961). O processo de recrutamentos dos participantes está representado na figura 7. Vale destacar que, neste projeto, foi eleito o critério de interrupção do método quando se alcançassem os 26 participantes, conforme delimitação prévia já justificada. Como se pode observar, a cadeia de indicações desta pesquisa contou com muitas sementes (um total de 14), uma vez que o número de filhos de cada uma delas foi reduzido.



Figura 7 - Rede de indicação de participantes.

No encontro com o possível participante, estabeleceu-se, inicialmente, um *rapport* de forma a apresentá-lo ao tema do estudo e, minimamente, familiarizá-lo a pesquisadora e à situação de entrevista. Nesta ocasião, foram feitas explicações quanto ao assunto e finalidade da pesquisa, sigilo dos dados, anonimato do participante, gravação em áudio da entrevista e direito de desistência de colaborar. Tendo ciência de todos esses aspectos e concordando livre e espontaneamente em participar, o idoso foi convidado a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice 01), em duas vias, sendo uma para sua posse e outra para a pesquisadora.

As entrevistas (ocorridas entre os meses de março a junho de 2018, em Aracruz, Cariacica, Fundão e Vitória) foram agendadas para o dia, horário e local mais apropriados para os participantes. Das 26, 20 aconteceram nas casas dos próprios idosos (76,9%), duas nas de familiares deles (7,7%), duas na da pesquisadora (7,7%) e duas nos locais de trabalho deles (7,7%). Todas foram realizadas de modo individual e gravadas em áudio na íntegra, para posterior transcrição e tiveram duração média de 36 minutos.

É importante acrescentar que foram feitas mudanças na metodologia deste trabalho a partir do Exame de Qualificação – exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES – ao qual a autora submeteu-se em dezembro de 2017. A partir das contribuições e sugestões das professoras que compunham a banca examinadora do projeto, eliminou-se uma etapa do estudo, optando-se pela manutenção somente das entrevistas e por seu aprofundamento. Vale registrar, por fim, que todas as atividades descritas neste estudo foram realizadas pela pesquisadora, sem auxiliares de pesquisa.

5.5 Considerações éticas

Todas as etapas dessa investigação realizaram-se em consonância com as diretrizes estabelecidas através da Resolução n° 466/2012, pelo Ministério de Saúde, que dispõe sobre a realização de pesquisas com seres humanos; e sob aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), *campi* Goiabeiras, com parecer n° 2.787.616 (apêndice 02).

Previu-se risco mínimo de desconforto ao participante da pesquisa, em relação ao registro dos dados em áudio e cansaço mental durante a entrevista, o qual poderia ser minimizado com a desistência da colaboração no estudo ou por meio da realização de pausas e retomada em momento posterior, o que não foi demandado por nenhum idoso. Destaca-se que as perguntas feitas não diziam respeito a assuntos de foro íntimo que pudessem expor os entrevistados ou deixá-los desconfortáveis.

Todos os gastos relativos à execução desse estudo, como, por exemplo, com materiais (impressões, transporte e gravador de áudio) foram de responsabilidade da pesquisadora, sem apoio de agência de fomento. Acrescenta-se que os dados obtidos serão guardados em arquivo pessoal da pesquisadora, de modo seguro, e assim permanecerão por período igual a cinco anos, quando serão, então, descartados.

Haverá divulgação da análise dos dados e resultados deste trabalho por meio da participação da pesquisadora em eventos científicos, bem como pela publicação de artigos em periódicos especializados. Pretende-se, assim, contribuir para construção de conhecimentos

sobre o desenvolvimento humano na velhice e elaboração de políticas públicas e de outras investigações sobre o tema.

Salienta-se que, para os participantes que demonstraram interesse em conhecer os resultados da pesquisa, será enviado para uma de suas RSD um vídeo curto com os achados de maior significância, acompanhados de breve discussão teórica. Almeja-se, assim, que os frutos desse estudo sejam de fácil acesso aos idosos e, ainda, que seu meio de divulgação tenha relação direta com essa pesquisa.

5.6 Tratamento e análise dos dados

Feita a transcrição de todo o conteúdo das entrevistas para se extrair o máximo possível de informações relevantes dos dados disponíveis (Delval, 2002), realizou-se uma análise dos mesmos tendo como suporte teórico e técnico a análise de conteúdo (Bardin, 2011), mais especificamente a leitura qualitativa. Realizou-se também certa análise quantitativa dos dados, nas questões mais objetivas do roteiro de entrevista, com o auxílio do *software OpenEvoc 0.84* (Sant'Anna, 2018b). Justificam-se tais opções pelo fato de Piaget nunca ter tratado, em detalhes, da questão específica da análise e de seus trabalhos sobre método clínico, semelhantemente, não abordarem o assunto. Delval (2002) acredita que isso se deva a inexistência de um procedimento geral para tal, dependendo, em verdade, dos objetivos do pesquisador.

A análise de conteúdo consiste em um dos procedimentos clássicos para se analisar material textual, independentemente de sua origem – de produtos da mídia até entrevistas. Tem como uma de suas características principais o emprego de categorias, normalmente obtidas a partir de modelos teóricos (Flick, 2009). Segundo Bardin (2011), a utilização de tal método pressupõe três fases fundamentais: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A primeira delas refere-se à organização do material, a partir de procedimentos flexíveis (Câmara, 2013) e de leitura flutuante (Bardin, 2011), visando à sistematização das ideias iniciais, a partir do quadro referencial teórico (Silva & Fossá, 2015). Por sua vez, a segunda fase consiste na construção de operações de codificação e recortes do texto em unidades de registros (Silva & Fossá, 2015). Já a última fase atém-se a buscar, para além do conteúdo manifesto, aquele latente, isto é, um sentido por trás do que foi apreendido imediatamente (Câmara, 2013).

Foram seguidos, então, os passos que se indicam: a) leitura minuciosa dos protocolos de entrevistas; b) elaboração de categorias iniciais; c) discussão de tais categorias com colegas do grupo do Laboratório de Estudos do Desenvolvimento Humano (LEDHUM/UFES) e d)

elaboração de categorias detalhadas e resumidas. Todas as etapas se deram com base na teoria piagetiana e na sistematização que propõe Delval (2002). No que tange à definição das categorias, destaca-se que:

Trata-se de um método de trabalho muito árduo, no qual o pesquisador tem de ir encontrando uma estrutura comum nas respostas dos sujeitos. Tal estrutura não é evidente à primeira vista, mas tem de ser imposta pelo pesquisador. A estrutura pode ser considerada como uma hipótese que vai se confirmando à medida que se encontram novos sujeitos que correspondem a ela. Se a leitura de novos protocolos não confirma a análise que começamos a fazer temos de substituí-las por outra, examinando o que não encaixa na primeira proposta. É como modificar uma hipótese. (Delval, 2002, p. 169-170)

É importante acrescentar que as categorias utilizadas nessa pesquisa estão de acordo com o tema e os dados coletados. Dessa forma, não servem como modelo fixo para outro estudo, considerando-se as particularidades de cada temática e, ainda, da amostra selecionada para estudá-la (Silva & Fossá, 2015).

6. Resultados e discussão

Antes de iniciar-se a apresentação e análise dos dados, que será feita na mesma ordem do roteiro dois de entrevista (ver figura 6), é preciso tecer algumas considerações. Uma delas diz respeito aos nomes dos participantes que, respeitando a confidencialidade – conforme previsto no TCLE – não serão divulgados. Dessa forma, em caso de citação ou referência a eles, serão empregados nomes fictícios, seguidos de sua idade à época da coleta de dados entre parênteses. Além disso, faz-se importante esclarecer que, apesar de terem participado dessa pesquisa 26 idosos, o número de respostas (representado por n) pode não coincidir com esse valor, uma vez que havia a possibilidade de apresentarem uma ou mais respostas para a mesma questão.

Acrescenta-se que, para destacar as categorias usadas na análise dos dados, será usado o recurso sublinhar, enquanto para as palavras estrangeiras se empregará o itálico. Por sua vez, quando palavra estrangeira coincidir com nome de categoria, será grafada tanto em itálico como será sublinhada. Ainda sobre as categorias, essas serão apresentadas no texto, a cada nova discussão de dados, segundo a ordem de expressividade que apresentaram, isto é, as citadas primeiramente constituem-se naquelas que englobaram o maior número de respostas na questão.

Uma última pontuação diz respeito às categorias ausência de resposta e dado nulo. A primeira foi utilizada para indicar que o idoso não respondeu à questão, o que engloba a não resposta de fato e, ainda, uma resposta divergente da pergunta feita, sem contemplá-la. Por

sua vez, a segunda se refere aos casos em que não cabia realizar a pergunta, pois não se aplicava à situação, considerando as respostas anteriores do participante.

Questionados se se consideram idosos, 11 (42,3%) participantes disseram que sim, oito (30,8%) que não e sete (26,9%) responderam que somente em certos aspectos. É possível perceber, portanto, que a maior parte deles (n=15; 57,7%) não se denomina plenamente idosa. Vejam-se, adiante, as justificativas para cada uma dessas categorias.

Aqueles que se intitularam idosos relataram que o fazem em virtude, sobretudo, da idade que têm. Segundo a classificação apresentada por Papalia e Feldman (2013), esses seriam os “idosos jovens”, cuja faixa etária encontra-se entre 65 e 74 anos de idade. Os participantes basearam-se, exclusivamente, em um critério cronológico, em concordância com as legislações já apresentadas (Lei n. 10.741, 2003; Lei n. 8.842, 1994) e com Rodrigues e Soares (2006), que afirmam que esse é o marco legal para se considerar alguém idoso.

Quando feita essa questão à Maria (70), ela respondeu: “A idade. Simplesmente a idade. Idade, como é que a gente fala? Tem um nome, Barbara. A idade física, né, seria isso. Porque você com 70 anos... a idade cronológica! É nisso que eu me baseio”. De modo semelhante, Bernardo (72) afirma: “Com 72 anos! Idoso é acima de 60. Já estou com 72. Então, me considero um idoso”. Os entrevistados mostraram, assim, desconsiderar outros aspectos de vida em suas respostas, tais como condições físicas, mentais, funcionais e de saúde, atendo-se somente aos anos decorridos desde seu nascimento até o momento atual (Schneider & Irigaray, 2008).

Em menor grau, os entrevistados também disseram se perceber como idosos em função da ação do tempo sobre seus corpos. É o caso, por exemplo, de Gentila (68), que se queixa:

(...) já começa a sentir certas dificuldades para fazer determinadas coisas que eu fazia com uma rapidez, por exemplo, fazer uma faxina, um negócio. Hoje já faço com dificuldade, já tenho que dividir o serviço, e como eu não tenho nem nunca tive faxineira, nem secretária, nem nada, eu tenho que fazer tudo sozinha. (...) Sentindo bastante os pesos dos janeiros.

Essa categoria aproxima-se do conceito de idade biológica (Schneider e Irigaray, 2008), na medida em que os participantes apontam as transformações que sentiram em seus corpos com o transcorrer dos anos, indicando o declínio biológico como inerente à velhice (Jantsch et al., 2012). Remete, ainda, ao déficit das habilidades psicomotoras que atinge aos mais velhos, deixando-os mais lentos, conforme apontado por Birren e Fisher (1995), Barreiros (2006) e Vega, Bueno e Buz (2009).

Os dados também reforçam estigmas e preconceitos sociais, segundo os quais essa etapa da vida é sinônimo de perdas e limitações. Rodrigues e Soares (2006) corroboram essa ideia ao afirmarem que o imaginário social está permeado por denotações negativas sobre a velhice, dentre elas, ausência de força, vontade e vitalidade, necessidade de cuidados de outrem e estagnação.

Nessa questão, chamou atenção, ainda, a diferenciação que quatro (36,4%) dentre os 11 entrevistados que se denominaram idosos fizeram entre os conceitos “idoso” e “velho”. Eles atribuíram sentidos positivos ao primeiro termo, ao passo que o segundo recebeu conotações negativas, como fica evidente nas falas de Tadeu (70) e Umberto (73), respectivamente:

Ah sim, eu me considero idoso, só não me considero velho, mas idoso sim. O idoso, no meu entender, é uma pessoa que, apesar da sua idade, ainda preserva um espírito, tem vontade, tem planos, tem projetos, enfim ele não jogou a toalha ainda. O velho é que já jogou a toalha. É você se entregar.

Passou dos 60 é considerado idoso. Agora não me sinto velho. É diferente você ser idoso e ser velho. Graças a Deus. A diferença é a seguinte: uma pessoa velha, ele não caminha, ele não se movimentava, quer ficar no seu cantinho, não quer perturbação. Eu me considero idoso pela idade, mas eu consigo caminhar 30, 40 quilômetros num dia, eu pedalo de bicicleta até 100 quilômetros num dia, então, quer dizer eu estou sempre me movimentando. Se precisar fazer um gramado igual a esse, eu estou pronto para fazer, graças a Deus. Não tenho preguiça. Faço parte do *Lions Clube*, ajudo a comunidade. Domingo nós recuperamos uma área de nascente, plantamos 250 árvores. Então, eu procuro ser o mais ativo possível. Agora eu não posso dizer pra você que sou jovem. Não. (...) Eu não sei se é a partir de 60. Geralmente eles falam 65 anos já considera idoso. Tem até o pessoal da terceira idade que eu não faço parte. Eu brinco com o pessoal: ‘Gente, eu não sou velho. Eu sou um pouco desgastado’. Mas a vida é assim. Não tem jeito. Todos nós vamos chegar lá. Um dia você também vai ser idosa. Por exemplo, eu presto alguns serviços num asilo e lá sim, lá você não pode dizer que é só idoso. Lá tem velho. Velho que eu, na minha classificação, é essa aí. Velho é aquele que está lá no asilo. Ele não faz nada, nada, nada, nada. Esse eu considero velho. Agora uma pessoa que está na ativa e correndo para lá e pra cá, fazendo alguma coisa, não pode ser velho.

Esses entrevistados demonstraram compreender, portanto, que a definição de idoso é ditada principalmente pela idade e pelas atividades desempenhadas no dia-a-dia. A de velho, por sua vez, por ausência de projetos de vida (PV), características pessoais e, ainda, limitações físicas. Tendo, contudo, o *life span* e a Psicologia do Desenvolvimento como perspectivas de trabalho, considera-se – assim como Miranda (2016) – que a velhice é, bem como as demais etapas do ciclo vital, momento oportuno para a elaboração de PV. Essas aspirações para o futuro têm impacto na autoestima e no bem-estar dos idosos e demandam,

segundo a autora, criação e atividade. Numa perspectiva piagetiana, pode-se acrescentar que PV requerem, assim, um trabalho cognitivo de planejamento para que as estratégias sejam traçadas com vistas à concretização do plano e, também, um investimento afetivo para impulsioná-lo.

Por sua vez, os oito entrevistados que afirmaram não se considerarem idosos tiveram suas respostas englobadas nas categorias sensação de juventude e vida ativa. O primeiro grupo de respostas tem em comum a percepção dos participantes de serem mais novos do que a idade que têm, destacando sentirem-se, portanto, mais jovens. Esse é o caso de Delvina (65): “Eu não me sinto velha não. Eu esqueço que eu sou velha. Eu só sou quando eu olho no espelho, que a cabeça está branca, a cara já está enrugada, aí tudo bem”. Outro exemplo é o de Anna (66), cuja fala é apresentada em seguida:

O pior é isso. Você sabe que está caindo aos pedaços, mas, lá dentro, você pensa: Caramba! Isso já chegou? Acho que por conta disso. Eu não vi esse tempo passar. Então, quando eu penso: ‘Caramba! 66 anos! Sou uma idosa’. O corpo já dá sinal de desgastes, mas, dentro de mim, eu acho muita idade. Dentro. Eu não me sinto com esse monte de idade, me sinto com menos idade. Dentro é isso.

Essas respostas retomam o conceito de idade psicológica ou subjetiva (Batistoni & Namba, 2010), posto que os participantes afirmaram se sentir com idade inferior à real. Denotam, assim, uma experiência interna divergente da marcação do tempo em anos. É possível perceber ainda que, apesar disso, não ignoram efeitos da ação do tempo sobre seus corpos, salientando mudanças na aparência, compatíveis com o envelhecimento primário – ou seja, alterações corporais inerentes à idade (Busse, 1987; Horn & Meer, 1987).

Quando se referem, contudo, a vida ativa, os entrevistados relatam dispor de interesses, disposição, mobilidade, entusiasmo, bem como manterem-se atualizados e praticarem exercícios físicos. Iolanda (74) acrescenta que tem atividades e “assanhamento” (sic), explicando: “Me chama para um passeio, eu vou. Me chama para uma festa, eu vou. Para uma viagem, estou dentro! Esse tipo de coisa que eu participo”. Essa categoria aparece, assim, em estreita relação com o conceito de envelhecimento ativo (OMS, 2005), uma vez que, para além do bem-estar físico, os participantes demonstraram se preocupar com questões culturais e espirituais, almejando uma boa qualidade de vida.

Esse aspecto está, ainda, de acordo com a teoria piagetiana, pois, através de uma vida ativa, o conhecimento pode ser construído, sempre pela interação do indivíduo com o meio (Macedo, 1994). Nessa perspectiva, o conhecimento é fruto de um processo dinâmico e dialético que se passa na interação não só entre o sujeito e o objeto, mas também entre afeto e cognição (Rossetti & Souza, 2016). Percebe-se, assim, que o desenvolvimento não ocorre de

forma passiva, ficando clara a importância de que os mais velhos tenham uma rotina de vida que não seja rígida e monótona.

É possível perceber que muitas das respostas apresentadas têm em comum, apesar de se referirem a categorias diferentes, a questão da autovalorização (Piaget, 1954/2005a) – a exemplo dos já citados excertos de Tadeu e Umberto, ao explicarem por que se consideram idosos, e também o de Ari (65), que relata:

Eu sempre achei bonita também a velhice. Então eu me acho idoso e não me importo quando, às vezes acontece, alguma criança, pela formação dela, faz a referência a velho. Eu acho até bonito, porque eu considero que na idade, na velhice, tenha a experiência. A experiência acumulada. Acho bem bacana.

Desse modo, ao contrário dos estigmas e preconceitos culturalmente associados à velhice, os participantes demonstraram manter de si uma visão positiva, marcada pela superioridade. Apontam, assim, para as afirmações de Palácios (2009), o qual considera que pessoas mais velhas costumam ter leitura positiva de si, mesmo que, tradicionalmente, se entenda que nessa etapa da vida há diminuição generalizada da valorização própria.

Já os participantes que relataram se sentir idosos apenas em certos aspectos, apresentaram razões como justificativas, nas quais contrapunham alguns aspectos – sobretudo físicos e psíquicos, ou cronológicos e psíquicos – o que aponta para a necessidade de estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento. Desse modo, Rosa (67) considera-se idosa na idade, porém não fisicamente. Já Esmeraldina (65) explica que se sente idosa na aparência, devido aos efeitos do tempo sobre seu corpo, mas não na “cabeça” (sic), descrevendo que tem sonhos, vontade de viajar e projeto de escrever um livro. O mesmo afirma Américo (65), segundo o qual, apesar de o corpo não responder como antes, sua mente está aberta a tudo. E, também, Domingas (70), como se pode constatar:

Eu acho que meu espírito é jovem, mas já minha aparência eu acho que sou uma idosa, uma senhora. Porque eu me vejo assim. Não sei, às vezes, me vejo uma senhora. Agora eu acho que meu espírito é de uma pessoa jovem, que estou sempre sonhando, sempre. (...) E quando eu me olho no espelho, eu vejo uma senhora, com rugas e etc, que é a vida, né. O tempo passa.

Essas percepções e sentimentos variados sobre a velhice e o envelhecer convergem com dados de Lemos (2003) e Fernandes e Garcia (2010) que constataram, em suas pesquisas, caracterizações e compreensões oscilantes sobre essa etapa da vida, com questões físicas e mentais aparecendo em contraposição. Retomando as discussões sobre o lugar que a velhice ocupa no imaginário social, marcadamente negativa (Rodrigues & Soares, 2006), parece

compreensível que os entrevistados não se sintam plenamente à vontade para denominarem-se idosos.

É importante destacar, ainda, que a percepção de si mesmo pode ter efeito sobre o declínio intelectual, conforme apontam Vega, Bueno e Buz (2009), para quem, a propósito, é importante que o contexto de vida seja estimulante a nível cognitivo e que se desfrute de sentimentos de satisfação sobre as capacidades pessoais. Assim, quanto mais positiva for a visão que o idoso tem de si, menores são suas chances de apresentar prejuízos intelectuais. Do mesmo modo, é benéfico que se envolva em atividades que lhe demandem reorganização cognitiva e afetiva, como no caso do uso de RSD.

Caminhando para o estudo das RSD, foi perguntado inicialmente aos idosos por meio de que aparelhos eletrônicos têm acesso à internet. Eles relataram usar diferentes dispositivos, com predomínio, contudo, do celular (*smartphone*), o qual foi citado por 22 (84,6%) participantes. Tais dados vão ao encontro dos resultados, apresentados na seção de introdução, da PBM (SECOM, 2016) e da PNAD (IBGE, 2016b), bem como de pesquisa realizada pelo SPC em parceria com a CNDL (2016), ao apontarem o uso do *smartphone* como principal meio de acesso à internet. Percebe-se, assim, que os idosos acompanham a tendência nacional, desfrutando das inovações tecnológicas, na medida em que não se restringem ao uso do *desktop*, mas também das tecnologias móveis. Além disso, esses dados retomam o caráter de intuitividade das telas sensíveis, exposto por Albisson e Zhai (2003), o que pode explicar a preferência dos idosos por dispositivos que dispensem a combinação de teclados, telas e *mouses*.

Nove (34,6%) dos 26 entrevistados informaram usar apenas um tipo de aparelho para acesso à internet, enquanto 16 utilizam dois ou mais. Essa questão teve, ainda, uma ausência de resposta, como se pode constatar na figura 8.

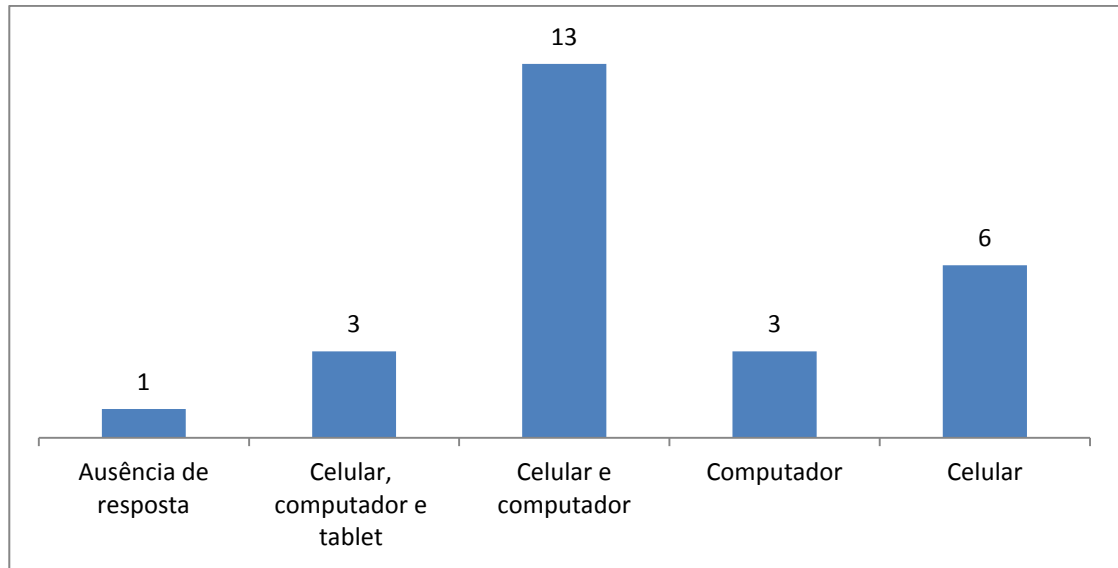


Figura 8 - Distribuição de aparelhos eletrônicos para acesso à internet.

Antes de se investigar o uso propriamente dito das RSD, perguntou-se o que os idosos entendem por elas, demandando, assim, uma definição. Doze (46,1%) conseguiram, sem dificuldades aparentes, fornecê-la. A maior parte da amostra (n=14; 53,9%), entretanto, o fez a partir das intervenções sucessivas da pesquisadora (n=03) ou não o fez (n=11).

Analisando-se as falas dos 12 idosos que responderam efetivamente à questão “O que o(a) senhor(a) entende por RSD? Se tivesse que explicar a alguém o que elas são, o que diria?”, foram estabelecidas três categorias, sendo elas: ferramentas de comunicação e relacionamento, programas eletrônicos e fontes de conhecimento e informação. O primeiro grupo de respostas refere-se ao entendimento de que as RSD propiciam e facilitam a comunicação, interação, conexão e relacionamento entre pessoas e grupos de pessoas.

Outros idosos, no entanto, compartilham a opinião de que as RSD caracterizam-se por programas eletrônicos que permitem o contato entre pessoas. Tais entrevistados fizeram referência a *softwares*, aplicativos, espaço virtual, uso de telefone ou computador, dentre outros, ressaltando um sistema como mediador da comunicação entre duas ou mais pessoas. Isso é clarificado pela fala de Esmeraldina (65):

Eu diria que é um espaço virtual, onde pessoas que têm interesses em comum ou não, trocam. Trocam informações, trocam detalhes, notícias, ou se mostram. Onde as pessoas se exibem. Eu acho que é um espaço que, pela minha idade, eu não imaginava, até porque eu trabalhei com informação, né. Eu trabalhei com formação científica e tecnológica. Imagina, há 30, 40 anos a gente imaginar que a gente poderia estar assim a um clique, a dois cliques, com tanta informação a nossa disposição e com tantas notícias e com tantas possibilidades de interação. Para mim, isso aí é fantástico. Ao mesmo tempo que é fantástico, é meio que assustador, mas...

Helena (66) também remete a esse sentido:

Eu nunca pensei nisso, em explicar o que é rede social. Eu acho que é uma maneira moderna de se relacionar, porque antes tinha os vizinhos, a porta da casa, a carta, de se comunicar também. Hoje em dia é realmente de se relacionar, se comunicar, de mandar notícia, de fazer contato com familiares longe. Ela preenche todos esses outros que a gente fazia antes e muito até dos encontros sociais que a gente não faz, comunicando, sabendo da vida, sabendo notícia dos amigos e familiares que não se encontram muito, né.

Já a categoria fontes de conhecimento e informação engloba as respostas que apontam as RSD como canal de obtenção e troca de notícias, informações, conhecimentos, pesquisas variadas. Iolanda (74) compreende as RSD como: “(...) uma fonte de conhecimento; entendo como uma fonte de, uma oportunidade de conhecimento (...)”. Ela acrescenta que tais redes lhe representam, também, um passatempo e uma forma de se divertir.

Tais entrevistados, ao serem capazes de definir as RSD, demonstram conseguir isolar as razões, dominando as situações em pensamento (Piaget, 1978a). Isso se mostra fundamental para a continuidade do desenvolvimento (Missawa, 2017), pois quem conceitua as RSD progride no desenvolvimento.

É possível perceber, ainda, que os conteúdos das categorias estão relacionados, mesmo que parcialmente, aos conceitos de RSD encontrados na literatura. Quando se referem a elas como ferramentas de comunicação e relacionamento, os idosos aproximam-se do que afirma Torres (2012), sobre o caráter social das RSD, ao pontuar que assim o são em virtude da possibilidade de interação e colaboração de seus usuários. Já na categoria programas eletrônicos, eles parecem se restringir a especificação de mídias, quando o mesmo autor esclarece que as RSD atuam como meio de transmissão de informações e conteúdos vastos. Em fontes de conhecimento e informação, por sua vez, os entrevistados focalizam o que as redes proporcionam aos usuários, conforme descrito por Lima (2011), isto é, o acesso e compartilhamento de dados de modos diversificados, como arquivos, textos, fotos, imagens, vídeos, dentre outros.

Aqueles que não conceituaram as RSD citaram as utilidades, exemplos, vantagens e desvantagens delas, como pode ser observado na fala de Rosa (67): “Complicado, porque vejo, já encaro olhando os pontos positivos e negativos. Eu falaria que é uma vantagem muito grande. Para os trabalhos hoje em dia, para você, quem tem uma grande empresa, de modo geral, é um desenvolvimento muito grande”. E, ainda, na de Maria (70):

Eu digo que é uma coisa que muitos dizem que é útil, mas eu acho muito complicada e eu prefiro a época que eu sentava, escrevia uma cartinha, recebia cartinha. Porque eu

me questiono muito. Claro que tem as coisas que você vê que estão aí, de ajuda, de descobertas. Nossa, a ciência, tudo mais. Mas isso não diminuiu a quantidade de pessoas que morrem de câncer, que vão morrer de câncer.

O fato de os idosos não conseguirem definir o que são RSD assume, assim, correlação com os conceitos piagetianos de fazer e compreender, considerando que “fazer” refere-se ao sucesso da ação propriamente dita e “compreender”, por sua vez, à representação mental dela (Piaget, 1978a). Fica evidente, portanto, que esses idosos mantêm um descompasso da conceituação em relação à ação, na medida em que operam as redes que têm, mas não as compreendem suficientemente em pensamento, a ponto de conseguirem defini-las.

Sobre esse aspecto, é possível ponderar, ainda, que não formular e deter um conceito de RSD pode apontar para uma utilização não plena dos recursos oferecidos por elas, posto que, segundo Piaget (1978a; 1978b) déficit na compreensão pode impactar no êxito da ação. Não se pretende, dessa forma, indicar que esses idosos não sejam capazes de utilizarem-nas satisfatoriamente, mas sim que o aprofundamento da compreensão sobre elas pode permitir que progridam em seus processos de desenvolvimento, ampliando as possibilidades de pensar do idoso. Além disso, é preciso pontuar que a compreensão pode ser alcançada na medida em que utilizarem suas RSD, uma vez que o processo de construção do compreender ocorre de modo gradativo (Souza, 2014), por meio da ação.

Considerando, assim, que para compreender é preciso fazer, isto é, agir, depreende-se que, nesse processo, o idoso mantém-se em atividade. Ele está, nessa medida, vivenciando um envelhecimento ativo (OMS, 2005), o que contribui diretamente para seu desenvolvimento cognitivo e afetivo, já que indissociáveis (Piaget, 1983; 1954/2005a).

Questionados sobre quais RSD os participantes têm, obtivemos um total de 71 respostas. Entretanto, consideraremos n=68 (100%), uma vez que três respostas não se referiam a RSD propriamente ditas, sendo elas: sms, Vivo (concessionária de telefonia) e telefone. Em primeiro lugar, com a maior frequência de respostas, apareceu o *WhatsApp* (n=25; 36,7%). Em seguida, vieram *Facebook* com 19 (27,9%) respostas, *e-mail* com 11 (16,2%), *Instagram* com 06 (8,8%), *Messenger* com 02 (2,9%). *Twitter*, *Linkedin*, *Google +*, *Youtube* e *Facetime* tiveram, todas elas, uma resposta (1,5% cada, totalizando 7,5%).

Percebe-se, portanto, que apenas um dos 26 idosos não tem *WhatsApp*. Outra observação importante é que ter a RSD não significa para eles necessariamente usá-la. Henrique (66), por exemplo, citou cinco redes, mas afirmou não usar duas delas, como pode se observar no trecho:

Aí está. Eu utilizo *Facebook*; eu utilizo zap³ que não tem jeito. Eu não sei usar o *Instagram*, até já instalei, mas eu não tenho entusiasmo de usar *Instagram*. Às vezes eu até preciso. A empresa que eu trabalho tem coisa no *Instagram*. Eu só vejo quando me mandam, entendeu? Uma hora eu vou ter que abrir lá para poder pesquisar, mas está naquela linha de acomodação. Não preciso de forma inquestionável, não corro atrás. Tenho porque eu pedi para instalar. Eu não sei como vou fazer para acessar. Se eu precisar de uma hora para outra, eu vou ter que chegar e procurar '*Instagram*'. Mas eu botei porque sabia que ia precisar, mas nunca 'curiosei' de abrir lá para ver o que é, de fazer nada.

Ele mesmo complementa:

LinkedIn! Eu tenho *LinkedIn* também. (...) Mas por que eu não falei o *LinkedIn*? Porque eu não uso, eu não uso. Eu não sou autor de ação. Eu leio tudo que chega de mensagem, eu vejo quem está mudando de emprego, quem está fazendo aniversário de emprego, quem foi promovido. Eventualmente, eu respondo alguma pessoa, cumprimento alguma pessoa. Mas não é uma ferramenta que eu utilize.

Para a questão que versava sobre quantos acessos por dia os idosos costumam fazer a suas RSD, elegeram-se as categorias esporadicamente, frequentemente e continuamente, optando por analisar cada RSD citada em separado. Dessa forma, tais categorias de frequência de acessos foram determinadas a partir das próprias respostas, como se vê na tabela 3. Destaca-se que não constam na tabela a totalidade das respostas fornecidas, uma vez que aquelas repetidas foram desconsideradas para a apresentação.

³ Forma popular e abreviada de se referir à RSD *WhatsApp*.

Tabela 3

Descrição das categorias para análise da quantidade de acessos às RSD.

| | |
|-----------------|--|
| Esporadicamente | Quando lembra (tem dia que não acessa) Uma vez a cada quatro ou cinco meses Uma vez por semana Poucas vezes Não acessa todos os dias Pouca utilização |
| Frequentemente | Uma vez por dia ou a cada dois dias Uma vez por dia Duas vezes por dia Duas ou três vezes por dia Menos de três vezes por dia Três vezes por dia Mais de três vezes por dia Três a cinco vezes por dia Quatro vezes por dia Quatro ou cinco vezes por dia Quando faz barulho que a filha postou (duas ou três vezes por dia) Dez vezes por dia Seis ou oito vezes por dia (quando faz barulho) |
| Continuamente | Sempre, toda hora Muitas vezes por dia Muitas vezes Muitas vezes por dia, umas 20. Vinte vezes por dia mais ou menos Umas 200! (risos). Toda hora, “dioturnamente”, um milhão de vezes por dia Sempre, toda hora Infinitas vezes, tem que estar antenado com ele Toda hora, sempre que faz barulho. É muito difícil dizer quantas vezes Todo dia, acesso quase que constante |

O gráfico a seguir (figura 9) exhibe os resultados das principais RSD citadas. Dessa forma, não foram incluídos *Linkedin*, *Youtube*, *Messenger* e *Twitter*, pois tiveram, cada um, apenas uma resposta.

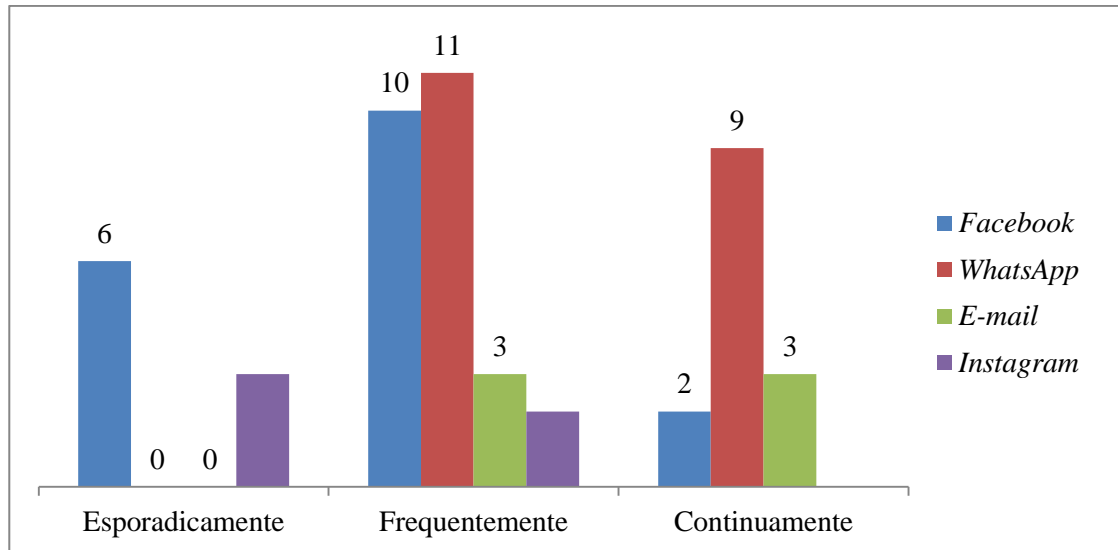


Figura 9 – Distribuição das RSD por categoria de frequência de acesso.

É possível perceber que as RSD mais citadas nessa questão, a saber *Facebook* e *WhatsApp*, tiveram seus acessos definidos, sobretudo, como frequentemente. Outro dado relevante está na categoria continuamente, na qual o *WhatsApp* apresentou grande expressividade em relação às demais RSD. Sobre ele, é oportuna a fala de Henrique (65):

Zap zap... eu tenho dois telefones, né, particular e o do serviço. Esse aqui eu vejo toda hora. Eu vejo toda hora porque eu trabalho em cima disso aqui. Nos dois telefones. Então, eu uso 'dioturnamente'. (...) E o zap zap um milhão de vezes por dia, é *online*. Eu acompanho não na hora que toca, mas cada momento que eu tenho folga, eu venho aqui e verifico.

Sobre isso, é preciso estar atento ao fato de as RSD disporem de mecanismos cujo objetivo é justamente que o usuário, jovem ou idoso, retorne frequentemente a ela para verificar as atividades nos perfis de seus amigos, bem como nos seus. Isso faz com que as redes sejam acessadas várias vezes por dia (Picon et al., 2015).

Analisando-se o tempo que os idosos dedicam diariamente às visitas às RSD que têm, destacaram-se três categorias: pouco tempo, entre 30 minutos e 01 hora e entre 01 e 02 horas. Na primeira categoria citada, que englobou mais da metade das respostas, os entrevistados caracterizaram o tempo de navegação nas redes como sendo rápido, de segundos, de minutos, ou citavam a quantidade de minutos, sendo um número inferior a 30. A segunda e a terceira categorias são, por sua vez, autoexplicativas. Outros idosos, por sua vez, não fizeram referência a tempo, esclarecendo que o período que dedicam às RSD depende de sua disponibilidade, necessidade ou interesse.

Os idosos referiram, portanto, tempo de navegação nas RSD significativamente inferior à média nacional brasileira, que é de três horas e 39 minutos por dia, conforme dados da agência *We are social* (2017). Os dados se distanciam, também, dos referentes ao público jovem pesquisado por Bordignon e Bonamigo (2017), cujo tempo encontrado foi superior a quatro horas diárias. Considerando que 61,5% dos entrevistados participam de grupo religioso ou de convivência, bem como que 30,8% deles mantém atividade remunerada de trabalho, é possível supor que suas interações sociais se deem, sobretudo, de forma presencial, levando-os, assim, a apresentarem menor tempo de utilização das RSD.

Os idosos foram perguntados, ainda, a respeito da frequência com que acessam suas RSD aos finais de semana em comparação aos dias úteis. A metade, isto é, 13 (50%) deles afirmaram que não percebem diferenças nessa frequência, ao passo que os outros 13 (50%) apontaram que ela muda. Dentre aqueles que afirmaram mudarem seu padrão de uso durante o fim de semana, oito (61,5%) relataram que a utilização é maior. Laura (68) é uma delas, como pode se observar:

Não, no fim de semana eu olho mais, que aí eu tenho mais tempo. Aí eu acho que eu fico umas duas horas (risos). Incomodo até o marido (risos). Umhas duas horas, aí olho tudo com calma, aí aproveito e olho também, eu gosto de olhar preço de coisas, aí eu fico olhando preço de loja, quanto está custando, o que está vendendo barato, essas coisas.

Henrique (65) também explica porque intensifica o uso das redes no fim de semana: “Então, vira rotina. Você chega em casa, bota o computador, senta lá e, quando não está comendo, quando não está fazendo alguma outra coisa que seja específica, está na máquina”. Por outro lado, alguns idosos têm sua utilização reduzida, como é o caso de Delvina (65). Segundo ela:

Final de semana, não, porque eu vou mais mexer com a casa e não mexo com telefone. Muito difícil. Porque quando chega final de semana, já saio aqui (do trabalho) na sexta doida para poder arrumar minhas coisas. Aí, então, eu durmo e levanto e o telefone eu até escondo na gaveta. De primeiro, eu desligava, né, porque eu não posso ver que aí eu quero mexer. Aí se eu mexer, eu me atraso com meu serviço. Aí não dá. Eu tenho que fazer minhas coisas, vou fazer unha e aí não dá para mexer.

Ari (65) também segue essa tendência, pois afirma que verifica as RSD se não tiver outra ocupação. Ele explica: “Eu não tenho uma dedicação assim para dizer: ‘Olha, vou parar tudo que estou fazendo para olhar rede social’. Eu faço o contrário. Quando eu não tenho outra coisa para fazer, aí eu vou olhar rede social”.

Ao se investigar qual é a RSD mais utilizada pelos idosos, obteve-se como resultado o *WhatsApp*, o qual foi a resposta de 18 (78,3%) dos 26 entrevistados. A ele seguiu-se

Facebook (n=03; 13%), *e-mail e WhatsApp* (n=01; 4,3%), enquanto um participante (4,3%) disse usar as duas RSD que tem da mesma forma, sem destacar nenhuma delas, além de três dados nulos. A maior utilização do *WhatsApp* está de acordo com os resultados do Conecta (2017), que mostrou a predominância de tal RSD no Brasil. Já o segundo lugar alcançado pelo *Facebook*, aproxima-se do panorama mundial de RSD mais usadas (*Statista*, 2019), no qual ele é o primeiro. Essas aproximações demonstram, portanto, que os idosos têm acompanhado a dinâmica e tendência contemporâneas, em acordo com Bueno, Vega e Buz (2009) que destacam ser importante, em função da duração cada vez mais prolongada da velhice, que continuem socializando e adaptando-se aos novos contextos nos quais se desenvolvem.

Tais resultados, no entanto, divergem significativamente dos apresentados pela *We are Social* e plataforma *Hoosuite* (2017), nos quais o *Youtube* aparece como a RSD com maior número de usuários ativos no país. Há que se salientar, todavia, que a amostra pesquisada tinha idade inferior à desse estudo (até 64 anos), o que pode apontar explicações para tal diferença.

As razões pela maior utilização da RSD citada foram diversas, tendo sido organizadas nas categorias facilidade de uso, imediatismo das informações, maior demanda de acesso e recursos disponíveis. Entre as explicações, destacou-se a facilidade que os participantes relatam ter na utilização das RSD, apontando que são simples de serem manuseadas e administradas, práticas e acessíveis, por exemplo.

Em imediatismo das informações, as respostas indicaram que as RSD proporcionam aos idosos o acesso a “notícias fresquinhas” (Elisabeth, 66), sendo um meio rápido que permite a troca de mensagens de forma imediata e constante. Já em maior demanda de acesso as falas dos participantes indicaram que utilizam mais tal RSD porque nela recebem maior quantidade de mensagens, pertencem a mais grupos ou têm mais demandas de trabalho.

A categoria recursos disponíveis, por sua vez, é caracterizada pelas respostas em que os idosos afirmaram usar mais a RSD que citaram devido ao que ela lhes permite fazer. Como exemplo, tem-se o acesso a imagens, a possibilidade de conversar com alguém enquanto ambos se veem simultaneamente, o som de aviso de recebimento de mensagem, a existência de grupos e a ferramenta de ligação. Sobre a possibilidade de telefonarem via RSD, os participantes destacaram o fato de não pagarem nada por isso, o que pode ser melhor compreendido a partir do trecho da entrevista de Aristides (67), a seguir:

Por exemplo, tem um amigo meu que foi professor do mestrado e mora na Califórnia. Você liga e você não paga. Tem essa questão da economia, né. Você pode acessar a imagem também, falar com a pessoa e ver a pessoa e ela ver você, é o que minha

esposa faz diariamente com minha filha que mora em Orlando, conversa horas e horas, às vezes, dependendo do dia. Então, é uma coisa fácil eu acho de manusear e é econômica. Você não vai gastar tanto dinheiro para se comunicar com as pessoas.

Também Hildo (70) fala sobre essa questão: “(...) minha filha mora em Belo Horizonte. Se eu ligar para ela, eu vou pagar. Aí não pago nada”. Helena (66), por sua vez, traz outro aspecto à tona, ao comentar que:

No *WhatsApp* tem a câmera. Aí você bota na câmera. Eu tenho até uns outros, instalei, mas eu não uso não. As pessoas também me acionam, da família, por ali. Por exemplo, minha irmã está lá em Brasília: ‘Oi, estou plantando isso. Está dando isso na chácara’. Ela ou filma ou ela vai por vídeo, né. Então, assim, é um meio de comunicação, de estar presente com as pessoas que estão distantes, que a gente não se encontra, pela vida corrida.

Essa fala corrobora a visão de Shirky (2010), para quem as ferramentas de RSD, ao invés de alternativas ao mundo real, são, na verdade, parte dele. Helena (66) aponta, assim, para o fato de as redes anularem ou minimizarem distâncias físicas, contribuindo para a manutenção das relações sociais (Lalueza & Camps, 2010). Dessa forma, apesar de não manter contato presencial com sua irmã que reside em outro Estado, Helena desfruta de uma comunicação flexível, que lhe permite inclusive o envio de imagens praticamente em tempo real, sem interferências de limitações de espaço ou tempo (Vermelho et al., 2014).

De modo semelhante a quais RSD mais utilizam, os idosos relataram que também têm preferência pelo *WhatsApp* (n=16; 61,6%), seguido por ausência de preferência (n=04;15,5%), e-mail (n=01; 3,8%) e *Facebook* (n=01; 3,8%). Houve, ainda, uma (3,8%) ausência de resposta e três (11,5%) dados nulos. Sobre os motivos que os levam a preferir a RSD que citaram, os entrevistados apontaram três dimensões: recursos disponíveis, privacidade e praticidade/comodismo.

A respeito dos recursos, relataram que a RSD é mais completa: os permite telefonar, documentar arquivos, enviar mensagens, ter áudio e vídeo, além da possibilidade de grupos. Henrique (65) diz sobre o *WhatsApp* que “(...) ele é muito mais rico de fotos, de movimento, da dinâmica da informação, do compartilhamento das informações”.

A categoria privacidade remete às crenças dos idosos de que, no *WhatsApp*, suas atividades sofrem menos exposição do que em outras RSD, já que escolhem com quem compartilham arquivos ou informações, caracterizando-o, dessa forma, como mais individualizado ou restrito. Hildo (70) fala sobre isso, como se pode observar:

O *WhatsApp* é separado, né. O grupo da família, o grupo do prédio, grupo de não sei o que é. É separado, né, cada um tem seu grupo. No *Facebook* você tem um grupão, né, que ali está sua família, seus amigos, as pessoas que você adicionou. É um grupão.

Já Tadeu (70) explica sua preferência do seguinte modo: “Porque é uma coisa mais, digamos assim, não abre tanto. Se eu, fora do grupo, se eu tiver o seu contato, será apenas entre nós dois. Já no *face*⁴ é uma coisa, não é assim, que abre”. Ainda sobre esse aspecto, tem-se a fala de Iolanda (74): “Em relação aos outros dois (*Facebook* e *Instagram*), os outros dois você acaba ampliando a participação de outras pessoas. No *WhatsApp* fica mais individualizado. Fica mais direcionado e eu acho melhor”. Os idosos demonstraram, assim, desconhecer que outras RSD também lhes permitem manter diálogos de modo privado. O *Facebook* (Grimmelmann, 2009) e o *Instagram* (Demezio et al., 2016), por exemplo, dispõem de tal funcionalidade.

Já praticidade/comodismo diz respeito às indicações dos participantes de que preferem a RSD citada porque consideram que têm mais habilidade para usá-la, que é mais fácil ou, ainda, porque não têm o hábito de usar outras. Para exemplificar, apresenta-se a fala de Gentila (68): “Porque é a mais prática, a que está mais a mão”.

Analisar o porquê da preferência dos idosos pelo *WhatsApp* demonstra que a afetividade direciona a ação deles, fazendo-os, inclusive, utilizarem mais essa RSD. Nesse sentido, o afeto atua como dinamismo energético (Piaget, 1973/1990), modulando a intensidade da conduta, uma vez que os motivos apresentados por eles (e que deram origem às categorias citadas) relacionam-se aos seus interesses que, por sua vez, culminam na repetição da ação, isto é, no uso regular da RSD preferida.

Dos 26 participantes da pesquisa, apenas um (3,85%) relatou não pertencer a grupos nas RSD, sendo ele, inclusive, o único que não tem conta no *WhatsApp* e que usa exclusivamente o *e-mail*. Os outros 25 idosos afirmaram participar de 156 grupos, entretanto citaram ou nomearam 131. Essa diferença se deve ao fato de que alguns participantes apontaram um número aproximado de grupos, pois não se recordavam de todos. Aconteceu, também, de outros nomearem maior quantidade de grupos do que inicialmente afirmaram ter.

Analizando-se a quantidade de grupos que cada idoso possui, fizeram-se intervalos de valores, conforme a figura 10. Nela, é possível observar que a maior parte dos entrevistados tem entre 01 e 07 grupos, o que totaliza 72% da amostra. Vale destacar, sobre isso, que o menor quantitativo de grupos apresentado foi um, caso de dois participantes, enquanto o maior foi 20.

⁴ Forma popular e abreviada de se referir à RSD *Facebook*.

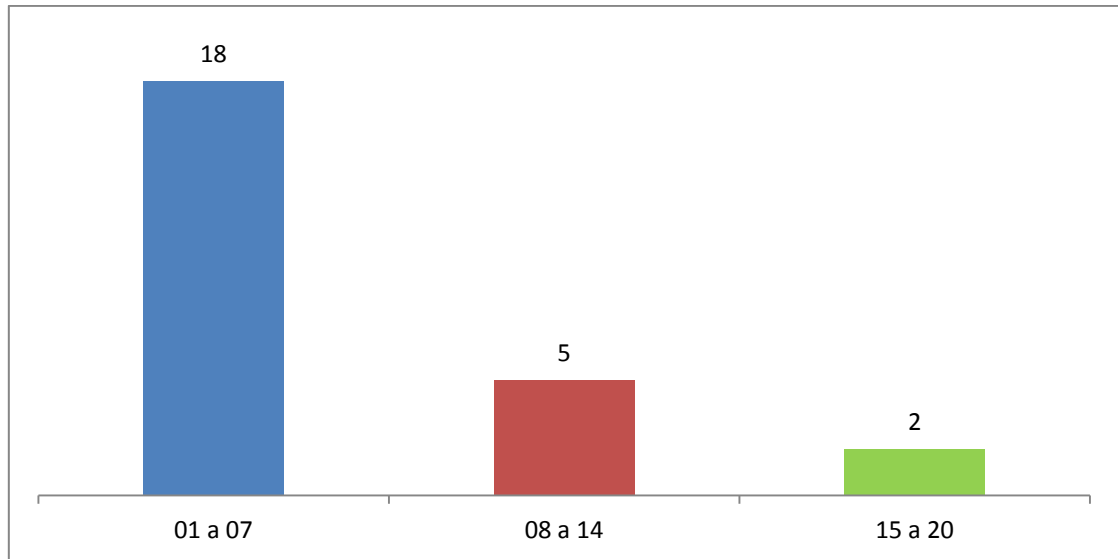


Figura 10 – Distribuição da quantidade de grupos em RSD.

Tais grupos encontram-se, majoritariamente, no *WhatsApp*. Grupos em outras RSD foram citados por quatro (16%) idosos: dois deles se referiram a grupos no *e-mail* e outros dois a grupos no *Facebook*. A partir da análise dos temas dos 131 grupos indicados, surgiram quatro categorias: grupos relacionados a compromissos, diversão, religiosidade e laços afetivos. Os primeiros referem-se a grupos de trabalho formal, de atividades voluntárias e de condomínio. Os segundos englobam os grupos de *hobbies* (fotografia e artesanato, por exemplo), de atividades de lazer (viagens, encontros etc), de discussão política entre amigos, de atividades físicas (como yoga, corrida, ciclismo) e, ainda, grupos destinados à organização de eventos. Já os relativos a religiosidade dizem respeito aos grupos de oração e troca de informações entre frequentadores de uma mesma instituição religiosa. Por último, os grupos relacionados a laços afetivos caracterizam-se por serem de família (compostos ora pela família nuclear, ora pela extensa), de amigos e, ainda, de colegas ou ex-colegas de colégios e faculdades.

Sobre os grupos para organização de eventos, os idosos os definiram como temporários, ressaltando que são criados com finalidades específicas e que perduram somente até a sua concretização. Tem-se como exemplo excertos das falas de Helena (66): “Do *WhatsApp* seria mais quando a gente vai fazer eventos, festas, comemorações, aí a gente cria os grupos temporários, depois tira. Geralmente, ligados à família”, bem como de Américo (65), que segue:

A gente vai fazer uma festa julina, em julho agora, lá na praia, então já tem um grupinho já formando para organizar essa festinha. Já começamos a formar agora esse grupo. Sempre tem um grupinho de uma coisa, de um evento, de outro.

Os idosos destacaram, ainda, o caráter de repetição de mensagens que recebem nos grupos, o que, inclusive, fez dois deles deixarem de pertencer a determinados grupos, como se pode ler no trecho da entrevista de Anna (66):

Eu tinha da minha família e da família do meu marido, mas aí eu saí. Sabe, toda hora ficam mandando coisinhas e coisinhas. Às vezes você recebe a mesma coisa 500 vezes, que está na moda ou fresquinha. Todo mundo manda. Eu não tenho paciência para isso (...) Muito chatos. ‘Bom dia’, ‘boa noite’... meu marido é um chato! Ele, todo dia, bota alguma coisa no nosso grupo e bota no da família dele e botava no da minha família. Eu tirei ele do da minha família. Peguei o celular dele e saí. A gente via três coisas iguais.

Os idosos foram perguntados também sobre como começaram a usar as RSD. A análise dessa questão mostrou que isso aconteceu por incentivo de familiares ou conhecidos, necessidade e sentimento de pertencimento, tendo essas categorias englobado o mesmo número de respostas. Sobre iniciarem-se nas redes a partir do incentivo de outras pessoas, a quase totalidade dos participantes fez referência aos familiares. Apenas Umberto (73), dos dez que citaram esse fator, não especificou quem foram as pessoas que o motivaram, apontando: “(...) eu não usava. Eu só usava o celular. Aí quando começou a vir os *smartphones*, esses telefones mais sofisticados, aí todo mundo: ‘Não, *WhatsApp* é uma beleza’”. Já Helena (66) fala sobre a influência de sua filha para que entrasse nas RSD:

Eu não usava. Foi numas férias e aí meus filhos já tinham e alguns parentes meus, que eu não via há muito tempo, do interior ou que moram fora do Brasil, achavam meus filhos nas redes sociais e ficavam mandando recado para mim. Aí minha filha falou: ‘Mãe, para! Eu nem sei quem é’, porque não conhece, né. São gente de 30, 40 anos, da minha adolescência, meus parentes, que moram na Itália, na França, mesmo no Brasil em outros lugares. Aí manda recado para você quando não consegue falar, né, mais prático, por eles, que eles achavam e pelo nome sabiam. Aí ela falou: ‘Vou criar um para você que aí eles vão falar direto com você’, que elas ficam mandando recado dos encontros de família, para saber notícia. Então, foi isso, ela fez. Na realidade, eu fiz com o objetivo de adicionar os parentes que eu não vejo há muito tempo, os amigos de infância, de 30, 40 anos mais. Tem mais, né, que eu não vejo. Os outros eu convivo, moram aqui. Aí foi para entrar em contato com eles, que eles ficavam perguntando, para saber notícia. E aí comecei aí e aí a pessoa vê o seu e solicita, e o outro e aí você vai ampliando. E aí gostei e não parei mais.

Aspecto semelhante aparece na fala de Laura (68), a seguir:

Eu acho que foi a minha filha que me incentivou a fazer isso. Eu relutava muito. ‘Ah, eu não vou aprender esse negócio não. Acho que não vou’. Aí ela falou ‘Mãe, pelo amor de Deus, que que é isso? Todo mundo faz isso, por que você não vai fazer?’. E me incentivou e eu acabei gostando.

Os participantes também trouxeram a necessidade nessa questão, indicando que usar as RSD lhes foi demandando em seus postos de trabalho. Francelino (67) é um deles,

afirmando que “O *e-mail* foi a necessidade do serviço, porque as coisas hoje são todas eletrônicas. (...) E eu acho que eu aderi à prática por necessidade do sistema”. Além disso, relataram que sentiram necessidade de poderem se comunicar com outras pessoas. Bernardo (72) traz um exemplo:

Fiz um curso breve de informática, porque eu precisava do *e-mail*, inclusive, para tratar de algumas coisas fora do Estado. Por telefone você não oficializava a coisa e aí eu tive que começar a trabalhar com *e-mail* para ter essas coisas, que esses papéis ficavam oficializados.

A necessidade diz respeito, ainda, a informações, como é o caso de Ari (65): “Eu comecei a partir do momento que eu senti necessidade. Na hora que eu vi que as informações eram importantes para mim”. Gentila (68), que já tinha uma RSD, aponta que teve que se inserir em outras para ter acesso a informações de um grupo religioso:

Porque eu faço parte do Ministério, na Igreja, e aí eles começaram a colocar notícias no *WhatsApp*. Antes, eu recebia às vezes um *e-mail*, porque *e-mail* eu tenho há muito tempo. Recebia *e-mail*. Aí esquecia: ‘Ah, eu não mandei por *e-mail*. Esqueci. Botei no *WhatsApp*’. Aí eu tenho um amigo que estava extremamente conectado, aí de vez em quando ele mandava: ‘Olha, Gentila, vai ter isso. Vai ter reunião’. Então, eu comecei a me sentir, parece que eu estava excluída do grupo. Falei ‘Ok, vou botar’. (...) Tanto que eu resisti a ter o *WhatsApp*, depois um dia até falei lá na igreja: ‘Gente, quando eu entrei no Ministério, vocês deviam ter falado que precisava ter *WhatsApp*. Ninguém exigiu. E agora ficam me cobrando’. Aí eu fiquei meio aborrecida assim. ‘Vou botar lá’. Meu telefone era um daqueles bem simplesinho mesmo, sem nada, sabe. Meu telefone era telefone, era para telefonar (risos). Que agora o que menos se faz no telefone é telefonar, né. Aí um dia me enchi de razão, fui lá e comprei um aparelhinho melhor.

Sentimento de pertencimento, por sua vez, refere-se ao desejo que os participantes apontaram de não se sentirem excluídos do mundo, manterem-se atualizados e de acompanharem o que Hildo (70) denomina “modernidade” (sic). Nessa categoria, também apareceram respostas de que o início do uso das RSD foi feito automática ou naturalmente quando elas foram lançadas. Esmeraldina (65) fala a esse respeito:

Sei lá, não posso te dizer que no dia tal eu comecei, por isso ou por aquilo. Esse tipo de recurso, ele nos atrai, nos seduz eu acho e a gente acaba se envolvendo. (...) Eu acho que é pela possibilidade de a gente achar que está sempre bem informado. É uma ilusão, mas a gente sempre fica com aquela coisa assim. Tem dia que eu não olho, raramente, mas acontece de eu não olhar, por exemplo, o zap. Depois eu falo assim ‘Meu Deus, e se alguém me mandou um recado? Deixa eu olhar’. É aquela coisa de a gente estar sempre atualizado. (...) Eu não sei te dizer quando. Surgiu, entrei, deu certo.

Ao ser perguntado sobre o modo que se iniciou nas RSD, Hildo (70) responde: “Como? Isso apareceu como apareceu na vida de todo mundo. Vamos dizer, como que a gente

pode definir isso: é a modernidade. A maneira de você se comunicar facilmente, de uma maneira bastante clara, rápida e o principal disso: você não paga muito por isso”. Aristides (67) também comenta esse aspecto:

Ou a gente entra na tecnologia ou nós estamos fora. (...) E o mundo cada vez mais está digitalizado, né. Isso não vai voltar mais. Não tem como voltar. E daqui para frente, as coisas vão ser mais sutis. Antigamente, televisão era de todo tamanho, você tinha que apertar um botão, fazer força. Depois, veio o controle. Hoje em dia você liga e desliga já com a sua voz. Cada vez mais as coisas estão ficando mais sutis.

Essa temática também aparece na entrevista de Alice (67): “Ah, eu sempre gosto. (...) Sim, eu gosto de estar interagida com o mundo. Bom, você vai ficar fora do mundo? Se eu estou no mundo, é para ficar nele, né. Então, eu gosto de sempre estar super atendida”. Outro exemplo é trazido pela fala de Umberto (73):

Ou você entra, ou você fica fora do mundo. Não é assim? Não tem jeito. Aí eu falei: ‘Poxa vida, o que eu vou fazer?’. Aí eu fui na loja, aí eu falei: ‘Quero um celular bom’. Aí ele falou: ‘Pode comprar esse aqui que é excelente! Você vai ficar satisfeito com esse telefone’. Realmente, muito bom. Muito bom o telefone. Aí comprei, a moça já instalou, já me deu prontinho. Saí de lá já com o telefone avisando um monte de mensagem. Falei: ‘Ixe Maria!’.

As RSD aparecem para os entrevistados, como se pode perceber, como um meio de sentirem-se parte do contexto da sociedade contemporânea, acompanhando as evoluções tecnológicas e as novas formas de comunicação que delas advêm. Tais dados corroboram os encontrados nas pesquisas de Dellarmelin, Balbinot e Froeming (2017), Ferreira (2017) e Jantsch et al. (2012), na medida em que os autores destacam que os idosos passam a utilizar e se apropriar dessas ferramentas como um espaço de socialização, mantendo-se ativos e parte do cenário atual.

Nessa última categoria (sentimento de pertencimento), especialmente, percebe-se que os idosos consideram o desenvolvimento como processo contínuo, o que é corroborado por Souza (2012), para quem, além de ser contínuo, também é integrativo. Os entrevistados se referem à importância de acompanharem os avanços tecnológicos e sociais, o que, naturalmente, demanda que sigam de um patamar de menor equilíbrio para um de maior enquanto constroem novos conhecimentos (Piaget, 1973/1990), o que não significa, porém, que abandonarão as aquisições prévias. Além disso, é preciso destacar que ao acreditarem que podem se desenvolver e, assim, se remeterem a um processo que é ininterrupto, os idosos fazem referência, ainda, à autovalorização (Piaget, 1954/2005a), já discutida anteriormente.

Ao se investigar como os idosos começaram a fazer uso das RSD e se alguém os ensinou a utilizá-las, houve destaque para a importância dos familiares nesse contexto.

Tomando essas questões separadamente, constatou-se que 19 (73%) deles receberam auxílio para se familiarizarem com o funcionamento das redes, ao passo que os outros sete (27%) aprenderam por conta própria.

Nas respostas dos idosos que afirmaram ter tido ajuda para começarem a usar as RSD, percebemos que ela veio, sobretudo, de familiares (73%). Dentre eles, destacou-se o apoio de filhos (n=15; 57,6%), seguidos de cônjuge (n=02; 7,7%), sobrinhos (n=01; 3,85%) e netos (n=01; 3,85%). Foram citados, ainda, especialistas (n=02; 7,7%), amigos (n=02; 7,7%), colegas de grupo de convivência ou de trabalho (n=02; 7,7%) e alunos (n=01; 3,85%). Sobre os especialistas, é importante esclarecer que foram profissionais da área de informática que realizaram treinamento aos idosos. Arlindo (66) passou pela capacitação em seu local de trabalho, esclarecendo que: “Olha, tivemos apresentação. Como a gente já tinha uma certa facilidade na minha área de atuação, eletroeletrônica, essas coisas da época não teve problema. Foi só orientação. A gente tocou em frente”. Já Bernardo (72) explica:

Veja bem, porque eu sou de uma fase que, quando eu me aposentei, que estava começando a informática. Então, no meu trabalho, quer dizer, em escritório, não existia ainda no serviço público federal aqui computador. Não existia nada. Como eu aposentei logo que estava iniciando esse processo de implantação da informática, eu me aposentei e eu não me interessei porque eu não queria me prender a isso. E você tem uma certa coisa que, quando você começa a fazer, você cada dia tem que ir se prendendo mais, né. Eu vejo as pessoas, por exemplo, em todo lugar que você vai hoje as pessoas não conversam mais. Tem quatro pessoas sentadas e cada um no celular, nas redes sociais, e conversam muito pouco. Eu não me interessei muito por esse motivo. Fiz um curso breve de informática, porque eu precisava do *e-mail*, inclusive, para tratar de algumas coisas fora do Estado. Por telefone você não oficializava a coisa e aí eu tive que começar a trabalhar com *e-mail* para ter essas coisas, que esses papéis ficavam oficializados. Não tinha esse negócio de ficar mandando Sedex, e não recebe Sedex, então, para mim, foi mais fácil. Por isso que eu me interessei um pouco por *e-mail*. (...) Eu fiz um curso. Não um curso, um curso. Eu fiz um curso vip. No período que eu contratei, eu tinha aula particular, só para mim. (...) E assim que eu terminei o curso, eu deixei completamente de lado, porque eu não tinha o mínimo interesse. Falava: ‘Olha, não tenho interesse. Não tenho interesse. *Facebook*, eu não tenho interesse. Eu estou fora!’.

Também na pesquisa de Ferreira (2017) os principais incentivadores para que os idosos comesçassem a fazer uso das RSD foram os familiares, o que demonstra que a afetividade está relacionada a si, mas também ao meio e a outrem. Tendo afeto por outros, o incentivo que deles advém é tomado em consideração e, conseqüentemente, mobiliza o aparato cognitivo para a ação que, no caso, é a descoberta das RSD. A afetividade, portanto, se mostra mais uma vez como condição – embora não única – para a inteligência (Piaget, 1962/1994a).

Por sua vez, os idosos que indicaram a ausência de ajuda para o início nas RSD apontaram que o fato de já dominarem os recursos do computador foi um facilitador para usarem-nas. Hildo (70) exemplifica essa questão:

Eu sempre, no meu trabalho, usava computador direto para trabalhar. Eu já peguei a era digital no trabalho. No meu trabalho eu tinha muito, e tenho até hoje, muita interação com o computador. E isso aí para quem tem essas interações, ficou muito fácil usar as redes sociais.

O mesmo pode ser observado na fala de Luís (66):

Veja bem, para quem vem, que trabalhava com informática, eu trabalhava com o computador o dia todo. Internet e programas, que eram programas de rede, você tinha filiais, tudo através de rede. Então, essa rede social veio e ela não foi novidade. Para mim, não foi assim uma novidade. Igual eu vejo pessoas idosas aí que realmente têm que começar do bê-á-bá ali, porque não tiveram a experiência profissional de informática. Eu acho que eles devem ter muita dificuldade. Agora eu não.

Aristides (67), por sua vez, apesar de indicar que teve auxílio quando iniciou o uso das redes, destaca que é possível aprender por meio de tentativas, sinalizando que avança, a cada dia, praticando. Semelhantemente, Anna (66) conta que:

(...) eu sempre futuquei. Nunca tive medo não. Eu lembro até de falar para uma irmã minha: 'ele não vai fazer nada que você não queira. Vai clicando. E, geralmente, essas coisas são autoexplicativas. Vê o que que diz. Eu lembro disso'. Mas, com certeza, alguém deve ter me ajudado.

Nesse sentido, tanto Anna (66) quanto Aristides (67) exemplificam o caráter de interação do sujeito com o objeto no processo de construção do conhecimento, mostrando que esse está intimamente relacionado à ação. Na medida em que tentam utilizar as RSD, alterando e adaptando seu contexto (Rossetti & Souza, 2016), os idosos vão modificando suas estruturas cognitivas como consequência, por meio da assimilação e acomodação (Santos, 2011).

Acrescentam, também, que o que lhes auxiliou nesse processo foi a realização de pesquisas e leituras a respeito das RSD, como traz Nilo (66): “Fui lendo e pesquisando algumas coisas. E até hoje! Às vezes, estou lá no *e-mail* e ‘como que faz isso aqui?’. Vou lá no *Google*, no *Doutor Google*, e pesquiso e vou resolvendo”. Alice (67), semelhantemente, explica que: “Eu, graças a Deus, sou muito didática. (...) eu gosto muito de ler instruções. Bula, manual, qualquer coisa. Eu só durmo lendo, então eu tenho acesso muito grande à leitura e eu gosto de eu mesma futucar as coisas”.

Para a questão da motivação para a utilização das RSD, surgiram três categorias, sendo elas: comunicação, necessidade e facilidade/praticidade. A primeira delas engloba

subcategorias como existência de grupos, imediatismo da informação, e informação e atualização, que mantêm em comum o fato de as redes possibilitarem, em rápida velocidade, a troca de mensagens e dados. Iolanda (74) ressalta que “(...) é uma comunicação à distância muito efetiva, muito prática, muito objetiva”. O trecho da entrevista que se segue, realizada com Esmeraldina (65) também exemplifica tal categoria de respostas:

É aquela coisa de a gente ter a sensação de que a gente está atualizado, informado, está fazendo parte de um contexto. Porque hoje você tem que estar antenado, você tem que estar informado. Você tem que ver e ser visto. Acho que tem um pouco aí de curiosidade, tem um pouco de narcisismo, porque a gente gosta, como te mostrei aqui a foto da formatura da minha filha, que foi o evento mais importante nesses últimos dias, para mim. É lógico que, na mesma hora lá, eu estava, quando tinha foto, J (esposo) tirou no celular dele, N (filha) no dela e eu: ‘passa para mim que eu quero mandar para as minhas amigas!’. É aquela sensação de que você tem informação e passa informação quase na hora que ela está acontecendo.

Também a fala de Nilo (66) segue nesse sentido: “Interagir com as pessoas. Estar ali se comunicando, participando de eventos, de grupos. Não tem como ficar fora da sociedade, vamos dizer, como um todo”. Isso também é corroborado por Delvina (65), ao afirmar que:

Por exemplo, eu fico aqui no bazar (trabalho), se eu não tenho o telefone, se eu não tenho o *WhatsApp* eu não fico sabendo de nada. Nada que acontece ao redor eu não sei. E por ele não. Aqui eu abro o *WhatsApp*, aí eu sei. Aconteceu um acidente não sei onde, aconteceu não sei o que não sei onde. Então, geralmente, a gente fica sabendo de muita coisa.

Esses dados estão de acordo com os encontrados por Jantsch et al. (2012) e Ferreira (2017) que apontam a comunicação como principal motivador para o uso de RSD entre os idosos. Esses últimos destacam que a comunicação se dá, sobretudo, com familiares e parentes. Também Cruz et al. (2017) identificaram a possibilidade de comunicar-se – de forma fácil e ágil – como fator preponderante para a utilização das redes pelos idosos. Os autores acrescentaram, porém, a comunicação com amigos e, conseqüentemente, a ampliação do círculo social dos idosos.

A pesquisa de Dellarmelin e Froemming (2015) também apresentou a questão da comunicação como um dos motivos para a criação de perfis em RSD pelos idosos. Dentre as cinco categorias encontradas para a análise das motivações desse público, quatro referiam-se diretamente a essa dimensão (manter relações familiares e afetivas mais próximas; manter contato com filhos que residem em outra cidade; manter contato com demais familiares que residem em outra cidade, e discutir e compartilhar sobre política). Os dados corroboram, ainda, o estudo de Chepe e Adamatt (2015) que, por meio da análise da interação de idosos no *Facebook*, concluiu que as RSD representam para eles comunicação, seguida de socialização.

De acordo com a literatura, há eventos de vida que contribuem para que os idosos adotem perfis em RSD, sendo eles a perda de membro da família, a saída dos filhos de casa, a aposentadoria e a viuvez (Ferreira, 2017), aspecto esse que, no entanto, não foi investigado nessa dissertação. O fato é que, inseridos nas redes, os idosos têm a oportunidade de manterem-se ativos e interagindo socialmente, através do mundo virtual (Dellarmelin & Froemming, 2015).

Ainda sobre a questão da comunicação, chama atenção nas respostas a preocupação com a veracidade das informações, trazendo a discussão atual sobre as *fake news* (notícias falsas). Os participantes ressaltam, sobre isso, a importância de manterem um senso crítico e, ainda, realizarem pesquisas a fim de averiguarem se as informações procedem antes de repassá-las, considerando que elas podem facilmente ser propagadas pelo meio virtual (Delmazo & Valente, 2018). Nilo (66) fala a esse respeito: “(...) tem muita coisa que você tem que pesquisar para ver a realidade. Se divulga muita coisa que não tem nada a ver. Tudo mentira, montagem, fotografias, essas coisas”. Da mesma forma, Luís (66) o faz:

Um manda notícia de um lugar, um manda de outro, uns modificam. E eu tenho discernimento de eu bato o olho e já sei se aquilo está alterado, se é uma *fake news*, no caso. Então, não vou abrindo e acreditando em tudo que está ali. Claro que não. Porque normalmente eu estou, eu sou, modéstias à parte, atualizado. Politicamente, economicamente. Eu tenho meu senso crítico sobre essas coisas. Então, muitas vezes aparece uma notícia que já não é mais novidade para mim, aí algum grupo joga aquilo, dando uma outra ênfase aquilo ali, entendeu?

Quando os idosos afirmam que têm e usam as RSD por necessidade, aparecem respostas relacionadas a atividades de vida diária e à profissão ou trabalho que exercem, o que pode ser visto no que diz Ari (64): “Eu acho que isso aí se tornou uma necessidade. Como foi, no passado, necessidade você ter um aparelho telefônico fixo em casa. Então, hoje, eu vejo essas redes sociais assim também como uma necessidade”.

Gentila (68) chama atenção à substituição do aparelho fixo pelo móvel: “A necessidade, por exemplo, de ter esse contato com os grupos que eu faço parte e até por uma questão mesmo de economia de telefone, porque às vezes a pessoa não tem mais o telefone fixo”. Francelino (67) compartilha da mesma opinião: “Porque é uma necessidade e vai ser mais ainda. Porque as perguntas, a sede de conhecimento é enorme. E as pessoas quanto mais avançam, mais querem avançar. E por isso que eu acho que a tendência é aumentar”. Já segundo Felício (67), a necessidade como motivação para o uso das RSD diz respeito a:

(...) informações que você precisa, de tudo, da facilidade de se comunicar, de comprar uma coisa. Você precisa falar com um filho seu, você precisa falar com um amigo,

tudo. Eu acho que ela hoje, principalmente essa aqui, *WhatsApp* e *e-mail*, ninguém fica sem isso mais.

Henrique (65), por sua vez, destaca aspectos da questão ocupacional, ao dizer:

Então, hoje, o zap é ferramenta de trabalho. Vai ser muito difícil você ficar numa situação que compartilhe com outras pessoas um trabalho que você não tenha zap. (...) Aqui é sobrevivência, no *whastApp*. Sobrevivência. Se eu parar de trabalhar, vai cair a necessidade de ficar consultando a miúde. (...) E vai reduzir a necessidade da permanência de consulta no zap. Mas vou continuar me comunicando com todos os outros grupos que eu preciso, com as informações de família. Com todo mundo que eu tiver que fazer alguma coisa é no zap que eu falo. Hoje, o que que nós fizemos para eu chegar aqui? É o zap. Não foi? (...) É sobrevivência de trabalho hoje.

Isso também aparece na fala de Helena (66): “Eu uso basicamente para isso: para divulgar ou ver trabalho de outras pessoas também. Eu gosto muito. Eu comprava muita revista, tipo livros, de decoração, de artesanato. Então, hoje, tem tudo nas redes sociais. Você participa, divulga os trabalhos, vê”.

Mais uma vez, os resultados corroboram os de Jantsch et al. (2012), em cuja pesquisa os idosos também indicaram o trabalho como um dos principais motivadores para estarem nas RSD. Destoam, no entanto, das motivações de jovens, as quais foram estudadas por Bordignon e Bonamigo (2017), e que se referem a aspectos relacionados, sobretudo, a comunicação e facilidade, não comparecendo o fator necessidade. Uma hipótese para essa diferença é que, tendo entre 18 e 23 anos de idade, não estejam inseridos no mercado de trabalho ou não tenham, ainda, responsabilidades financeiras, podendo, assim, fazer um uso preponderantemente informal de tais tecnologias. Já as respostas cujo cerne aponta para a facilidade ou praticidade como motivador para o uso das RSD referem que elas oferecem facilidades de compra, de comunicação à distância e, ainda, de envolvimento de várias pessoas em uma mesma comunicação.

Percebe-se que quando perguntados sobre por que têm e usam as RSD, a fim, portanto, de se investigar as motivações dos idosos, as respostas se referiram a aspectos relacionados, sobretudo, a interação social e lazer, em detrimento de demandas mais formais, como, por exemplo, necessidade de trabalho. O estudo de Skura et al. (2013), entretanto, indicou que os mais velhos concebiam as RSD, sobretudo, como um espaço para se buscar informação do que como ferramenta para entretenimento.

Os participantes apontaram, sobre o que lhes move para a utilização das RSD, a importância de se comunicarem com pessoas que moram em outros locais, relacionarem-se e manterem laços afetivos, fazer novas amizades, participarem de grupos e eventos virtuais e ter

acesso a diversidade de informações. Helena (66) fala sobre isso, destacando que as RSD lhe permitem encontrar, mesmo que virtualmente, pessoas com as quais ela não convive:

E hoje em dia tenho até contato com pessoas que já trabalhei junto, que a maioria já se aposentou e outros a gente se comunica, porque na vida assim a gente não se encontra muito. Então, dá notícias, coloca os papos em dia, se é papo, né. As conversas em dia.

Esse aspecto pode ser resumido pela fala de Hildo (70): “A rede social é para isso, para fazer um social mesmo”. Outro ponto que também se destacou foi o empenho demonstrado pelos idosos para acompanharem as evoluções tecnológicas. Alguns deles comentaram ter dificuldades para usar a internet ou as RSD, o que não os impede, no entanto, de tentarem se familiarizar. Outros, entretanto, encontram mais facilidades. Todos eles, porém, acham-se capazes de utilizá-las, uma vez que se interessam por elas, mesmo apresentando graus diferentes de dificuldades. Corina (70) relata que se considera em fase de adaptação às RSD. De modo semelhante, Arlindo (66) explica que:

Eu acho que se eu não usar, eu vou ficar por fora. Eu sempre falo com as pessoas: quando surge alguma coisa nova, entre. Mesmo que depois que não se interessar, saia. O que não pode é ficar fora. Daí um pouquinho, é um dinossauro. Então, eu aconselho a tudo que surgir de avançado, entrar ou conhecer pelo menos. (...) Já pensou se eu não usasse o celular, não usasse a internet, não tivesse acesso a banco? Como eu estaria? Por fora. Por fora de tudo, desatualizado.

Laura (68) também fala a respeito, ao comentar que:

(...) acho que é regredir se eu parar de olhar, se eu parar de... porque eu vejo, agora que tenho um neto que está com 12 anos, volta e meia ele manda também mensagem para mim, aí eu acho engraçadíssimo que eu respondo. Aí quando eu falo com ele assim: ‘Ah, acho que não vou olhar mais isso aqui’. Aí ele fala bem assim: ‘Vovó, olha a caridade, heim!’. Querendo dizer, assim, como que eu vou deixar de falar com ele nas redes sociais? (risos). Ele é muito engraçado. Então, acho engraçado, interessante por isso. Acaba sendo um meio desafiador, porque ele sabe muito mais do que a gente. Me sinto bem. Parece que eu estou acompanhando a evolução dos tempos.

Os idosos também destacaram a necessidade de se manterem informados e a par do que está acontecendo em seu entorno por meio das RSD. Alice (67) salienta que usar as redes é, para si, uma maneira de “atualizar” (sic) a mente e, assim, evitar que se torne uma pessoa esquecida. Já Henrique (65) sinaliza que as RSD são ferramentas que, se não utilizadas, privam-lhe de grande número de informações. Américo (65), por sua vez, comenta que:

Hoje a gente vive de informação. Ninguém vive sem informação. Quer dizer, você pode até viver, mas você vai quebrar a cara. Vai chegar aqui e ‘Oh, está fechada aqui a estrada’. ‘Não estava sabendo’. ‘Mas você não ficou sabendo por quê?’. Você tem que ficar informado hoje. Não tem como.

Diante disso, Umberto (73), no trecho a seguir, se questiona como seria possível não usar as RSD:

Mas como é que eu não vou? A turma do pedal, por exemplo, marca um pedal. Se eu não tiver um *WhastApp*, eu estou fora. Está entendendo? Não é porque eu tenho dificuldade de entrar na internet que eu não vou tentar ou não vou usar o *WhatsApp*, se não eu fico fora.

Ainda sobre a questão das informações compartilhadas pelas RSD, uma das participantes destacou que elas substituem um contato que, antes, se mantinha pessoalmente. Nas palavras de Domingas (70): “Essa informação diária que você tem, que eu tinha na biblioteca. O que me fazia falta, eu tenho hoje em dia na informática. Eu compenso na informática”. Já Gentila (68) traz outro aspecto:

Você pode, agora, até ver a pessoa. É algo assim... é tanto que meu sobrinho está lá (na Rússia) e eu achei que eu fosse ficar com muita saudade. Lógico que eu estou, com vontade de dar um abraço. Mas ele está conversando assim, parece que está chegando aqui. Dá uma falsa impressão de que você está bem mais próximo.

Interessava saber também quais as ações que os idosos desenvolvem quando estão *online* em suas RSD. Nessa questão, apareceram troca de mensagens e de arquivos multimídias, leitura de notícias, trabalho e felicitações a aniversariantes. Na primeira dessas categorias, os idosos referiram-se a bate-papos, resgate e manutenção de contato com outras pessoas e troca de notícias/receitas/fotos/vídeos/áudios. Um exemplo é a fala de Esmeraldina (65):

Tem colegas que eu estudei na Federal da Bahia, estudei no Rio de Janeiro. Então, eu tenho colegas que a gente troca algumas informações, troca fotos. Minhas primas que moram em São Paulo, que tem uns dez, quinze anos que eu não vejo. Falei: ‘Ah, vou ver se acho Y’. E achei Y, minha prima que foi criada comigo, a gente cresceu juntas. Mas eu já tinha perdido informação dela. ‘Mas Esmeraldina, meu filho fulano casou. Ele mora na Escócia, casou com uma menina da Inglaterra’. Então, a gente acaba tendo notícia de pessoas que, em algum momento, foram muito importantes na nossa vida e que a vida levou para outros caminhos. Isso acontece com todo mundo. Pessoas com as quais eu... primas com as quais eu fui criada, né, casaram, foram embora, por essa ou por aquela circunstância, não estão mais aqui no Estado, mas que a gente consegue resgatar o contato através das redes sociais e isso é bom. Isso é bom. A gente troca receitas.

A de Hildo (70) também versa a respeito, como se pode ler:

Agora, é para mim, eu acho uma maravilha isso. Eu vibro. Aposentado, a gente não vive sem esse aparelho (*smartphone*) aí. Isso é bom para a nossa vida. (...) Eu gosto de rede social para interagir mesmo com as pessoas, brincar assim de piada, mandar fotografia, assim. Tanto no *Facebook* quanto no *WhatsApp*.

E a de Américo (65), por fim, também é exemplificativa:

(...) minha família é lá de São Paulo, tenho bastante sobrinhos. ‘Ah, nasceu fulano!’, ‘Ah, nasceu’ que eu nem conheço. Tem um monte de gente que eu nem conheço. Quer dizer, por ali eu conheço todos eles, né. Põe foto, põe tudo. Na rua, se encontrar, talvez não conheço. Mas então é uma necessidade hoje.

Em leitura de notícias, os participantes apontaram que se informam e atualizam sobre suas cidades natais, familiares e amigos, o mundo em geral, conseguindo, assim, manterem-se atualizados. Exemplo é a fala de Henrique (65):

Eu gosto de saber de tudo, mesmo que eu... eu acho que 90, 95% das informações que eu recebo eu não as tenho para repassar. Não as tenho facilmente gravadas para dizer não, mas eu quero ter pelo menos uma noção de que as coisas aconteceram ou estão acontecendo. (...) Então, eu uso essas redes (...) para me inteirar das coisas quando eu não estou interagindo com as pessoas. Interaço com a notícia, com os comentários que foram feitos.

O trecho da entrevista de Nilo (66), que segue, versa sobre o mesmo assunto, como se pode ver:

Tomar conhecimento do que está acontecendo no mundo, né. Estar sempre atualizado, vamos dizer assim, lendo as mensagens. Antes era jornal que você tinha. Tinha que ler jornal, papel. Depois já... hoje, na mídia, você já vê isso tudo aí. Você abre o computador de manhã – às vezes eu faço isso – e você pega e dá uma ladinha lá, de 10 a 15 minutos, e você já sabe o que está acontecendo. E antes era só jornal. Então, é uma grande coisa isso aí.

Os idosos também indicaram o trabalho (remunerado ou voluntário) como parte do que fazem nas RSD. As diversas redes aparecem, assim, como ferramentas de trabalho, permitindo, segundo eles, o contato com outros setores de seus locais de atuação, a divulgação de produtos, a realização de compras e vendas e o contato com clientes, por exemplo. Tem-se, nesse sentido, a fala de Ari (65):

Eu, normalmente, nas redes, priorizo aquilo que está associado ao meu trabalho com o *Lions* (Clube), com Loja Maçônica ou interesse pessoal meu. São as minhas prioridades. Fora isso, eu não diria nem como passatempo, mas é lógico que de vez em quando você recebe alguma coisa: ‘Ah, isso é engraçado’ ou ‘Isso é interessante’ e tal. Aí você acaba dedicando um tempinho para olhar isso também, até como uma diversão, mas não como uma coisa, por exemplo, você ter um hábito de fazer um jogo no celular, por exemplo. Não seria esse o ponto.

Francelino (67) faz uso similar ao de Ari (65), o que ele próprio explica a seguir: “Trabalho, responder algumas indagações, algumas consultas, alguns pedidos por serviço de cartório. A gente responde, dentro do possível. Pessoas buscando informação, a gente responde, dá o retorno”.

Outra ação que apareceu com expressividade foi o ato de felicitar aniversariantes, colegas de RSD. Henrique (65) comenta que:

Então, todo dia eu entro lá, tem dia que nem acho, que dá um trabalhinho, mas os amigos que eu tenho, eu cumprimento todos eles. Faço questão de cumprimentar, então eu entro. E aí, não sei usar muito aquele negócio não, eu entro nos aniversários e entro nas mensagens que aparecem na minha tela. Eu tenho amigos que não aparece o que eles escrevem, o que eles postam. Entendeu? Aí eu não vou lá para abrir no endereço de fulano ou ciclano. Não faço isso, salvo em alguns casos: 'Ah, vê aí o que postei'. Eu vejo os aniversariantes. Eu posso ficar dois dias sem ver, porque lá bota o aniversariante do dia e do dia anterior e ainda está passível de você mandar mensagem. Então, quando eu fico dois dias sem ver, eu aproveito e mando as mensagens para todo mundo.

Tais resultados aproximam-se dos de Ferreira (2017) que, ao investigar quais os principais recursos utilizados por idosos em RSD, constatou que são mensagens instantâneas e fotos e vídeos. Esses recursos aparecem, nessa pesquisa, englobados pela primeira categoria, a saber troca de mensagens e de arquivos multimídias. Já a questão do trabalho está diretamente relacionada aos grupos que os participantes relataram ter em suas RSD, uma vez que a maior parte deles indicou pertencer a grupos de compromissos.

Em se tratando de relacionamentos por meio das RSD, quinze (57,7%) dos 26 idosos relataram que conheceram pessoas ou fizeram amizades. Essas foram, sobretudo mulheres, em número de 10 (66,6%). Retoma-se, assim, o fato de que os gêneros apresentam, na velhice, padrões de relacionamentos sociais diferentes, tendo elas mais amizades que eles (Bueno, Vega & Buz, 2009). Depreende-se que, possivelmente, as mulheres se engajem mais em conhecer pessoas, o que pode culminar na formação de vínculo de amizade, mesmo que virtual.

Dentre aqueles que responderam de forma positiva, indicando que fizeram colegas ou amigos, nem todos chegaram a conhecê-los pessoalmente, mantendo, assim, contato exclusivamente virtual. Nessa questão, os idosos também citaram que, por meio do uso das RSD, encontraram novos familiares. É o caso de Laura (68):

Sim, até por causa do sobrenome. Viu meu sobrenome e quis me conhecer, porque eu tinha um sobrenome, que é até do meu marido, e da pessoa dizer: 'Ah, você é o que, você é esposa de quem, filha de quem?'. Aí, então, pessoas que eu conheci através da rede.

Aqueles que responderam negativamente a essa questão citaram como principais motivos para não iniciarem relações nas RSD o medo de se exporem ou de se arriscarem e, ainda, a falta de interesse de conhecer pessoas que não sejam de seu convívio. Sobre isso,

Hildo (70) afirma que faz uso das RSD não para encontrar amigos, mas sim para cultivá-los. Tadeu (70) também fala sobre isso:

Alguém solicita. Aqui tem várias e várias. Gente que eu não sei por que as pessoas têm esse interesse. Gente que eu não sei quem é, gente que eu nunca ouvi falar, mas que é amigo de não sei quem e não sei quem. E eu conheço uma pessoa que, por sinal é meu primo, que parece que ele tem orgulho de falar não sei quantos mil amigos ele tem. Isso, para mim, é um fator vergonhoso. Às vezes, para que disso, gente? Ficar buscando, ficar garimpando amizades com pessoas que ele nem sabe quem é. Olha, eu não consigo, não consigo. Qual o interesse, gente? Imagine você. Eu poderia procurar uma pessoa. Vou te mostrar aqui o tanto de gente que... e eu ignoro. Eu ignoro. (...) Não tenho essa necessidade e nem interesse.

Iolanda (74), além de considerar tal prática arriscada, complementa: “(...) eu acho que não vai me acrescentar. Não vai me acrescentar mais um amigo. Eu já tenho tantos amigos, tantos parentes, tanta coisa. Então, se vem de alguém que já é meu amigo, aí é diferente”. Já Henrique (65) traz a questão dos relacionamentos amorosos virtuais:

Tem um monte de mulher lá, de *site* ‘quero te conhecer’. Não acho graça não. Primeiro, não estou precisando de me relacionar com ninguém. Eu tenho uma vida extremamente intensa hoje. Então, é arranjar coisas que eu não daria atenção. Não tenho nada contra me relacionar com uma pessoa. Eu imagino alguém que está numa solidão, que não tem nada. Eu tenho colegas assim. Aposentam e brocham, né. Ficam fixo num lugar, não saem, não fazem mais nada, não se relacionam. Uma pessoa assim eu até gostaria de fazer um contato para ver se melhora um pouco e tal, melhora a relação, a vida da pessoa, porque eu tenho certeza que se alguém está procurando, mas não tenho tempo para isso hoje. Mas não tenho nada contra. Só não faço isso.

Percebe-se, nesses casos, que a falta de interesse impede a conduta, isto é, não impulsiona os entrevistados a iniciarem relacionamentos por meio das RSD. A afetividade, assim, mostra sua função energética, na medida em que, estando ausente o interesse, não há necessidade de regulação de forças (Piaget, 1954/2005a) e, portanto, não há ação.

Os idosos, quando perguntados sobre quantas pessoas conheceram pelas RSD, forneceram respostas variadas, indicando quantidades entre três e 15, além de respostas indefinidas, como poucas ou diversas. Essa questão contou, ainda, com seis ausências de resposta e 11 dados nulos. Pedidos para avaliarem como foi essa experiência, os participantes dividiram-se em qualificá-las como positivas (categoria mais representativa numericamente) e negativas. Um deles, porém, limitou-se a caracterizá-la como diferente.

Desse modo, os idosos que relataram ter sido positivo para si conhecer pessoas ou fazer amigos por meio das RSD usaram palavras como “boa”, “maravilhosa” e “interessante” para descreverem tal experiência. Esse é o caso, por exemplo, de Domingas (70):

Maravilhosa! Posso te falar que, olha, para mim que sou aposentada, está sendo uma coisa maravilhosa, porque estou aprendendo e não estou só aprendendo, estou enviando algo. Ali é uma troca, de comunicação e de informação. É bom para a pessoa, às vezes até mais jovem que eu, e é bom pra mim também que não é porque eu tenho 70 anos que eu não tenho que aprender as coisas. Até de evoluir.

Ao defender que, apesar da idade cronológica, é possível continuar aprendendo, Domingas (70) está de acordo com a perspectiva *life span*, segundo a qual envelhecer e se desenvolver são processos correlatos (Neri, 1995). Tal paradigma indica que as capacidades cognitivas continuam a se desenvolver por todo o curso de vida (Scoralick-Lempke & Barbosa, 2012), como acredita a própria participante.

Por outro lado, alguns idosos discordam dessa avaliação. Anna (66) considera que conhecer pessoas pelas RSD é superficial, pois as conversas se restringem a mensagens curtas, como quando se deseja feliz natal ou feliz ano novo. Já Alice (67) destaca que esse tipo de relacionamento não lhe traz acréscimos em sua vida. Esmeraldina (65), por sua vez, mantém certo cuidado ao se referir à possibilidade de se fazer amigos dessa forma, explicando que: “São amigos virtuais. É prático chamar de amigo virtual. São contatos virtuais, sei lá, conhecidos virtuais. Eu não daria a conotação de amigo. Para mim, a concepção de amigo é meio diferente”.

Importa destacar que, considerando que maiores e mais fortes redes de relacionamento com amigos significam menores chances de morte na próxima década de vida de idosos (Flinders, 2006), para além das amizades presentes fisicamente, pode ser benéfico tê-las também em meio virtual, por meio das RSD. Isso se torna ainda mais plausível quando se pensa, por exemplo, em idosos com mobilidade reduzida, o que, no entanto, não foi o caso de nenhum dos entrevistados.

Mais uma vez, os meios de informação e comunicação, nesse caso específico as RSD, podem contribuir para a melhoria e até mesmo prolongamento da vida de pessoas mais velhas. Utilizar tais redes atende, assim, à necessidade apontada pelos pesquisadores da ALSA (Flinders, 2006) de se ofertar aos idosos possibilidades para expandir e nutrir relacionamentos com amigos. Uma alternativa parece justamente investir na maior utilização (por meio de cursos, por exemplo) de RSD por esse público, permitindo ainda que se relacionem com pessoas geograficamente distantes de si. Considerando que ter, fazer e cultivar amigos, segundo Ricardo e Rossetti (2011), contribui para o desenvolvimento afetivo e cognitivo, os relacionamentos virtuais mostram-se importantes também para o lazer e descontração dos participantes (Zicardi, Abdalla e Clementino, 2008).

Investigou-se, ainda, se os idosos percebem diferenças em suas rotinas desde que iniciaram o uso das RSD. As respostas a essa questão foram, sobretudo, afirmativas: 20 (77%) entrevistados relataram que houve mudanças em seu dia-a-dia, enquanto cinco (19,2%) que não as percebem. Esse tópico contou, ainda, com uma (3,8%) ausência de resposta. As respostas válidas foram, então, categorizadas em diferenças positivas e diferenças negativas.

O conjunto de falas que apontou diferenças positivas na rotina abarcou as facilidades trazidas pelas RSD, a ampliação das redes de relacionamentos e da comunicação interpessoal e o interesse pelo uso de tais ferramentas. Como facilidades, os idosos apontaram que as RSD lhes dão a possibilidade de se comunicarem com quem quiserem, independente de onde estejam; lhes propiciam resolver questões ou problemas de forma não presencial e sem necessidade de deslocamento e lhes dão acesso a uma variedade de informações, inclusive internacionais, que não teriam de outro modo ou com tanta rapidez. Um dos participantes, Hildo (70) esclarece, a esse respeito, que:

(...) você consegue ter outras informações que você não tinha antes. Isso é muito importante hoje. Hoje, vamos dizer, nós vivemos a chamada era da informação, né. A era da comunicação. Essa era digital veio criar a era da comunicação. E a comunicação de outro jeito, de outra forma, de uma extensão muito maior. Então, você não tinha isso antes. A era digital possibilitou você ter uma comunicação muito abrangente e você hoje se torna sabedor de diversas coisas que você não sabia antes. Para nós, é ótimo. Eu vou te falar, eu, por exemplo, as pessoas aposentadas como nós temos atividades que a era social nos trouxe, por exemplo. Informação, informação, comunicação. Isso é muito bom.

Já no que tange à expansão das redes de relacionamento e da comunicação interpessoal, os idosos apontaram que as RSD constituem um meio para se conhecer pessoas ou fazer novas amizades e, também, estar constantemente em interação com outras pessoas. Laura (68) exemplifica, ao mencionar que:

Sim (percebe diferenças em seu dia-a-dia), de ficar mais entrosada com as pessoas, porque antes das redes sociais era muito restrito. Só aquelas pessoas mesmo que, de vez em quando, estava encontrando, vendo na cidade pequena, né. Então, com isso, o mundo parece que ficou maior.

Sobre esse aspecto, chama atenção a fala de Helena (66) que relata que a utilização das RSD significou para si diminuição do sentimento de solidão, fator esse que também é apontado por Jantsch et al. (2012) e Exeter (2014), bem como por Ford e Ford (2009), Cotten et al. (2012) e Ballantyne et al. (2010) como citados em Rocha (2013). Nas palavras dela:

Aí nesses momentos, diminuiu muito minha solidão, porque você entra em contato com as pessoas, pesquisa, vê coisas, pesquisa (...) E aí foi muito bom, porque essa solidão diminuiu muito. Porque mesmo que eu não esteja comunicando com alguém, eu estou vendo as notícias, estou vendo todos os fatos, né, estou vendo notícia das

peessoas que eu gosto, que eu conheço tem muito tempo. Então, assim, diminuiu muito. Acho que foi uma das coisas mais marcantes.

Um último aspecto de destaque nas diferenças positivas é o interesse que as RSD despertam nos idosos. Sobre isso, eles apontaram que elas os envolvem e lhe são prazerosas. Rosa (67) acrescenta que a utilização dessas tecnologias acaba, por vezes, evitando que tenha pensamentos negativos ou desagradáveis, já que a ocupam com outros assuntos. Domingas (70), por sua vez, aponta para uma ampliação das possibilidades de vida, ao comentar: “Hoje, a minha rotina como aposentada seria só o trabalho de casa e avó. Hoje, eu acabo de ser avó durante a semana e, à noite, estou lá sabendo sobre política, sobre Psicanálise que eu estou doida para fazer, inclusive (...)”.

Esses dados remetem ao caráter lúdico das RSD. Percebe-se, assim, que as novas tecnologias permitem que o lúdico seja repaginado (Queiroz e Melo e Perfeito, 2013), fazendo com que práticas tradicionais dividam com ou cedam lugar a possibilidades virtuais de diversão e conhecimento. Ao descreverem as RSD como sedutoras e prazerosas, os idosos demonstram que as situações nelas vivenciadas fazem-lhe bem, impactando, assim, em sua autoestima e interações sociais. Além disso, podem ter suas capacidades cognitivas e intelectuais desafiadas e, dentre outras questões, terem a criatividade e a curiosidade estimuladas (Borba & Melo, 2010).

É consenso de que a ludicidade é fundamental para o desenvolvimento de crianças, mas percebe-se, nesses resultados, como impactam positivamente também na afetividade e cognição de idosos. É tanto que o Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741, 2003), em seu artigo 20, elenca o lazer e as diversões como direitos assegurados aos mais velhos.

Os entrevistados, no entanto, também apontaram diferenças negativas em suas rotinas a partir da utilização das RSD. Tais mudanças dizem respeito à dificuldade ou impedimento de realização de tarefas, prejuízo à capacidade de concentração, ansiedade e exposição. Sobre o primeiro aspecto, disseram que o tempo gasto no acesso às RSD lhes subtrai da realização de afazeres domésticos ou da leitura de livros impressos. O trecho que segue, extraído da entrevista de Rosa (67), é exemplo disso:

Tem as coisas para fazer, você senta e começa e quando você vê o tempo já passou. Assim, uma hora, meia hora, quarenta minutos. Você deixa de fazer, às vezes, outra coisa, uma boa leitura. Às vezes, eu deixo de ler. O tempinho que eu tenho eu vou para o zap, para o celular, para a tecnologia.

Já sobre os prejuízos à concentração, os idosos indicaram que, enquanto estão navegando em suas RSD, se distraem e não conseguem se manter atentos em outras

atividades. Tal dado aparece na contramão dos encontrados por Bordignon e Bonamigo (2017), em estudo que constatou que os jovens, ao contrário, realizam outras atividades concomitantemente ao uso das RSD. Nessa questão, retorna, ainda, a preocupação dos idosos a respeito da leitura de livros impressos, pois uma das entrevistadas (Esmeraldina, 65) diz que, com capacidade de se concentrar prejudicada, teve sua frequência de leitura de materiais que não sejam *online* significativamente reduzida.

Os idosos compartilharam, ainda, que desde que passaram a usar as RSD percebem que elas lhes causam ansiedade ou permitem que outras pessoas saibam rapidamente o que fizeram em suas vidas, como, por exemplo, locais que frequentaram ou pessoas com quem estiveram. Isso aponta para a dimensão da falta de privacidade e compartilhamento de informações. Francelino (65) conta que, quando realiza ações filantrópicas, essas são divulgadas somente dentro de um grupo específico de *WhatsApp* a que pertence e que prefere não compartilhá-las em outras RSD em que possam ter maior publicização. Outra participante, Esmeraldina (65), discorre sobre a ansiedade, afirmando que:

Fico ansiosa. Dando um exemplo prático: o meu zap, nem toda hora eu estou podendo usar, porque a memória do meu celular está cheia. Então, para eu acessar o zap, eu tenho que apagar alguns aplicativos. Eu tenho até que ligar para *Apple* para ver isso. Acho até que vou precisar comprar mais memória. Mas aí eu fico ansiosa, falo 'Ai meu Deus'. Aí eu olho aqui. Deixa eu ver como ele está agora (mexendo no celular). Deixa eu olhar meu zap. Aparece que está cheio (me mostra). Aí eu fico ansiosa. Falo 'Meus Deus, mas alguém vai procurar falar comigo e não vai conseguir'. Aí eu fico olhando qual aplicativo que eu vou apagar. O último que eu apaguei foi do Uber, mas eu posso precisar do Uber e eu apaguei o aplicativo do Uber. Por que que eu fico nessa? Nessa ansiedade de 'ai meu Deus, quem me procurou? O que aconteceu? O que eu estava combinando com as amigas e agora eu não vou saber? Vou esperar. Alguém vai me ligar?'. Isso é uma coisa que é uma ansiedade que eu acho que é desnecessária.

Nessa questão, outro aspecto que não pôde ser incluído nas categorias diferenças positivas ou diferenças negativas, merece atenção: a demanda de tempo causada pelas RSD. Os idosos referem que acessá-las requer um tempo que, às vezes, extrapola o que eles haviam planejado. Além disso, navegando nelas, ficam ocupados e deixam de desenvolver outras atividades. Destacam também que o som de notificação de recebimento de mensagem nas RSD lhes desperta a curiosidade para verificá-las e, assim, lhes tomam mais tempo em suas rotinas. Essa é, inclusive, uma das estratégias, como citado em Picon et al. (2015), para que os usuários acessem frequentemente suas redes. A fala de Luís (66) exemplifica esse aspecto:

(...) quando você pensa que não você está olhando e aí é o seguinte: talvez você ia pensar que em um minuto você ia ler ou sair, você nem se dá por conta. Você nem se dá conta! Mas eu procuro... sem perceber, você viu que já ficou mais tempo.

Sobre a questão das diferenças na rotina, conclui-se, por fim, que é importante que elas aconteçam, desde que positivas. Evitar que o dia-a-dia se mantenha imutável e enrijecido favorece a ocorrência de desequilíbrios e processos de equilibração, fundamentais para o desenvolvimento humano (Piaget, 1976). Desse modo, as RSD atuam como disparadores para essa população, movimentando-os cognitivamente, a partir de certa mobilização afetiva. Enquanto tecnologias atuais de comunicação, as RSD tendem, portanto, a contribuir para a continuidade do desenvolvimento, inclusive na terceira idade.

Quando perguntados se têm alguma dificuldade ou receio em utilizar as RSD, os entrevistados responderam, principalmente, que sim (n=22; 84,6%). Dos quatro (15,4%) que indicaram respostas negativas, três (75%) destacaram, entretanto, que mantêm certos cuidados aos usá-las, negando que estivessem relacionados a possíveis receios ou medos.

Na análise das dificuldades relatadas pelos idosos, percebeu-se que todos que as citaram (n=11; 42,3%) mantinham em comum questões relacionadas à utilização dos recursos disponíveis nas RSD. Isso incluiu dificuldades para transmitir informações de uma rede para outra, inserir efeitos na publicação de fotos, manter bate-papo de forma privada e publicar e enviar imagens e vídeos – o que pode ser constatado no excerto da entrevista de Gentila (68):

Eu não sei fazer, por exemplo... agora, tem esse negócio das fotos antigas. Eu tenho algumas fotos, num álbum de fotografia, uma coisa assim. Mas não sei como colocar. Agora no *WhatsApp*... é no *WhatsApp* que aparece um lugarzinho lá... por exemplo, quero mandar uma foto de uma planta daqui para alguém da família. Um dia desses, por exemplo, eu mandei. Tinha uns passarinhos ali, aí eu gravei o passarinho e botei, acho que foi no *tablet*. Eu sabia que tinha um lugar aí que tinha os passarinhos, eles estavam naquele monte, revoando, aí eu tirei a coisa e mandei para todo mundo. Aquilo eu sabia fazer que meu sobrinho me ensinou. Mas eu não sei muito. Por exemplo, queria botar algumas fotos antigas, mas eu estou esperando chegar alguém que possa me ensinar.

Também o que diz Francelino (67) a respeito das dificuldades relativas às RSD é importante ser destacado:

(...) eu sou meio prático, um praticante. Não sou um alfabetizado nas redes sociais não. Sou um semialfabetizado. É porque tem muita coisa em que eu preciso de ajuda. Meu filho de 12 anos sabe mais do que eu. De tudo! Ele sabe mais do que eu. Eu não sei nada, eu quando estou enrolado, ele que me soluciona.

Ainda sobre as dificuldades, percebeu-se que elas se referem, algumas vezes, a saber da existência do recurso, mas não ter conhecimento suficiente para operá-lo completamente, como refere Esmeraldina (65):

As minhas meninas usam uns recursos que eu nem conheço, quer dizer, usam uns *movimentozinhos* quando estão em um evento. Tem um *movimentozinho*, tem uma

mobilidade, umas coisinhas assim que eu vejo. (...) Eu diria que eu fico mais com o feijão com arroz do que com a variedade de possibilidades. A gente sabe que existe e usa pouco.

Outras vezes, no entanto, os entrevistados afirmam deixar de explorar as possibilidades de recursos, limitando-se ao que lhes é familiar. Henrique (65) aponta sobre isso que: “Eu devo ter alguns desconhecimentos, que eu imagino que os recursos são muito mais amplos. Eu não chego a ter receios, mas eu deixo de explorar coisas que seriam interessantes”. Outra dificuldade, citada apenas por um idoso, diz respeito à complexidade das operações necessárias para usar as RSD. Umberto (73) queixou-se da quantidade de informações que tem que dominar e, ainda, do número de teclas que precisa acionar para ser capaz de realizar ações nas RSD. Ele diz que:

Não é fácil para a gente aprender. É muita informação, é muita tecla, é muita coisa para você mexer. Então, isso aí deixa a gente um pouco meio embaraçado. Então, a gente, eu, por exemplo, aprendo o básico e vou tocando o barco assim.

Os idosos creditam tais dificuldades a diversos aspectos, sendo eles: desinteresse, dificuldade de aprendizagem, características geracionais e ausência de quem ensinar. A fala de Bernardo (72) se refere à primeira categoria, a qual reuniu a maior quantidade de respostas nessa questão.

(...) porque nunca me interessei pelo assunto. Porque se você manuseia a coisa todo dia, sua tendência, sua curiosidade vai aumentando. Como eu não quero ficar preso a isso, como muita gente tem *WhatsApp* e fica o dia inteiro agarrado no *WhatsApp*, para todo lugar que você vai, todo mundo agarrado com o *WhatsApp* e só com conversa, um monte de bobagens, um monte de coisas que você sabe que são mentiras, um manda para um, um manda para outro e vão formando esses grupos, eu não quero isso para minha vida.

Tadeu (70) também pontua que pouca coisa nas RSD lhe chama atenção, já Umberto (73) conta que, sem ter interesse pelas RSD, assim que se depara com alguma dificuldade, recorre a alguém para que a solucione para si. Retoma-se aqui a discussão de que, não havendo interesse, não há também necessidade e, portanto, não ocorre desequilíbrio tampouco possibilidade de desenvolvimento (Piaget, 1976; 1954/2005a).

Em dificuldades de aprendizagem, por sua vez, os idosos referem-se a limitações e necessidade de um tempo maior para aprenderem a como operar as RSD. Isso fica claro no trecho da entrevista realizada com Bernardo (72), que segue:

Dificuldade até, talvez, de aprender. Não é fácil para gente ficar aprendendo uma série de coisas, ficar mexendo, trabalhar com isso. Tanto no computador, quanto no celular. (...) E eu acho que quanto mais a pessoa vai ficando mais velha, as dificuldades de aprendizagem são maiores. Eu acho, eu acho porque eu não posso comparar hoje a

capacidade que eu tenho de percepção do que quando eu tinha 20 anos, 25 anos, por aí. De forma alguma. Há 25 anos, a pessoa me falava uma coisa, quando eu estava na faculdade, um professor dava uma aula e 30 dias depois você me perguntava e eu sabia o que ele tinha falado há 30 dias. Hoje, às vezes, você tenta lembrar o nome de alguma coisa e tem uma certa dificuldade e aí vai chegando num ponto que a gente tem que procurar até um médico para saber por que. Você começa a esquecer. Isso é em função da idade. É normal. Você pega uma criança hoje de 12, 13 anos, ela usa celular, aplicativos naquilo ali com uma facilidade, coisa que eu vou ter que pedir a uma pessoa para ficar sentada comigo um mês me explicando como é que eu vou fazer. O jovem aprende muito mais fácil e demora mais tempo para esquecer as coisas. Um velho não. O adulto não. Não sei. Isso aí é só a ciência que vai dizer isso. A ciência que vai dizer porque que o velho tem mais dificuldade, porque que o velho enxerga menos, porque que o velho cai mais os dentes, porque que o velho a musculatura dele vai enfraquecendo, porque que você vai ficando com osteoporose. É tudo a ciência que diz isso. Não tenho como dizer isso.

Os participantes também destacaram as diferenças entre a geração deles e a atual, marcando que eles tiveram acesso tardiamente às RSD, ao passo que os jovens nasceram inseridos nesse universo. Isso corrobora, portanto, o que afirmam Silveira, Parrião e Fragelli (2017), ao salientarem que os idosos não são nativos das tecnologias e, assim, podem enfrentar dificuldades em manuseá-las. Esmeraldina (65), por exemplo, fala de suas dificuldades nesse contexto: “Ah, eu demoro a pegar, porque eu falo assim que a geração de vocês já entrou, já acordou em cima dessas tecnologias e a nossa não. A gente teve que aprender e a gente fica com um pouco de dificuldade”. Da mesma forma, Henrique (65) comenta que: “Eu não tenho intimidade com as coisas. Você pega uma criança hoje, ele bisbilhota tudo aqui com a maior facilidade”. Umberto (73) também exemplifica:

As crianças hoje nascem e você pode ver: os pais dão celular na mão de um neném, de sei lá, de um ano. Ela fica encantada com aquilo e, olha, rapidinho eles aprendem a mexer. Com uma facilidade! A gente na idade nossa é mais difícil, entendeu. Lidar com a internet, esse mundo moderno que tem aí. Não é fácil para a gente aprender.

As falas de Henrique (65), Esmeraldina (65) e Umberto (73), apresentadas há pouco, remetem a um processo de aprendizagem mais lentificado. É preciso destacar, no entanto, que embora os tempos de reação a estímulos possam, de fato, tornarem-se mais longos – e daí a percepção de uma aprendizagem mais demorada – isso não acarreta dificuldades no desempenho psicológico (Palácios, 2009). Mesmo queixando-se da demora para aprenderem, os participantes demonstraram que aprendem, tanto que fazem uso de diversas RSD. É importante destacar que, ainda segundo o autor citado, é fundamental a manutenção da atividade intelectual para o bom funcionamento cerebral. Assim, para além das atividades costumeiramente sugeridas a idosos, como leitura de jornais e caça-palavras, poderia ser indicada também a utilização de RSD.

Na última categoria, os idosos destacaram que precisam de alguém para ensinar-lhes a utilizar as RSD. Uma vez que não o têm – por residirem sozinhos ou por falta de disponibilidade de outrem – enfrentam dificuldades em usá-las. Isso pode ser visto no trecho de entrevista de Delvina (65): “(...) eu demoro para aprender. Aí eu acho que nem todo mundo tem ‘saco’ para ensinar. Quem ensina, são as pessoas mais novas, né, e eles não têm saco para ensinar as pessoas mais de idade”.

A análise das dificuldades relacionadas às RSD fornece indícios sobre o processo de equilíbrio. Os obstáculos colocados pelos idosos requerem que realizem compensações ativas (Piaget e Inhelder, 2013), passando de um estado de desequilíbrio ao de equilíbrio (Queiroz, Macedo, Alves & Garioli, 2009), para que consigam superá-las. Para tanto, fazem-se presentes os mecanismos de assimilação e de acomodação, na medida em que os esquemas são modificados ou novos são criados. No entanto, vale ressaltar que só haverá resolução das dificuldades, a partir da equilíbrio, se houver interesse por parte dos idosos, logo, se aspectos afetivos se fizerem presentes para, assim, impulsionarem os aspectos cognitivos pertinentes. É importante ressaltar, ainda, que uma das formas de desenvolvimento é justamente o desequilíbrio (Piaget, 1976).

Tendo em foco separadamente os receios, esses foram citados por 18 (69,2%) idosos. A análise das respostas forneceu as categorias atos danosos e crimes, exposição, perda de dados e interpretação distorcida, tendo essas duas últimas a mesma expressividade. Em se tratando da primeira delas, os entrevistados indicaram que têm medo de ações criminosas, como pedofilia ou pornografia infantil, bem como de outras sem tipificação penal, mas que podem lhe causar variedade de prejuízos, a exemplo de uso inapropriado de imagem, perfil falso com informações verídicas deles, invasão de privacidade e violência.

Helena (66) traz esses aspectos: “(...) todo mundo tem acesso a essas redes, né, então, eu acho que tem pornografia infantil, vamos dizer, outras coisas em que eles trocam os nomes, rosto, fazem montagem”. Também Iolanda (74) comenta que tem receio “De um perfil falso. Ou um perfil falso, ou uma notícia falsa ou alguma coisa mal intencionada, ou manipulação”. Da mesma forma, Carmen (68): “Como você vê, a televisão mostra muita coisa: pessoas que se conhecem pelas redes sociais, vão ao encontro e não voltam. Ou combinam uma coisa, chegam lá é outra coisa totalmente diferente, então, eu tenho medo”.

Exposição, por sua vez, refere-se à divulgação de dados pessoais. Esses receios também foram relatados por idosos nas pesquisas de Cruz et al. (2017), Dias (2012) e Jantsch et al. (2012). A fala de Marlene (65), a seguir, além de exemplificar essa categoria, traz uma reflexão:

É assustador porque, se a gente for parar para pensar, se a gente em algum momento tinha um cuidado com a privacidade, hoje a gente faz questão de expor. Talvez uma falsa felicidade, porque nas redes sociais todo mundo está sempre bem, bonito. Todo mundo está nos seus melhores momentos, né. Então, é meio que assustador assim. A gente fica exposto, mesmo que sem querer. E quem é esse, lembrando George Orwell da Revolução dos Bichos, quem é esse grande irmão que nos controla? Tem hora que eu me lembro desse detalhe, mas eu me deixo levar. Eu gosto de ler, de ter notícias, de me informar, mesmo sabendo que muita coisa ali é lixo e muita coisa não merece crédito. Muitas notícias não merecem crédito. Muitas informações não são relevantes, mas a gente se envolve. Olha, como eu te falei, a gente acaba muito exposto, a nível até mundial, porque você está numa rede. A internet ela é mundial. É assustador, por exemplo, quando a gente pesquisa sobre um equipamento. Pesquisa na internet sobre um equipamento. E que depois vem uma avalanche de informações sobre aquele equipamento. Isso, na ciência da informação, tem um nome que eu não estou me lembrando que agora eu não sou mais bibliotecária (risos), mas isso é um fenômeno que já era previsto. Privacidade praticamente não existe mais. Aquela história do Andy Warhol, dos três minutos de fama, de celebridade. Hoje todo mundo tem a todo momento, segundos. Mas eu não fico grilada com isso não. Eu entendo que quanto mais a gente expõe, quanto mais informação a gente coloca, né, por exemplo, o meu perfil no *Facebook* ele não está completo, não tem por quê. Quanto mais informação a gente coloca, parece que mais a gente fica vulnerável de ser manipulado, de ser acompanhado e isso é meio esquisito. Quem é que lidera tudo isso aí? Quem? Quem? Eu não sei. Quem? Mas existe um grande interesse, grandes corporações.

Já Carmen (68), ao falar sobre seu receio, cita uma estratégia para se proteger:

E eles falam muito: ‘Cuidado, muito cuidado com as redes sociais’. Porque se você se expuser nas redes sociais, você está se expondo para o mundo. Um clica, compartilha. O outro vai e compartilha, quando bota sentido minha cara está em todo lugar. Então, nós do grupo da família, combinamos isso: não vamos postar mais fora do grupo. Só no grupo. Se eu tiver que mandar uma foto minha, eu mando no meu grupo, dos meus filhos, netos, genros e noras. E eles a mesma coisa. Então, eu não posto mais foto, lugares que eu vou. Nada. E entre eu e minha amiga também. A gente só nós duas. ‘Nós vamos em tal lugar’, só para nós duas.

Quando citam que têm medo da perda de dados, os idosos apontam que, por falta de conhecimento do funcionamento das RSD, receiam perder arquivos importantes. Gentila (68) comenta sobre isso no trecho a seguir:

Eu tenho muito medo de fazer alguma coisa e botar a mão no lugar errado e estragar tudo, então, eu tenho esse receio (...) Eu tenho medo de fazer um caminho e depois perder alguma coisa, algum dado importante. Então, acho que meu medo talvez seja esse. Quando alguém me ensina, normalmente eu faço um passo-a-passo e deixo anotado. Sempre eu fiz assim. Até quando eu ia mexer em vídeo. Eu nunca tive muita facilidade para isso. As coisas eram sempre no passo-a-passo, anotado. Se muda um pouquinho o esquema, você... porque, às vezes, os aparelhos vão mudando, aí eu me perco. E como eu não tenho muito tempo para isso, porque eu acho que o ideal seria, de repente, você fazer... porque quando você faz um curso, mesmo que alguma coisa mude, você está mais esperto para reaprender. Mas eu como nunca fiz, para isso, para mexer nas redes... Na época que eu fiz o de informática, eu não tinha nem computador.

Aí ficava até complicado, né, porque era bom você sair de lá, chegar em casa e tentar de novo, treinar. Eu não tinha.

Em interpretação distorcida, por sua vez, os idosos apontaram que lhes preocupa a possibilidade de algo que eles publiquem em suas RSD ser compreendido de forma diferente da intenção que tinham. Maria (70) explica que: “(...) muitas vezes você fala alguma coisa e cada um dá uma interpretação”. Esse aspecto também foi relatado por Cruz et al. (2017) e remete às particularidades da interação virtual, a qual perde sutilezas como entonação de voz e expressão facial, presentes no contato presencial. Por outro lado, é possível fazer uso de recursos como os *emoticons* (Souza, Araújo & Paula, 2015) que tentam agregar descrição de sentimentos às publicações (Moro, 2016; Sanchotene, 2017).

Os idosos foram questionados, por fim, se teriam alguma história interessante ou importante que lhe houvessem acontecido para contar, relacionada ao uso das RSD que citaram. Onze (42,3%) o fizeram, totalizando 20 histórias. Contudo, os relatos não disseram respeito unicamente a eles: seis (30%) narrativas aconteceram a familiares ou amigos deles.

Na análise do teor das histórias, foi possível identificar os seguintes temas principais: relacionamento, conflito com a lei, engano em envio de mensagem e sentimento positivo para si (essas duas últimas categorias englobaram a mesma quantidade de respostas). A categoria relacionamento abarca narrativas sobre reatar contato, conhecer pessoas e ter conflitos com familiares por via das RSD. Uma dessas histórias foi contada por Hildo (70), como segue:

(...) um sobrinho meu, que era da nossa relação, morava no Rio e vinha aqui. A gente gostava, gosta muito dele e, por questões políticas e opiniões políticas, ele não soube conviver com a outra opinião, né, com o contrário. E, com isso, ele saiu da rede. Não só da rede social, do *Facebook* e do *WhatsApp*, mas do *Facebook*. Perdemos o relacionamento, acabou o relacionamento por causa da rede social. Saiu do *Facebook*, do grupo da família, como se fosse, brigou com a gente. Houve uma questão política que foi discutida. Nós temos no nosso grupo da família, às vezes o que a gente falou, a gente quebra-pau no sentido da discussão, mas discussão política é discussão. Não é para romper o laço familiar. Então, o que que acontece, por questão política o laço familiar foi rompido. Essa pessoa não participa mais da nossa vida e é meu parente, meu sobrinho. A gente gostava muito dele. Então, uma questão política da rede social houve uma separação, infelizmente. Nos deixou triste, porque é uma pessoa que, apesar de ter opiniões diferentes, é uma pessoa da nossa amizade, da família e esse elo foi rompido por causa da rede social.

Nas histórias como essa, percebeu-se que os conflitos interpessoais ocorridos pela mediação das RSD advêm da possibilidade de os usuários promoverem a expressão e o compartilhamento de suas ideias (Bordingnon & Bonamigo, 2017) e pontos de vista (Vermelho et al., 2014), talvez de forma menos polida do que normalmente se faria

pessoalmente. Já os conflitos com a lei dizem respeito a atos ilícitos e crimes, envolvendo ofensas à honra pessoal, calúnia e ameaça, denegrimto à imagem e aproximação por meio da RSD para cometimento de crime de estupro. A história apresentada por Aristides (67) exemplifica essa categoria:

Inclusive, eu soube que aconteceu um fato de uma turma que tinha raiva de uma professora e um aluno fez uma montagem. Colocou um corpo todo deformado de uma mulher e a cabeça da professora, na rede. E quando ela entrou na sala, todo mundo rindo, ela achou estranho. Quando chegou no final da aula, aí um aluno: 'A senhora já viu lá, professora, na internet?'. Aí ela viu, entrou com processo contra, foi na Polícia Federal, eles fizeram um rastreamento, localizaram o aluno, chamaram ele e os pais, ele ia preso, mas ela ficou com compaixão dele e aceitou só um valor financeiro, devido a danos morais. Então, a gente ouviu muito sobre isso.

Outra história é narrada por Domingas (70), que envolve calúnia e ameaça por meio da RSD *Facebook*, como se lê:

Como o amigo do meu marido, ele foi vai fazer o mal e teve que sair da informática, do *Facebook*. Ele expôs um parente, falando mal dele, falando coisas que não deveria em relação a dinheiro, a alguma coisa que ele fez, que como se o parente dele tivesse roubado, ou seja, denegriu a imagem do parente dele. O parente dele falou: 'Vou te matar, vou fazer isso'. Ele teve que sair. Aí ele falou: 'Estou saindo porque aconteceu isso, por que ele foi fazer isso, ele não deveria ter falado isso'. Eu penso que ele não deveria ter falado isso. O que a gente faz, né, tem até aquela novela: o que você faz, cuidado, que você vai pagar. É verdade.

Engano em envio de mensagem, por sua vez, se refere às histórias em que os idosos mandaram ou receberam mensagens que seriam destinadas a outras pessoas. Essas histórias mantêm em comum, ainda, o sentimento de constrangimento. Uma delas é a de Nilo (66):

Eu tenho um amigo que mandou uma mensagem, mas ele mandou errado. Não era para mim. Até hoje eu não entendi se ele mandou para mulher ou para homem. Mas ele mandou uns beijinhos (risos) e depois ele me ligou pedindo 'pelo amor de Deus apaga aquilo lá que eu mandei errado'. E tinha uma coisa escrita, né. Então, a pessoa tem que ter cuidado na hora que manda. Pode ser um tiro no pé. Pode até criar para ele um problema muito sério.

Por sua vez, sentimento positivo para si engloba aquelas respostas em que os idosos demonstraram certa alegria ou satisfação com algo que lhes aconteceu por meio das RSD. Essa categoria pode ser exemplificada pela narrativa compartilhada por Laura (68):

Outro dia estava em um casamento, e uma pessoa disse: 'Ah, vi você outro dia no *face*. Lembrei do seu sobrenome e vi você no *face*. E é inconfundível, você não muda, porque você deu uma risada aí que eu lembrei'. E essa pessoa aposentou muito antes que eu, quer dizer, já tinha uns 27, 30 anos que eu não via. Então, ela me viu e eu disse: 'Ah, é, porque você não pediu para eu ser sua amiga?'. E ela falou assim: 'Ah, eu não sei fazer isso, mas eu vou pedir uma hora dessas meu neto para fazer isso, que

eu gostaria muito de te falar'. Eu achei engraçado. Aí eu me senti importante de saber (risos). Parece que faz a gente se sentir mais inteligente (risos)

Esse aspecto aproxima-se do conceito de autovalorização (Piaget, 1954/2005a), na medida em que a participante demonstra, a partir do encontro relatado, ter experienciado certo sentimento de superioridade, em função de uma leitura subjetiva de si em comparação à colega. Laura (68), assim, sente-se orgulhosa por dominar uma ação em sua RSD que sua colega não é capaz de realizar. Nesse sentido, a autovalorização pode contribuir de forma positiva para que a participante se engaje mais ativamente nas RSD e desenvolva ainda o uso de outros recursos.

É possível perceber nessas histórias que 14 delas referiram-se a memórias autobiográficas, segundo o conceito de Gauer e Gomes (2008). Embora alguns autores (Lopes, 2014; Rubin & Berntsen, 2009) defendam que as de idosos costumem ser positivas, foram encontradas apenas quatro delas (28,6%) assim. Essas, a propósito, foram inseridas na categoria sentimento positivo para si, tendo direta correlação com a autovalorização, como descrita por Piaget (1954/2005a). Parece, assim, que as histórias suscitaram memórias autobiográficas também cômicas (engano em envio de mensagens) e negativas (conflitos em relacionamentos e com a lei) nos idosos. Percebe-se, portanto, que o aspecto cognitivo da memória foi colorido por um fator afetivo, que as caracterizou como positivas, cômicas ou negativas. Além disso, em consonância com Delval (2013), ao serem recordadas e contadas, percebe-se que, de algum modo, tais histórias foram importantes ou significativas para os entrevistados.

Alguns idosos fizeram referência, no decorrer das entrevistas e não se limitando a alguma questão em específico, ao botão “curtir” e aos *emoticons* disponibilizados por algumas RSD, como o *Facebook* e o *Instagram*. Indicaram que fazem uso frequente desses recursos e, ainda, como forma de responder a algum comentário feito na rede, sem, no entanto, precisar escrever ou preocupar-se com a formulação de outro comentário, como também de modo a obter ou prover prestígio a si ou a outro usuário. Para tornar mais claras essas questões, tem-se como exemplo a fala de Corina (70):

(...) o pessoal manda textos bonitos e tal para ler e, às vezes, é até vergonhoso, eu mando um dedinho assim (ri e faz sinal de jóia). Eu acho que o que as pessoas mandam são mais cópias de texto, de tudo, então eu só dou o dedinho.

E, ainda, a de Anna (66), que segue:

Eu tenho uma filha que mora fora, em Orlando. Ela tem o trabalho dela e posta. Eu coloquei um som. Quando ela posta no *Instagram*, aí me avisa e eu vou lá. (...) quando ela posta lá no *Instagram*, eu sei que ela vai postar no *Facebook*. Aí eu vou lá para

curtir, né, porque tem que dar ibope (risos). (...) Eu vejo outras coisas. Se eu vejo outras coisas e gosto, eu até curto.

Quando solicitada a esclarecer por que curte as postagens da filha, Anna (66) responde que:

Ah, porque os *likes* são... não sei quantas pessoas curtiram... isso, principalmente para quem tem comércio, que tem não sei quantos seguidores e coisa e tal, é importante. Mas não me peça para fazer comentários que eu não faço. Olha, é ridículo. Não devia dar nenhum o fato de você ter quinhentos seguidores, ter cinco milhões, nada disso! Mas as pessoas, infelizmente, são influenciadas pelo número de seguidores, por quantas pessoas curtiram aquilo. Porque ela sempre escreve alguma coisa, às vezes tem comentário. Então, parece que para esse mundo é importante.

Tais funcionalidades se reafirmam, assim, como formas simples e rápidas de interação, conforme pontuam Correia e Moreira (2014) e Recuero (2014). Além disso, apontam para um aspecto afetivo, que é a dimensão da necessidade de aprovação social – discutida por Saltini e Cavenaghi (2014) – e que parecem exarcebadas pela RSD. Os autores afirmam não ser possível agir por muito tempo sem se desfrutar de estima e aprovação de outrem. Não se referem, no entanto, de forma específica a que quantidade de tempo essa observação corresponde. Parece, porém, que a rapidez de comunicação possibilitada por essas redes demanda que a apreciação de terceiros ocorra de forma quase instantânea.

Alguns participantes apresentaram sentimentos de nostalgia – percebidos também por Ferreira (2017) em sua dissertação de mestrado, sobre a influência das RSD na qualidade de vida e relacionamentos de idosos – recordando meios de comunicação típicos de anos atrás, quando ainda a internet não fazia parte da vida das pessoas como hoje. Um desses são as cartas, que demoravam dias e até semanas para chegarem ao destinatário, mas que, segundo os entrevistados, demandavam um esforço de elaboração da mensagem, na contramão da instantaneidade característica das RSD.

Apresentados os resultados e feitas as discussões sobre eles, seguem-se as considerações finais dessa dissertação.

7. Considerações finais

As discussões apresentadas permitem uma síntese a partir da retomada dos objetivos desse trabalho, que envolvem a investigação de aspectos afetivos e cognitivos no uso de RSD por idosos. Os dados encontrados mostraram que eles, apesar de não pertencerem a uma geração nativa das tecnologias e terem dificuldades para conceituar as RSD, estão ativos e participativos em diversas delas, demonstrando preocuparem-se em acompanhar as evoluções tecnológicas e, assim, sentirem-se pertencentes ao contexto social atual.

O *WhatsApp* apareceu tanto como a rede mais utilizada (seguida pelo *Facebook*), como também a preferida dos idosos. As razões para a maior utilização referem-se à facilidade de uso, imediatismo das informações, maior demanda de acesso e recursos disponíveis. A preferência, por sua vez, se deve também aos recursos existentes, à privacidade e à praticidade/comodismo que oferecem.

Nas RSD, os idosos indicaram que trocam mensagens e arquivos multimídias, leem notícias, trabalham e felicitam aniversariantes. Desse modo, o elemento que mais os motiva a terem-nas e acessá-las é a comunicação, seguida de necessidade e facilidade/praticidade. Verifica-se, assim, que o uso das RSD por essa faixa etária pode favorecer relações sociais e afetivas, independentemente de barreiras geográficas, contribuindo para um envelhecimento mais positivo.

Por meio das RSD, os idosos demonstraram formar novos laços afetivos e diminuir o sentimento de solidão, ampliando suas redes de relacionamentos e a comunicação interpessoal. Quase 60% dos participantes relatou que conheceu pessoas ou fez amigos a partir delas, embora nem todos chegaram a ser conhecidos pessoalmente. Demonstraram, ainda, não se intimidarem com as novas tecnologias, usando-as e buscando, a seu modo, mesmo que às vezes solitariamente, compreenderem-nas. Por isso, faz-se importante que o mesmo apoio recebido para iniciarem-se nas RSD, que lhes foi dado sobretudo por familiares, continue disponível, incentivando-os a progredirem na utilização e compreensão dessas ferramentas, bem como em seus processos de desenvolvimento.

Também a rotina da maior parte dos idosos (77%) sofreu alterações desde que começaram a usar as RSD. Algumas positivas, a exemplo das facilidades proporcionadas por elas e o prazer em usá-las, remetendo, portanto, ao caráter lúdico de seus recursos. Outras diferenças, no entanto, foram caracterizadas como negativas, como, por exemplo, prejuízo à capacidade de concentração e ansiedade.

O conjunto dos resultados reforça, assim, a premissa de Piaget no que tange à continuidade do desenvolvimento humano, de forma ativa e dinâmica, mesmo entre os mais velhos. Isso vai ao encontro, também, da perspectiva *life-span*, segundo a qual desenvolvimento e envelhecimento são processos correlatos.

Partiu-se, nesta dissertação, do pressuposto de que a informatização da sociedade trouxe consigo a oportunidade de se terem à mão diversas ferramentas tecnológicas que alteraram significativamente os modos de subjetivação e de vida, tanto de crianças (que parecem já nascer dominando os *smartphones*), adolescentes, adultos e (por que não?) idosos. Nesse cenário, as RSD se afirmam como uma revolução nas formas de comunicação e

socialização e, como bem diz Américo (65), “quem conhece, não vai voltar atrás nunca. Dali você quer ir cada vez mais para frente”. Esse foi justamente um dos pontos a que esse estudo pretendeu chamar atenção: que os idosos podem continuar se desenvolvendo e que isso é possível por meio da utilização de RSD.

Verificou-se que o acesso constante e contínuo a tais redes mobiliza aspectos afetivos e cognitivos nessa população. No primeiro grupo de elementos, apareceram com destaque o interesse e a autovalorização, ao passo que no segundo compareceram, sobretudo, o fazer e o compreender e a memória. Não se pode, no entanto, estabelecer uma relação clara e direta entre esses aspectos, posto que, indo ao encontro do que afirma Santos (2011), eles podem se combinar de formas múltiplas e variadas. O próprio processo de envelhecimento, na verdade, é marcado por essa diversidade, ao receber influência de fatores como gênero, saúde, cultura (Schneider & Irigaray, 2008), informatização (Mortari, 2011) e tantos outros.

Tal fenômeno é, ainda e infelizmente, marcado por uma série de estereótipos e estigmas que culminam na desvalorização social do idoso e que tem, por consequência, reflexos nas auto percepções deles. É tanto que, ao serem convidados a participar dessa pesquisa, mostraram-se surpresos, sobretudo por tratar-se de um tema tão atual e que, supostamente, não dominam. Num primeiro momento, os (futuros) participantes externaram certa estranheza em serem demandados a contribuir com uma pesquisa acadêmica de mestrado, para uma psicóloga, de uma universidade federal. É como se suas vozes e conhecimentos devessem se manter silenciados, enquanto se objetivava justamente o contrário: ouvi-los e, assim, tentar descobrir o caminho de seus pensamentos. Ao perceberem que tinham sim contribuições efetivas a dar, as entrevistas foram acrescidas de fotos, vídeos, acessos às RSD, que compartilhavam comigo claramente com satisfação e alegria.

Sem dúvidas, a Psicologia pode e deve exercer, enquanto responsabilidade social da ciência e profissão, importante papel no combate à invisibilidade dos idosos, sobretudo se considerarmos que eles têm se tornado uma população cada vez maior e mais longeva. São preocupantes os dados de Santos (2007; 2011) segundo os quais são escassas pesquisas no país que consideram o idoso em movimento e, ainda, que os estude a partir da perspectiva piagetiana. Para isso, parece oportuno que os currículos de graduações em Psicologia se expandam, incluindo nos estudos de desenvolvimento humano também essa etapa da vida. Espera-se, assim, que em futuras revisões de literatura sobre temas similares ao dessa pesquisa sejam encontrados trabalhos de psicólogos do desenvolvimento para complementar os já existentes e volumosos das áreas de Comunicação e Educação.

Chamou atenção, também, nas entrevistas o fato de quase todos os idosos se referirem às RSD em seus diminutivos (o que parece indicar certa familiaridade com elas), e estarem, durante a realização de coleta de dados, com seus *smartphones* em mãos, mantendo-se conectados e respondendo à necessidade traduzida por Esmeraldina como: “ (...) estar ligada. É estar conectada. Saber o que os amigos estão fazendo, saber o que as pessoas estão fazendo. Na verdade, a gente não sabe até onde isso vai, que que é isso, que fenômeno é esse”. De modo a avançar, portanto, na compreensão desse fenômeno, outras investigações podem ser desenvolvidas.

Sugere-se, para tanto, a realização de pesquisas que combinem outras formas de coleta de dados, de maneira a permitir a triangulação. Uma possibilidade seria a aplicação, durante a utilização das RSD pelos idosos, de ferramentas computacionais e *softwares* que monitorem as informações relativas às ações desenvolvidas por eles, gerando métricas para análise. Outras formas de se ampliar essa pesquisa seriam: a) a realização de estudos longitudinais, iniciando-se com idosos que não utilizam as RSD e acompanhando sua inserção e consequentes mudanças cognitivas e afetivas a partir delas; b) o emprego de amostragem probabilística na escolha amostral para se garantir maior representatividade populacional; e c) a escolha por participantes mais velhos, a exemplo dos idosos longevos – segmento que tem tomado dimensões cada vez maiores.

Uma última sugestão diz respeito ao estudo de aspectos que permearam, de algum modo, o conteúdo das entrevistas realizadas, mas que não puderam ser analisados. Esses se referem, sobretudo, às funções executivas, tais como planejamento, atenção e tomada de consciência, cujos dados, no entanto, não permitiram maior aprofundamento teórico neste trabalho.

Diante do potencial já exposto das RSD, parece interessante que elas sejam trabalhadas, para além de em pesquisas acadêmicas, de forma prática por meio de aulas e oficinas em Universidades Abertas a Terceira Idade e em Centros de Convivência do Idoso. A existência de cursos específicos foi proposta, inclusive, por dois dos participantes dessa pesquisa.

Espera-se, com essa dissertação de mestrado, contribuir para outras investigações com foco na velhice e nas novas tecnologias a partir da perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento, bem como para a formulação de políticas públicas que visem promover qualidade de vida aos idosos. É importante destacar, por fim, que esse estudo demonstrou que a utilização de RSD pelo público mais velho é uma possibilidade frutífera na potencialização de seu desenvolvimento tanto afetivo quanto cognitivo. Resultados como esse podem

colaborar para a mudança da visão sobre os idosos que, incluindo em seus projetos de vida a utilização de ferramentas tecnológicas, podem tornar-se cada vez mais numerosos e populares nas redes. Domingas (70) resume todos esses aspectos ao afirmar que: “(...) a gente depois dos 60, 70 não deve parar de aprender, não deve parar de se interessar por nada”. Talvez, assim, um dia seguiremos ou teremos como amigos mais *Iris Apfel* em nossas próprias redes sociais digitais.

8. Referências

- Albinsson, P., & Zhai, S. (2003). High precision touch screen interaction. *CHI '03 Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, 105- 112. doi: 10.1145/642611.642631
- Alencar, H. M., & Ortega, A. C. (2003). O método clínico no estudo da moralidade humana. In S. R. F. Enumo, S. S. Queiroz, & A. Garcia (Orgs). *Desenvolvimento humano e aprendizagem: algumas análises e pesquisas* (pp.121-140). São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo.
- Alejandro, V. A., & Norman, A. G. (2005) *Manual introdutório à análise de redes sociais*. Recuperado de: <https://docplayer.com.br/4895662-Manual-introdutorio-a-analise-de-redes-sociais.html>
- Almeida, A. V., Mafra, S. C. T., Silva, E. P., & Kanso, S. (2015). A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. *Textos & Contextos*, 14(1), p. 115 – 131. doi: 10.15448/1677-9509.2015.1.19830
- Alves, A. D. (2016). *Amor e sua relação com a generosidade: estudo com adolescentes sob a ótica da moralidade*. (Tese de Doutorado não publicada), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Alves, R. A. S., Abreu, M. A. S. S., Medeiros, I. F., & Costa, S. R. P. (2018, agosto). *O mundo digital sob a ótica da terceira idade*. Trabalho apresentado no 29.º ENANGRAD, São Paulo/SP.
- Angelo, E. (2016). Redes sociais virtuais na sociedade da informação e do conhecimento: economia, poder e competência informacional. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, 21(46), 71-80. doi:10.5007/1518-2924.2016v21n46p71

- Araújo, L. F. de, Coutinho, M. da P. de L., & Carvalho, V. Â. M. de L. (2005). Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(1), 118–131. doi:10.1590/S1414-98932005000100010
- Azevedo, C. D., & Côrte, B. (2009). Breve reflexão sobre a internet e a longevidade: novos espaços de socialização preparam o silêncio da saúde. *A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento*, 20(45), 7-37. Recuperado de: https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/6850d706-40ce-4790-8931-c4f13f8f8af0.pdf
- Baldessar, M. J. (2005, abril). *Jornalismo e tecnologia: pioneirismo e contradições: um breve relato da chegada da informatização nas redações catarinenses*. Trabalho apresentado no Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Novo Hamburgo, RS.
- Bandeira, L., Melo, H. P., Pinheiro, L. S. (2010). *Mulheres em dados: o que informa a PNAD/IBGE, 2008*. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*, 107- 119. Recuperado de: http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/revista-do-observatorio-edicao-especial-tema-autonomia-economica-empoderamento-e-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-julho-2010/at_download/file
- Barbovschi, M., Macháckova, H., & Ólafsson, K. (2015). Underage use of social network sites: it's about friends. *Cyberpsychology, behavior, and social networking*, 18(6), 328-332. doi:10.1089/cyber.2014.0553.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo, Brasil: Edições 70.
- Barreiros, J. (2006). Envelhecimento, degeneração, desvio e lentidão psiccomotora. In J. Barreiros, M. Espanha, & P. Correia (Edits.), *Actividade Física e Envelhecimento* (pp. 89-104). Lisboa, Portugal: FMH.
- Batistoni, S. S. T., & Namba, C. S. (2010). Idade Subjetiva E Suas Relações Com O Envelhecimento Bem-Sucedido. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 733–742. doi: 10.1590/S1413-73722010000400009
- Belsky, J. (2010). *Desenvolvimento humano: experienciando o ciclo da vida*. São Paulo, Brasil: Artmed.
- Biblioteca Nacional (s.d.). [homepage na internet]. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/

- Birren, J. E., & Fisher, L. M. (1995). Aging and speed of behavior: possible consequences for psychological functioning. *Annu Rev Psychol*, 46, 329-53. doi: 10.1146/annurev.ps.46.020195.001553
- Borba, V. R. de S., & Melo, L. S. (2010). O lúdico como possibilidade de intervenção no desenvolvimento biopsicossocial da criança no espaço escolar. *Nucleus*, 7(2), 9-16. doi: <http://dx.doi.org/10.3738/nucleus.v7i2.371>
- Bordignon, C., & Bonamigo, I. S. (2017). Os jovens e as redes sociais virtuais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(2), 310–326. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-89082017000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Borges, L. S. (2011). *Moralidade e valor da vida: um estudo sobre adolescentes em situação de risco psicossocial*. (Tese de Doutorado não publicada), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Brescia, A. T., Costa, J. W., & Tufy, S. P. (2013) Redes sociais e suas possibilidades de uso na educação. In: Valle, L. E. L. R., Mattos, M. J. V. M., & Costa, J. W. (Orgs), *Educação digital: a tecnologia a favor da inclusão* (p. 75-90). Porto Alegre, Brasil: Penso.
- Bronzatto, M., & Camargo, R. L. (2010). Moral e Afetividade em Piaget: Os “Movimentos Íntimos da Consciência” em O Juízo Moral na Criança. *Schème Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, 3(5), 80-109. Recuperado de: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Scheme/Vol3Num05Art04.pdf>
- Bueno, B., Vega, J. L., & Buz, J. (2009). Desenvolvimento social a partir da meia-idade. In Coll, C., Marchesi, A., & Palácios, J. (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação* (p. 421-437), Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Busse, E. W. (1987). Primary and secondary aging. In G. L. Maddox (Ed.), *The encyclopedia of aging* 8(4) 562-70. doi: 10.1037//0882-7974.8.4.562.
- Câmara Nacional de Dirigentes Lojistas, CNDL (2016). *Dois em cada dez idosos brasileiros usam a internet para fazer compras, mostra pesquisa do SPC Brasil*. Recuperado de: <http://www.cndl.org.br/noticia/dois-em-cada-dez-idosos-brasileiros-usam-a-internet-para-fazer-compras-mostra-pesquisa-do-spc-brasil/>

- Câmara, R. H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 179-191. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>
- Camarano, A. A. (2002). Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. *Texto para discussão*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), n.º 776. Recuperado de: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_0858.pdf
- Camarano, A. A. (org.) (2004). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro, Brasil: IPEA.
- Camarano, A. A. (2011). Envelhecimento da população brasileira: continuação de uma tendência. Acesso em: http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=58&Itemid=76&idrev=8
- Camarano, A. A. (2013). Estatuto do idoso: avanços com contradições. *Texto para discussão*, Brasília, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), n.º 776 Recuperado de: http://www.ampid.org.br/v1/wp-content/uploads/2014/08/td_1840.pdf
- Camarano, A. A., & Pasinato, M. T. (2004) O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: Camarano, A. A. (Org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro, Brasil: Ipea.
- Canal, C. P. (2008). *Menos com menos dá mais? Análise de desempenho de alunos de 6.ª e 8.ª séries do ensino fundamental no jogo Mattix*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Carmo, E. G. (2016). *Envelhecimento e novas tecnologias: a inclusão digital e tecnológica na preparação para a aposentadoria e sua influência na qualidade de vida* (Dissertação de mestrado). Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP.
- Carraher, T. N. (1998). *O método clínico: usando dos exames de Piaget*, 5.ª ed. São Paulo: Cortez.
- Chan-olmsted, M. S., Cho, M., & Lee, S. (2013). User Perceptions of Social Media: a comparative study of perceived characteristics and user profiles by Social Media *Online Journal of Communication and Media Technologies*, 3(4), 149-178. Recuperado de:

<http://www.ojcmt.net/download/user-perceptions-of-social-media-a-comparative-study-of-perceived-characteristics-and-user-profiles.pdf>

Chepe, L. M., & Adamatti, D. F. (2015). Estudo Sobre Interação de Idosos em Redes Sociais Digitais. *Informática na Educação: teoria e prática*, 18(2), 177-198. doi: 0.22456/1982-1654.54486

Couto, L. L. M. (2013). *Prática docente e justiça: educação em valores morais no ensino fundamental*. (Dissertação de Mestrado não publicada), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

Conecta Express (2017). *WhatsApp é o app de rede social mais usado pelos internautas brasileiros*. Recuperado de <http://conecta-i.com/?q=pt-br/WhatsApp-%C3%A9-o-app-de-rede-social-mais-usado-pelos-internautas-brasileiros>

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm

Conway, M. A., & Rubin, D. C. (1993). The structure of autobiographical memory. In: A. F. Collins, S. E. Gathercole, M. A. Conway, & P. E. Morris (Eds.), *Theories of memory* (pp. 103-137). Hillsdale, EUA: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

Correia, P. M. A., & Moreira, M. F. R. (2014). Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. *Alceu*, 14(28). Recuperado de: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20168-187.pdf>

Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (5 ed.). São Paulo, Brasil: Artmed.

Cruz, A., Beulck, L., Teixeira, L., Souza, L., Sant`ana L., & Sagrilo, F. (2017, setembro). Consumo das Redes Sociais Digitais pela Terceira Idade. Trabalho apresentado no 40.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Paraná, Brasil.

Dellarmelin, M. L., Balbinot, V. A., & Froemming, L. M. S. (2017). Análise do comportamento e utilização das redes sociais pelos idosos. *Revista Sociais e Humanas*, 30(1). doi: 10.5902/2317175824669

- Delmazo, C., & Valente, J. (2018). Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, 18(32), 155-169. doi:10.14195/2183-5462_32_11
- Delval, J. (2002). *Introdução à prática do Método Clínico: descobrindo o pensamento das crianças* (F. Murad, Trad.) Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Delval, J. (2013) O desenvolvimento psicológico humano. (R. A. Rosenbusch, Trad.) Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Demezio, C., Silva, D., Rodrigues, D., Oliveira, G., Barbosa, K., & Melo, C. (2016, julho). *O Instagram como ferramenta de aproximação entre Marca e Consumidor*. Trabalho apresentado no IJ 02 – Publicidade e Propaganda XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Caruaru, PE.
- Dias, I. (2012). O uso das tecnologias digitais entre os seniores. Motivações e interesses. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 68, 51-77. doi: 10.7458/SPP201268693
- DiPietro, L., Singh, M. F., Fielding, R., & Nose, H. (2012). Successful aging. *Journal of Aging Research*, 1, 1-2. doi: 10.1155/2012/438537
- Dornelas, K. C. A. (2010). *Um olhar sobre a solidão feminina e os relacionamentos interpessoais nas histórias de brasileiras e mexicanas*. (Tese de doutorado não publicada). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. ES.
- Ericeira, R. C. S., & Parrat-Dayán, S. (2016). Os estudos cognitivos da memória de Jean Piaget e Barbel Inhelder. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 31, 38-55. Recuperado de: www.fafich.ufmg.br/memorandum/a31/ericeiraparratdayan01
- Espanha, R. (2009). *Saúde e Comunicação numa Sociedade em Rede – o caso Português*. Lisboa, Portugal: Monitor.
- Exeter (2014). [homepage na internet]. Disponível em: http://www.exeter.ac.uk/news/research/title_426286_en.html
- Facebook (s.d.). [homepage na internet]. Disponível em: https://www.Facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/?ref=page_internal

- Faller, J. W., Teston, E. F., & Marcon, S. S. (2015). A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 24(1), 128-137. <https://dx.doi.org/10.1590/0104-07072015002170013>
- Felizmino, T. de O., & Barbosa, R. B. (2018). Idosos e dependência de internet: uma revisão bibliográfica. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(1), 120-127. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v7i1.1669>
- Fernandes, D. M., Carramillo-Going, L., Lemos, D. I. M. de, Avoglia, H. R. C., & Alves, H. (2017). Jogos eletrônicos, violência e desenvolvimento moral. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 94-114. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000100008&lng=pt&tlng=pt
- Fernandes, J. da S. G., & Andrade, M. S. de. (2016). Representações sociais de idosos sobre velhice. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 68(2), 48-59. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Fernandes, M. das G. M., & Garcia, L. G. (2010). O sentido da velhice para homens e mulheres idosos. *Saúde e Sociedade*, 19(4), 771-783. doi: 10.1590/S0104-12902010000400005
- Ferreira, M. C. (2017). *Idosos internautas: a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida e relacionamentos familiares e sociais* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.
- Ferreira, M. C., & Teixeira, K. M. D. (2017). O uso de redes sociais virtuais pelos idosos. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 22(3). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/7459>
- Ferreira, O. G. L., Maciel, A. C., Silva, A. O., Sá, R. C. N., & Moreira, M. A. S. P. (2010). Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. *Psico-USF*, 15(3), 357-364. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712010000300009>
- Fierro, A. (2009). O desenvolvimento da personalidade na idade adulta e na velhice. In Coll, C., Marchesi, A., & Palácios, J. (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação* (p. 404-420), Porto Alegre, Brasil: Artmed.

- Filho, E. P. F., Nascimento, M. F., & Sá, R. J. (2012). *Redes Sociais Digitais: uma Nova Configuração no Estilo de Vida da Contemporaneidade*. Trabalho apresentado IX Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. Resende, RJ. Recuperado de <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/26116207.pdf>
- Fiorot, M. A., & Ortega, A. C. (2012). Processo de tomada de consciência: teoria e pesquisas. In: Rossetti, C. B., & Ortega, A. C. (Orgs.). *Cognição, afetividade e moralidade – Estudos segundo o referencial teórico de Jean Piaget*. São Paulo, Brasil: Caso do Psicólogo.
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Flinders (2006). *The Australian Longitudinal Study of Ageing*. [homepage na internet]. Disponível em: [http://www.flinders.edu.au/sabs/fcas-files/Documents/StudyOfAgeing\[1\].pdf](http://www.flinders.edu.au/sabs/fcas-files/Documents/StudyOfAgeing[1].pdf)
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre, Brasil: Sulina.
- Freese, J., Rivas, S., & Hargittai, E. (2006). Cognitive ability and Internet use among older adults. *Poetics*, 34(4-5), 236-249. doi: [10.1016/j.poetic.2006.05.008](https://doi.org/10.1016/j.poetic.2006.05.008)
- Freitas, N. L. (2016). Memória e linguagem: uma abordagem sociocognitiva. *Revista de Letras*, 18(23), 19-35. doi: [10.3895/rl.v18n23.2912](https://doi.org/10.3895/rl.v18n23.2912).
- Gauer, G., & Gomes, W. B. (2008). Recordação de eventos pessoais: memória autobiográfica, consciência e julgamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 507-514. doi: [10.1590/S0102-37722008000400014](https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000400014)
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo, Brasil: Atlas.
- Goodman, L. (1961). Snowball sampling. *Annals of Mathematical Statistics*, 32, 148-170. doi: [10.1214/aoms/1177705148](https://doi.org/10.1214/aoms/1177705148)
- Grimmelmann, James. (2009). Saving Facebook. *Iowa Law Review*, 94, 1137-1206. Recuperado de: <https://ssrn.com/abstract=1262822>

Guedes, E., Nardi, A. E., Guimarães, F. M. C. L., Machado, S., & King, A. L. S. (2016). Social networking, a new online addiction: a review of Facebook and other addiction disorders. *MedicalExpress*, 3(1). doi.org/10.5935/MedicalExpress.2016.01.01

Help Age (s.d). [homepage na internet]. Disponível em: <https://www.helpage.org/global-agewatch/>.

Horn, J. C., & Meer, J. (1987). The vintage years. *Psychology today*, 21(5), 76-90.

Hu, Y., Manikonda, L., & Kambhampati, S. (2014). What we *Instagram*: A first analysis of *Instagram* photo content and user types. In *International AAAI Conference on Weblogs and Social Media*. 595-598. Recuperado de: <https://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/ICWSM14/paper/view/8118>

Instagram (s.d). [homepage na internet]. Disponível em: <https://www.Instagram.com/about/us/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2015). Mudança demográfica no Brasil no início do século XX: subsídios para as projeções da população. *Estudos & Análises Informação Demográfica e Socioeconômica*, 3 Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=293322>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2016a). *Uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI*. Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=297884&view=detalhes>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2016b). *PNAD – Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios/ Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2015*. Recuperado de <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2015/default.shtm>

Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (2018a). *Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2017 Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil*. Recuperado de: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9126-tabuas-completas-de-mortalidade.html>

Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (2018b). *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. Recuperado de: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>

- Jantsch, A., Machado, L. R., Behar, P. A., & de Lima, J. V. (2012). As Redes Sociais e a Qualidade de Vida: os Idosos na Era Digital. *IEEE-RITA*, 7(4), 173-179. Recuperado de: https://pdfs.semanticscholar.org/3f8d/9f066eda26d3c0c93c782d43b4f48f72dcd3.pdf?_ga=2.165303487.1279207349.1550678635-1976665324.1550678635
- Kachar, V. (2003). *Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidade*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Küchemann, B. A. (2012). Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. *Revista Sociedade e Estado*, 27(1). 165-180. doi: 10.1590/S0102-69922012000100010
- Lalueza, J. L., & Camps, I. C. e S. (2009). As tecnologias da informação e da comunicação e os processos de desenvolvimento e socialização. In Coll, C., & Monero, C. (Orgs.), *Psicologia da educação virtual*, (p. 47-65), Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Lei n. 8.742, de 07 de setembro de 1993. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8742compilado.htm
- Lei n. 8.842, de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm
- Lei n. 10.741, de 01 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110741.htm
- Lei nº 11.433, de 28 de dezembro de 2006. Dispões sobre o Dia Nacional do Idoso. Brasília. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11433.htm
- Lei nº 13.646, de 09 de abril de 2018. Institui o Ano de Valorização e Defesa dos Direitos Humanos da Pessoa Idosa, em alusão à Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos. Brasília. Recuperado de: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13646-9-abril-2018-786439-publicacaooriginal-155213-pl.html>
- Lemos, C. E. S. (2003). O envelhecimento através do espelho – algumas considerações sobre as representações sociais da velhice. *Vértices*, 5(1), 21-32. Recuperado de <http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20030002>

- Lemos, M. F. L. (2015). Características procedimentais de adultos e idosos que atingiram nível de desenvolvimento operatório formal em provas da escala de desenvolvimento do pensamento lógico (EDPL) e no jogo *Quarto*. (Tese de doutorado não publicada), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil.
- Lévy, P. (1996). *O que é virtual?* (P. Neves, Trad.). São Paulo, Brasil: Editora 34.
- Lima, L. C. C. (2011). *Análise das práticas docentes de planejamento e mediação em redes sociais no ensino médio*. (Dissertação de Mestrado não publicada), Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.
- Lima, M. G. (2015). *Sentimento de vergonha em estudantes universitários, um estudo na moralidade*. (Dissertação de Mestrado não publicada), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- LinkedIn (s.d.) [homepage na internet]. Disponível em: <https://br.linkedin.com/>
- Lopes, C. I. P. M. (2014). *Memórias autobiográficas em adultos idosos*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Lopes, G. S. (2011). Envelhecimento e interdisciplinaridade: uma prática em construção. In B. Trench & T. E. da C. Rosa (Orgs.), *Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa* (pp. 21-34). São Paulo, Brasil: Instituto de Saúde.
- Macedo, L. (1994). *Inconsciente e recalçamento cognitivo*. In: Ensaio construtivistas, 163-170. São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo.
- Macedo, L. (2009). Teoria da equilibração e jogo. In: Macedo, L. (Org.) *Jogos, Psicologia e Educação: teoria e pesquisas*. São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo.
- Magnabosco-Martins, C. R., Viseu-Camargo, B., & Biasus, F. (2009). Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. *Universitas Psychologica*, 8(3), 831-847. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64712155020>
- Martín, A. V. (2007). Gerontologia educativa: enquadramento disciplinar para o estudo e intervenção socioeducativa com idosos. In: Osório, A. R, Pinto, F. C. *As pessoas idosas: contexto social e intervenção educativa*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.

- Matos, E. C. A., & Lima, M. A. S. (2015). Jogos eletrônicos e educação: notas sobre a aprendizagem em ambientes interativos. *Novas Tecnologias na Educação*, 13(1), 1-10. doi: 10.22456/1679-1916.57595
- Minayo, C. S., & Coimbra, C. E. A. (2002). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro, Brasil: Fiocruz.
- Minayo, M. C. de S. (Org., 25 ed.). (2007). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Miranda, E. S. (2005). *Libertando o sonho da criação: um olhar psicológico sobre os jogos de interpretação de papéis (RPG)*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Miranda, E. S. (2018) *Competência e Juízo Moral em Estudantes de Design de Jogos Eletrônicos*. (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Miranda, F. H. de F. (2016). *Projetos de vida de idosos e suas redes de relacionamentos significativos: estudo sob as perspectivas moral e ética*. (Tese de Doutorado não publicada), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Miranda, L. M., & Farias, S. F. (2009). As contribuições da internet para o idoso: uma revisão de literatura. *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, 13(29), 383-94. doi: 10.1590/S1414-32832009000200011
- Missawa, D. D. A. (2006) *O jogo mancala como instrumento de ampliação da compreensão das dificuldades de atenção*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Missawa, D. D. A. (2017). *A todo vapor, sem pensar e distraído: relação entre afetividade e inteligência em crianças com o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)*. (Tese de doutorado não publicada). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil.
- Moraes, E. N., Moraes, F. L., & Lima, S. D. P. P. (2010). Características Biológicas e Psicológicas do Envelhecimento. *Revista Medicina de Minas Gerais*, 20(1), 67-73, Recuperado de http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/197.pdf

- Moreira, V., & Nogueira, F. N. N. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia. USP*, 19(1), 59-79. doi: 10.1590/S0103-65642008000100009
- Moro, G. H. M. (2016). *Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas*. *Revista de Estudos da Comunicação*, 17(43), 53-70. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22552>
- Moromizato, M. S., Ferreira, D. B. B., Souza, L. S. M., Leite, R. F., Macedo, F. N., & Pimentel, D. (2017). O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Índícios de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 41(4), 497-504. doi: 10.1590/1981-52712015v41n4rb20160118
- Morris, A., Goodman, J., & Branding, H. (2007). Internet use and non-use: views of older users. *Universal Access in the Information Society*, 6, 43-56. doi: 10.1007/s10209-006-0057-5
- Mortari, F. A. E. (2011). *Inclusão digital das pessoas mais velhas: Uma experiência de ações de formação nos Espaços Internet em Portugal* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.
- Mota, M. E. (2005). Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. *Temas em Psicologia*, 13(2), 105-111. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200003&lng=pt&tlng=pt
- Motta, A. B. (1999). As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, 13, 191-221. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635327>
- Mundo Positivo (s.d.). [homepage na internet]. Disponível em: http://www.mundopositivo.com.br/noticias/20385510-como_criar_emoticons_personalizados_no_WhatsApp.html#
- Nascimento, M. I. (2011). *A contribuição das redes sociais na disseminação da informação: estudo de caso do LinkedIn com Profissionais da Informação*. (Monografia de Conclusão de Curso Superior). Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP.

- Neri, A. L. (1995). Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In: A. L. Neri (Org.), *Psicologia do Envelhecimento* (p. 13-40). Campinas, Brasil: Papirus.
- Neri, A. L. (2001). Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e em sociologia. In: Neri, A. L. (Org.) *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas, Brasil: Editora Papirus.
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas em Psicologia*, 14(1), 17-34. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005&lng=pt&tlng=pt.
- Neri, A. L. (2008). O que a Psicologia tem a oferecer ao estudo e à intervenção no campo do envelhecimento no Brasil, hoje. In: A. L. Neri, M. S. Yassuda (Eds.) & M. Cachioni, *Velhice bem-sucedida, aspectos afetivos e cognitivos*. São Paulo, Brasil: Papirus.
- Neri, A. L. (2013). Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In: L. F. I. Malloy-Diniz, D. Fuentes, R. M. Cosenza (Orgs.). *Neuropsicologia do Envelhecimento: Uma Abordagem Multidimensional*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Neri, A. L., & Cachioni, M. (1999). Velhice bem-sucedida e educação. In: A. L. Neri, G. G. Debert (Org.). *Velhice e sociedade*. São Paulo, Brasil: Papirus.
- Neto, D. M. (2012). A Constituição Brasileira de 1988 e os Direitos Humanos: garantias fundamentais e políticas de memória. *Revista Científica FacMais*, 2(1). Recuperado de <http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2012/10/6.A-Constitui%C3%A7%C3%A3o-Brasileira-de-1988-e-os-Direitos-Humanos-Dirceu-Marchini1.pdf>
- Neves, B. B., & Amaro, F. (2012) Too old for technology? How the elderly of Lisbon use and perceive ICT. *The Journal of Community Informatics*, 8(1), 1-12. Recuperado de <http://ci-journal.org/index.php/ciej/article/view/800>
- Neves, B. B., Amaro, F., & Fonseca, J. R. S. (2013) Coming of (Old) Age in Digital Age: ICT Usage and Non-Usage Among Older Adults. *Sociological Research Online*, 18(2), 1-14. doi: 18. 10.5153/sro.2998.
- Nicodemo, D., & Godoi, M. P. (2010). Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas. *Revista Ciência em Extensão*, 6(1), 40-53. Recuperado de http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/324

Organização das Nações Unidas - ONU (2002). Plano de ação internacional contra o envelhecimento. Recuperado de: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf

Organização das Nações Unidas - ONU (2017). *World Population Prospects: The 2017 Revision, Key Findings and Advance Tables*. Recuperado de: https://esa.un.org/unpd/wpp/publications/files/wpp2017_keyfindings.pdf

Organização Mundial da Saúde - OMS (2005). *Envelhecimento Ativo: uma Política de saúde*. Brasília, Brasil: Organização Pan-Americana da Saúde.

Organização Mundial de Saúde – OMS (2009). *Plano de Ação sobre a Saúde dos Idosos e Envelhecimento Ativo e Saudável*. Brasília, Brasil: Organização Pan-Americana da Saúde.

Organización Mundial de la Salud - OMS (2015). *Informe mundial sobre el envejecimiento y la salud*. Ginebra, Suíza: Organización Mundial de la Salud.

Organização Mundial Saúde – OMS (s.d.) [homepage na internet]. Disponível em: www.who.org.br

Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS. (2009). *Informe de situação e tendências: demografia e saúde*. Recuperado de: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_docman&view=download&category_slug=informacao-e-analise-saude-096&alias=458-informe-situacao-e-tendencias-demografia-e-saude-8&Itemid=965

Ortega, A. C., Silva, L. C. M., & Fiorot, M. A. (2002). O jogo Torre de Hanói em um contexto psicogenético. *Acta Scientiarum*, 24(1), 151-158. Recuperado de: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2428/1701>

Ortega, R. (2016). Descubra a origem do botão curtir, do Facebook. *Superinteressante*, 366. Recuperado de: <https://super.abril.com.br/cultura/descubra-a-origem-do-botao-curtir-do-Facebook/>

Ourtime (s.d.) [homepage na internet]. Disponível em: <https://www.ourtimebrasil.com.br/cpx/pt-br/ourtime/IndexPage/>

- Palácios, J. (2009). Mudança e desenvolvimento durante a idade adulta e a velhice. In Coll, C., Marchesi, A., & Palácios, J. (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação* (pp. 371-388), Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Papaléo Netto, M. (2002). O estudo da velhice no séc. XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: Freitas, E. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*, (pp. 2-12) Rio de Janeiro, Brasil: Guanabara Kroogan.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre, Brasil: AMGH.
- Paz, F. J., & Cazella, S. C.(2018). Aplicando Mineração de Textos na análise de artigos científicos sobre Sistemas de Recomendação com Mineração de Dados Educacionais e Learning Analytics. *RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação*, 16(1), 1-11. doi:10.22456/1679-1916.86053
- Pereira, A. M. V. B., Scheiner, R. H., & Schwanke, C. H. A. (2009). Geriatria: uma especialidade centenária. *Scientia Medica*, 19 (4), 154-161. Recuperado de: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scientiamedica/article/viewFile/6253/4734&sa=U&ei=YVu8Tte2N6fq0gG7ounCBA&ved=0CE8QFjASOIQC&usq=AFQjCNHnOsj9duLc7UTMiyS9GASLicsrA>
- Pereira, M. G. (2008). *Epidemiologia: teoria e prática*. Rio de Janeiro, Brasil: Guanabara Koogan.
- Pessoa, V. S. (2000). A afetividade sob a ótica psicanalítica e piagetiana. *Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes*, 8(1). doi.org/10.5212/publ.humanas.v8i1.12
- Petry, A. C., & Simonetto, E. O. (2013). Uso do twitter como canal de marketing: uma análise das principais empresas brasileiras de comércio eletrônico. *Revista Eletrônica Sistemas & Gestão*, 8 (1), 94-104. doi: 10.7177/sg.2013.v8.n1.a9
- Piaget, J. (1970). *Epistemologia genética*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Piaget, J. (1975). *A representação do mundo na criança*. Aparecida, Brasil: Ideias e Letras.
- Piaget, J. (1976) *A equilibrção das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Piaget, J. (1977). *O julgamento moral na criança*. São Paulo, Brasil: Mestre Jou.
- Piaget, J. (1978a). *A tomada de consciência*. São Paulo, Brasil: Melhoramentos.
- Piaget, J. (1978b). *Fazer e compreender*. São Paulo: Melhoramentos.
- Piaget, J. (1983). Inconsciente afetivo e Inconsciente cognitivo. In: *Problemas de Psicologia Genética/ Os Pensadores* (pp. 226-234). São Paulo, Brasil: Abril Cultural.
- Piaget, J. (1990). *Seis estudos de psicologia*. (10ª ed.). (Pereira, N. C. Trad.). Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote. (Trabalho original publicado em 1973).
- Piaget, J. (1994a). La relación del afecto com la inteligência en el desarrollo mental del niño. In G. Delahanty, & J. Perrés (Eds.), *Piaget y el psicoanálisis* (pp. 181-289). Universidad Autónoma Metropolitana: Xochimilco. (Trabalho original publicado em 1962).
- Piaget, J. (1994b). *O juízo moral na criança*. (4a ed., E. Leonardon, Trad.). São Paulo, Brasil: Summus. (Trabalho original publicado em 1932).
- Piaget, J. (2000). *Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos* (3ª ed). Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.
- Piaget, J. (2005a). *Inteligência y afectividad*. Buenos Aires, Argentina: Aique. (Trabalho original publicado em 1954).
- Piaget, J. (2005b). Introdução: Problemas e Métodos. *J. Piaget, A representação do mundo na criança* (A. U. Sobral, Trad., pp. 9-31). Aparecida, Brasil: Ideias & Letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- Piaget, J., & Inhelder, B. (1979). *Inteligência e memória* (A. Sales, Trad). Brasília. Brasil: Universitária. (Trabalho original publicado em 1968).
- Piaget, J., & Inhelder, B. (2013). *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro, Brasil: Difel.
- Picon, F., Karam, R., Breda, V., Restano, A., Silveira, A., & Spritzer, D. (2015) Precisamos falar sobre tecnologia: caracterizando clinicamente os subtipos de dependência de

tecnologia. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 17(2), 44-60. Recuperado de: http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=177

Pimenta, G. F. (2013). Globalização e países emergentes: uma perspectiva das cidades global. *Conjuntura Internacional*, 10(1), 51 – 62. Recuperado de: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/view/5258/5222>

Pinheiro, W. M. (2018). Emoticons do Facebook: analisando a demarcação de sentimento e engajamento do consumidor pela mídia social. *Signos do Consumo*, 10(1), p. 70-81. doi: 10.11606/issn.1984-5057.v10i1p70

Piza, M. V. (2012). *O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica*. (Monografia de Conclusão de Curso). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

Pyrlo, S. C. (2004). *Atividades lúdicas entre adultos jovens: um estudo com universitários capixabas*. (Dissertação de Mestrado não publicada), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

Porciúncula, R. de C. R. da, Carvalho, E. F. de, Barreto, K. M. L., & Leite, V. M. M. (2014). Perfil socioepidemiológico e autonomia de longevos em Recife-PE, Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 17(2), 315-325. doi:10.1590/S1809-98232014000200009

Portaria nº 2.528, de 19 de outubro de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Brasília. Recuperado de: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html

Queiroz, S. S., Ortega, A. C., & Stursa, D. (2012). Tipificação de erros em universitários no jogo da senha em uma abordagem microgenética. In Rossetti, C. B & Ortega, A. C., *Cognição, afetividade e moralidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Queiroz e Melo, M. de F. A. (2003). O lúdico e o virtual na contemporaneidade: libertação ou submetimento do homem pelas tecnologias? *Pesquisas e Práticas Psicossociais - Boletim do LAPIP*, 3(1), 19-25. Recuperado de <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/lapip/Boletim3.pdf>

Queiroz e Melo, M. de F. A., & Moraes, M. O. (2016). Ludicidade, Tecnologias e Teoria Ator-Rede: agregando contribuições. *Athenea Digital - Revista de Pensamiento e Investigación Social*, 16(3), 189-205. doi:<https://doi.org/10.5565/rev/athenea.1665>

- Queiroz e Melo, M. de F. A., & Perfeito, J. (2013). Ludicidade e redes sociais: investigando o cityville. *Ciências & Cognição*, 18(2), pp. 115-128. Recuperado de <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/849>
- Queiroz, K. J. M., & Lima, V. A. A. (2010). Método Clínico piagetiano nos estudos sobre Psicologia Moral: o uso de dilemas. *Schème Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, 3(5), 110-131. Recuperado de: <https://pt.scribd.com/document/112955987/Metodo-Clinico-piagetiano-nos-estudos-sobre-Psicologia-Moral>
- Queiroz, S. S., Macedo, L. de, Alves, A. D., & Garioli, D. S. (2009) Afetividade, cognição e conduta na prova operatória de seriação. *Schème: Revista Eletrônica em Psicologia Genética*. (2)3, 295-316, Recuperado de <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/scheme/article/view/584/46>
- Rabelo, D. F. (2009). Comprometimento Cognitivo Leve em Idosos: avaliação, fatores associados e possibilidades de intervenção. *Kairós Gerontologia*. 12(2), 65-79. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/4414>
- Rebello, C. (2015). Utilização da Internet e do *Facebook* pelos mais velhos em Portugal: estudo exploratório. *Observatorio (OBS*) Journal*, 9(3), 129-153. doi: 10.15847/obsOBS932015773
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre, Brasil: Sulina.
- Recuero, R. (2014). Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Verso e Reverso*, 68, 114-124. doi: 10.4013/ver.2014.28.68.06
- Resende, L. G. O., & Cardoso, L. C. (2014). O Comportamento da Terceira Idade no *Facebook*. *Revista Científica de Comunicação Social*, 4(1), 165-172. doi: 10.18224/pan.v4i1.3474
- Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012*. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, pelo Ministério da Saúde. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
- Ricardo, L. S., & Rossetti, C. B. (2011). O conceito de amizade na infância: uma investigação utilizando o método clínico. *Construção psicopedagógica*, 19(19), 82-94. Recuperado de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542011000200007&lng=pt&tlng=pt.

- Rocha, R. G. O. (2013). *Uso de tablets como ferramenta facilitadora em projetos de inclusão digital de idosos*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP.
- Rodrigues, L. de S., & Soares, G. A. (2006). Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. *Revista Ágora*, 1(4). Recuperado de: <http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901>
- Romaneli, M. S. (2014). *Moralidade e plágio: um estudo com alunos do ensino médio*. (Dissertação de Mestrado não publicada), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Rossetti, C. B., & Ribeiro, M. P. O. (2009). Os jogos de regras em uma abordagem piagetiana: o estado da arte e as perspectivas futuras. In: Macedo, L. (Org). *Jogos, psicologia e educação: teoria e pesquisas* (pp 11-33). São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo.
- Rossetti, C. B., & Souza, M. T. C. C. (2016). A teoria de Piaget e os contextos atuais de desenvolvimento. In: A. L. B. Somlka, & S. A. S. Leite (Orgs.), *Psicologia do desenvolvimento – teorias e práticas em diferentes contextos* (pp. 55 – 70). São Paulo, Brasil: Mercado de Letras.
- Rubin, D. C., & Berntsen, D. (2009). The frequency of voluntary and involuntary autobiographical memories across the life span. *Memory & Cognition, Consciousness and cognition*. 37(5), 679–688. doi: 10.3758/37.5.679
- Saltini, C. J. P., & Cavenaghi, D. B. (2014). *Relação entre a Afetividade e a Inteligência no Desenvolvimento Mental da Criança*. Rio de Janeiro, Brasil: Wak Editora.
- Sanchotene, C. R. S. (2017). O uso de *emoticons* nas *fanpages* de Folha de S. Paulo e Estadão. *Revista Dispositiva*, 6(10). doi: 10.5752.
- Santana, C. da S., Bernardes, M. S., & Molina, A. M. T. B. (2016). Projetos de vida na velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 21(1). Recuperado de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/59848>

- Sant'Anna, H. C. (2012). *OpenEvoc: Um programa de apoio à pesquisa em Representações Sociais*. Trabalho apresentado no 7.º Encontro Regional da ABRAPSO, 2012, Vitória, ES.
- Sant'Anna, H. C. (2018a). *Tatuí – aplicativo para mineração e processamento de dados de artigos científicos*. Trabalho apresentado no StartPsi - Congresso Brasileiro de Inovação em Avaliação Psicológica, Neurociências e Interdisciplinaridades, Porto Alegre, RS.
- Sant'Anna, H. C. (2018b). *OpenEvoc 0.84*. [S.l.]: UFES, Disponível em: <http://www.hugocristo.com.br/projetos/openevoc/>. Acesso em: 20 janeiro 2019.
- Sant'Anna, H. C., & Menandro, M. C. S. (2018). *Tendências da Revista “Psicologia: Ciência e Profissão” (1982-2018): demonstração das funcionalidades do aplicativo Tatuí*. Trabalho apresentado na 1ª Jornada da Sociedade Interamericana de Psicologia, Vitória, ES.
- Santos, C. C. (2007). *Análise Microgenética de Aspectos do Funcionamento Cognitivo de Adolescentes e de Idosos por meio do Jogo Quoridor* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, ES, Brasil.
- Santos, C. C. (2011). *Análise Microgenética de Aspectos Cognitivos e Afetivos em Idosas: uma Proposta Teórica e Metodológica* (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, ES, Brasil.
- Santos, C. C., & Ortega, A. C. (2008). Evolução do nível de compreensão do jogo Quoridor: uma comparação entre idosas e adolescentes. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 11(2), 223-243. doi: 10.1590/1809-9823.2008.11028
- Santos, C. C., & Ortega, A. C. (2012a). Relações entre aspectos cognitivos e afetivos em idosas. *Schème Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, 4(1), 109-148. Recuperado de <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/scheme/issue/view/194>
- Santos, C. C., & Ortega, A. C. (2012b). Oficinas com idosos na perspectiva da psicologia do desenvolvimento. In: Rossetti, C. B., & Ortega, A. C. (Orgs), *Cognição, Afetividade e Moralidade*. São Paulo: Caso do Psicólogo.
- Santos, C. C., & Ortega, A. C. (2012c). O papel dos esquemas na memória de idosas saudáveis. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 267-276. Recuperado de

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000200010&lng=pt&nrm=iso

- Santos, C. C., & Ortega, A. C. (2014). Conduta e análise heurística de idosas no jogo “Cara a Cara”. *Psicologia Argumento*, 32(76). doi:10.7213/psicol.argument.32.076.DS01
- Santos, C. C., Ortega, A. C., & Queiroz, S. S. de. (2010). Equilíbrio e tomada de consciência: análise do jogo Cara a Cara. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(3), 02–12. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672010000300002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Santos, R. S. (2016). A influência do *Instagram* na atitude do consumidor: o caso da Levi Strauss & Co (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Europeia – UE, Lisboa, Portugal.
- Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008) O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(4), 585-593. doi: 10.1590/S0103-166X2008000400013.
- Scoralick-Lempke, N. N., & Barbosa, A. J. G. (2012). Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(Suppl. 1), 647-655. doi: 10.1590/S0103-166X2012000500001
- Secretaria de Comunicação Social - SECOM, Presidência da República (2016). *Pesquisa Brasileira de Mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Recuperado de <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>
- Shirky, C. (2010). *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Silva, A. H., & Fossá, M. I. T. (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, 16(1). doi: 10.18391/qualitas.v16i1.2113
- Silva, G. P. T. (2018). *Sobre o lúdico no ciberativismo: affordances percebidas pelas comunidades de fãs da cultura pop*. (Dissertação de Mestrado não publicada), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.

- Silva, R. E. (2017). *A motivação para a interrupção ou uso de crack em gestantes e puérperas*. (Dissertação de Mestrado não publicada), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Silva, W. (2004). *Processos cognitivos no jogo de xadrez*. (Dissertação de mestrado não publicada), Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Recuperado de: http://www.wilsondasilva.com.br/producao_wilson/processos_cognitivos_no_jogo_de_xadrez.pdf
- Silveira, B. O., Parrião, G. B. L., & Fragelli, R. R. (2017). Melhor idade conectada: um panorama da interação entre idosos e tecnologias móveis. *Revista Tecnologias em Projeção*, 8 (2), 42-53. Recuperado de: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao1/article/view/867>
- Skura, I., Velho, A., Francisco, C. C. B., Faria, T. G., & Macuch, R. (2013). Mídias sociais digitais e a terceira idade: em busca de uma ferramenta para a promoção da saúde. *Revista Kairós: Gerontologia*, 16(4), 237-249. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/19679>
- Smilansky, O. (2015). Why Instagram, Tumblr, and Pinterest matter to brands. *CRM Magazine*, 19(8), 21-22. Recuperado de: <https://allielacey.files.wordpress.com/2015/12/instagram.pdf>
- Souza, J. L. de A., Araújo, D. C. de, & Paula, D. A. de. (2015). Mídia social *WhatsApp*: uma análise sobre as interações sociais. *Revista Alterjor*, 11(1), 131–165. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/aj11-a05>
- Souza, M. T. C. C. de. (2011). As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(2), 249–254. doi: 10.1590/S0102-3772201100020000
- Souza, M. T. C. C. de (2012). Afetividade segundo Jean Piaget: contribuições para a psicologia do desenvolvimento. In: Rossetti, C. B., & Ortega, A. C. (Orgs.). *Cognição, afetividade e moralidade – Estudos segundo o referencial teórico de Jean Piaget*. São Paulo, Brasil: Caso do Psicólogo.
- Souza, M. T. C. C. de (2014). Construção de Conhecimento e Psicologia do Desenvolvimento: Contribuições da Teoria de Piaget. *Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, 6. Recuperado de: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/scheme/article/view/4277>

- Stacheski, D. R. (2013). *Idosos e a “A Nova Cara da 3ª. Idade”*: Redes Digitais, Voz e a Refração de Estigmas Sociais. Trabalho apresentado no VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura – ABCiber. Curitiba. Paraná, Brasil.
- Statista, Inc (2019). *Most popular social networks worldwide as of october 2018*. Recuperado de <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>
- Stitch (s.d.). [homepage na internet]. Disponível em: <https://www.stitch.net/>
- Stuart-Hamilton, I. (2002). *A psicologia do envelhecimento: uma introdução*. 3ª. Ed. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Teehan, G. (2016). Reactions: not everything in life is likable. Recuperado de <https://medium.com/facebook-design/reactions-not-everything-in-life-is-likable-5c403de72a3f>
- Torres, C. (2012). *A bíblia do marketing digital*. São Paulo, Brasil: Novatec Editora.
- Universidade Federal do Maranhão. UNA-SUS/UFMA. (2014). *Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa: políticas, programas e rede de atenção à saúde do idoso*. Recuperado de: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/1728>
- Vale, L. G. (2006). *Desenvolvimento moral: a generosidade sob a ótica de crianças e adolescentes*. (Dissertação de Mestrado não publicada), Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Vega, J. L., Bueno, B., & Buz, J. (2009). Desenvolvimento cognitivo na idade adulta e velhice. In Coll, C., Marchesi, A., & Palácios, J. (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação* (p. 421-437), Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Vermelho, S. C., Velho, A. P. M., Bonkovoski, A., & Pirola, A. (2014). Refletindo sobre as redes sociais digitais. *Educação & Sociedade*, 35(126), 179-196. doi: 10.1590/S0101-73302014000100011
- Vinuto, J. (2014). Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, 22(44), 203-220. Recuperado de: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>

- Wandscheer, G., & Corrêa, E. C. D. (2013). Grupo bibliotecários do Brasil: análise das relações informacionais na rede social LinkedIn. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, 18(2), 926-948. Recuperado de <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/902>
- Wadsworth, B. J. (1997). *Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget* (5ªed.) São Paulo, Brasil: Pioneira.
- We are social, Inc. (2017). *Global Digital Snapshot*. Recuperado de <https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview>
- WhatsApp (s.d.). [homepage na internet]. Disponível em: <https://www.WhatsApp.com/about/>
- Wong, L. R., Carvalho, J. A. M., & Pertétuo, I. H. O. (2009). A estrutura da população brasileira no curto e médio prazos: evidências sobre o panorama demográfico com referência às políticas sociais, particularmente as de saúde. *Rede Interagencial de Informações para Saúde. Demografia e saúde: contribuição para análise de situação e tendências* (pp. 37-63) Brasília: OPAS.
- Zicardi, E., Abdalla, M. M., & Clementino, A. C. (2008). *Relacionamento virtual entre idosos proporcionando a qualidade de vida*. Trabalho apresentado na Jornada do Núcleo de Pesquisas da Psicologia em Informática. São Paulo, SP.

9. Apêndices

Apêndice 01– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participante



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS (CCHN)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGP)
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Terceira idade e redes sociais digitais: acessando aspectos do desenvolvimento.

Pesquisadoras responsáveis: Barbara Frigini De Marchi (Mestranda do PPGP), Dra. Cláudia Broetto Rosetti (Professora Orientadora) e Dra. Larissy Alves Cotonhoto (Coorientadora).

Telefones para contato: em caso de dúvida: (27) 9 9640-8838 (pesquisadora Barbara, e-mail: barbara.psi.fdm@gmail.com); em caso de denúncia e/ou intercorrência: (27) 4009-2501 (PPGP), (27) 3145-9820 (Comitê de Ética em Pesquisa – CEP - Goiabeiras, e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com).

Endereço do Comitê de Ética: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN, Bairro: Goiabeiras - Município: Vitória, Espírito Santo, UFES, CEP: 29.075-910. E-mail: aroeiraka@hotmail.com e cep.goiabeiras@gmail.com

1. Natureza da pesquisa: Você é convidado a participar desta pesquisa, que tem como finalidade caracterizar aspectos afetivos e cognitivos envolvidos no desenvolvimento de idosos, por meio da utilização de redes sociais digitais. Ela está sendo realizada por pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo - campus de Goiabeiras, Vitória, Espírito Santo.

2. Participantes da pesquisa: Pessoas com idades entre 65 e 74 anos, com ensino fundamental completo, que tenham *smartphone* ou computadores e, ainda, que tenham e acessem redes sociais digitais.

3. Envolvimento na pesquisa: Neste estudo, você participará de uma entrevista, que será realizada no local de sua preferência, com previsão de duração de 30 a 40 minutos, podendo, no entanto, o tempo variar conforme cada participante. A entrevista será gravada em áudio para posterior análise das pesquisadoras. Você tem liberdade de se recusar a participar, sem qualquer prejuízo. Sempre que desejar, poderá solicitar mais informações sobre a pesquisa no endereço de e-mail e telefone da pesquisadora Barbara, indicados no presente termo.

4. Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados aqui obedecem aos critérios da ética na pesquisa com seres humanos, conforme as Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Com a participação nesta pesquisa, prevemos risco mínimo de desconforto em relação ao registro dos dados em áudio e cansaço mental durante a entrevista. Diante disso, ressaltamos que tal possível desconforto pode ser minimizado com a desistência da participação ou realização de pausa para retomada em outro momento.

5. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. As entrevistas serão identificadas com um nome fictício e não com o nome verdadeiro do participante. Somente as pesquisadoras terão conhecimento dos dados e áudios obtidos no estudo. Os resultados da pesquisa serão divulgados em congressos e periódicos especializados, contribuindo para a ampliação do conhecimento a respeito do tema investigado, mas de modo que seja garantido o completo sigilo de informações coletadas que possam identificar os participantes.

6. Benefícios: Esperamos que as informações coletadas contribuam na construção de conhecimentos sobre o desenvolvimento humano na velhice e fomentem, além de políticas públicas, outras investigações sobre o tema.

7. Pagamento: Não haverá pagamento por sua participação nesta pesquisa. No entanto, é assegurada indenização em caso de eventual dano decorrente da pesquisa, bem como ressarcimento de despesas relativas à participação na pesquisa.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, em duas vias de igual teor. Ambas as vias serão assinadas e rubricadas em todas as páginas pela pesquisadora principal e também pelo participante, o qual receberá uma delas.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, ao me considerar devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre o conteúdo deste Termo de Consentimento, e da pesquisa a ele vinculada, expesso livremente meu consentimento para participar deste estudo.

Assinatura do participante

Assinaturas das pesquisadoras responsáveis pela pesquisa

Local e data _____, ____/____/____

Apêndice 02 – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética da UFES



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Terceira idade e redes sociais digitais: acessando aspectos do desenvolvimento.

Pesquisador: BARBARA FRIGINI DE MARCHI

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 91419618.4.0000.5542

Instituição Proponente: Programa de Pós Graduação em Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.787.616

Apresentação do Projeto:

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, para Exame de Qualificação em nível de Mestrado.

Metodologia Proposta:

Serão selecionadas 20 pessoas com idade entre 65 e 74 anos, com ensino fundamental completo, preferencialmente divididas de forma homogênea quanto ao sexo, que tenham smartphone ou computadores e, ainda, que tenham e acessem redes sociais digitais. O instrumento a ser utilizado para a coleta de dados será a entrevista, a partir de um roteiro semiestruturado, tendo por referência o método clínico piagetiano (Alencar & Ortega, 2003; Carraher, 1998; Delval, 2002; Piaget, 1932/1994, 1926/2005b).

Haverá, dessa forma, uma série de perguntas iniciais que serão comuns a todos os participantes e que serão modificadas e expandidas à medida que os sujeitos forem fornecendo as respostas (Delval, 2002). Tal roteiro de entrevista conterá, inicialmente, questões de caracterização dos participantes, visando-se investigar idade, escolaridade, estado civil, situação familiar, estado geral de saúde, participação em grupos sociais e aposentadoria ou atividade de trabalho.

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.787.616

Estas serão seguidas daquelas referentes à relação dos idosos com as redes sociais digitais (Apêndice 02), que pretendem, por sua vez, atender aos objetivos específicos deste projeto. Para a coleta de dados, será empregado o método clínico, cuja essência reside em intervenções constantes do pesquisador em resposta à atuação dos sujeitos, às ações e às explicações deles, visando, assim, descobrir os caminhos que seus pensamentos seguem, dos quais os próprios sujeitos não têm consciência (Delval, 2002).

No que tange à escolha dos potenciais participantes, esta se dará por amostra de conveniência, mais especificamente, pelo método bola-de-neve. Goodman (1961) esclarece que nele um indivíduo é recrutado para o estudo e é, então, solicitado a indicar outros de sua rede de relacionamentos que também possam ser sujeitos da pesquisa.

Esse procedimento é repetido até que se alcance o tamanho pré-definido da amostra ou que ocorra a saturação, isto é, esgotem-se os membros acessíveis.

Neste projeto, será eleito o critério de interrupção do método quando se alcançarem os 20 participantes. No encontro com o possível participante da pesquisa, será estabelecido, inicialmente, um rapport, de forma a apresentá-lo ao tema do estudo e, minimamente, familiarizá-lo ao pesquisador e à situação de entrevista.

Nesta ocasião, serão feitas explicações quanto ao assunto e finalidade da pesquisa, sigilo dos dados, anonimato do participante, gravação em áudio da entrevista e direito de desistência de colaborar.

Tendo ciência de todos esses aspectos e concordando livre e espontaneamente em participar, a pessoa será convidada a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias - uma para sua posse e outra para o pesquisador.

As entrevistas serão agendadas para o dia, horário e local mais apropriados para os participantes. Serão realizadas de modo individual e gravadas em áudio na íntegra para posterior transcrição

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
 Bairro: Goiabeiras CEP: 29.075-910
 UF: ES Município: VITORIA
 Telefone: (27)3145-9820 E-mail: oep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.787.616

Metodologia de Análise de Dados:

Feita a transcrição de todo o conteúdo das entrevistas para se extrair o máximo possível de informações relevantes dos dados disponíveis realizar-se-á uma análise de conteúdo dos mesmos.

Justifica-se tal opção pelo fato de Piaget nunca ter tratado, em detalhes, da questão específica da análise e de seus trabalhos sobre método clínico, semelhantemente, não abordarem o assunto.

Delval (2002) acredita que isso se deva a inexistência de um procedimento geral para tal, dependendo, em verdade, dos objetivos do pesquisador. A análise de conteúdo consiste em um dos procedimentos clássicos para se analisar material textual, independentemente de sua origem - de produtos da mídia até entrevistas.

Tem como uma de suas características principais o emprego de categorias, normalmente obtidas a partir de modelos teóricos (Flick, 2009). Segundo

Bardin (2011), a utilização de tal método pressupõe três fases fundamentais: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A primeira delas refere-se à organização do material, a partir de procedimentos flexíveis (Câmara, 2013) e de leitura flutuante (Bardin, 2011), visando à sistematização das ideias iniciais, a partir do quadro referencial teórico (Silva & Fossá, 2015).

Por sua vez, a segunda fase consiste na construção de operações de codificação e recortes do texto em unidades de registros (Silva & Fossá, 2015). Já a última fase atém-se a buscar, para além do conteúdo manifesto, aquele latente, isto é, um sentido por trás do que foi apreendido imediatamente (Câmara, 2013).

Serão seguidos, então, os passos que se indicam: a) leitura minuciosa dos protocolos de entrevistas; b) elaboração de categorias iniciais; c) discussão de tais categorias com auxiliares de pesquisa (alunos de Iniciação Científica, por exemplo) ou colegas do grupo do Laboratório de Estudos do Desenvolvimento Humano (LEDHUM/UFES); d) elaboração de categorias detalhadas e resumidas; e) discussão com um juiz a fim de se validar as categorias. Todas as etapas se darão com base na teoria piagetiana e na sistematização que propõe Delval (2002).

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
 Bairro: Goiabeiras CEP: 29.075-910
 UF: ES Município: VITÓRIA
 Telefone: (27)3145-9820 E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.787.616

No que tange à definição das categorias, destaca-se que: Trata-se de um método de trabalho muito árduo, no qual o pesquisador tem de ir encontrando uma estrutura comum nas respostas dos sujeitos.

Tal estrutura não é evidente à primeira vista, mas tem de ser imposta pelo pesquisador. A estrutura pode ser considerada como uma hipótese que vai se confirmando à medida que se encontram novos sujeitos que correspondem a ela. Se a leitura de novos protocolos não confirma a análise que começamos a fazer temos de substituí-las por outra, examinando o que não encaixa na primeira proposta. É como modificar uma hipótese. (Delval, 2002, p. 169-170) Vale esclarecer que o juiz – responsável pela avaliação do trabalho das categorias – será alguém com experiência na pesquisa, porém que não tenha dela participado.

Caberá a ele analisar certa quantidade de protocolos de entrevista, para que se possa, ao final, comparar as categorias já definidas com as quais ele estabelecer. A literatura indica que a quantidade de protocolos gire em torno de 10 a 20% do total (Delval, 2002). Neste trabalho, adotar-se-á a sugestão máxima, equivalente, desse modo, a 04 entrevistas. Ressalta-se que a conclusão do juiz não precisa ser total, mas é aconselhável que se situe entre 80 e 90% (Delval, 2002). Atendendo-se a esse critério, têm-se o acordo interjuizes e, portanto, a validação das categorias propostas.

Objetivo da Pesquisa:

Hipótese:

A hipótese que guia o estudo é a de que o uso de redes sociais digitais por idosos permite o desenvolvimento, tanto de aspectos afetivos quanto cognitivos, nessa população.

Objetivo Primário:

Caracterizar aspectos afetivos e cognitivos envolvidos no desenvolvimento de idosos, por meio da utilização de redes sociais digitais (RSD).

Objetivo Secundário:

Caracterizar as RSD mais utilizadas pelos idosos e por quê;

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
 Bairro: Goiabeiras CEP: 29.075-910
 UF: ES Município: VITORIA
 Telefone: (27)3145-9820 E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.767.616

Identificar quais são as RSD preferenciais dos idosos e por quê;

Conhecer os recursos que os idosos utilizam nas RSD;

Verificar nos idosos a formação de novos laços afetivos, a partir do uso das RSD;

Identificar as motivações relacionadas ao uso das RSD por idosos e averiguar se os idosos percebem mudanças em suas rotinas e relacionamentos após a iniciação nas RSD e quais são elas

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Prevê-se risco mínimo de desconforto ao participante durante a realização da entrevista, o qual poderá ser minimizado com a desistência da colaboração no estudo ou por meio da realização de pausas e retomada em momento posterior.

Benefícios:

O benefício previsto nesta pesquisa é, principalmente, a possibilidade de participação em entrevista, na qual se espera propiciar um momento de interação positiva com o pesquisador. Para a comunidade em geral, espera-se contribuir com o entendimento de que também pode haver desenvolvimento psicológico na velhice.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa pretende trazer contribuições na construção de conhecimentos sobre o desenvolvimento humano na velhice e fomentem, além de políticas públicas, outras investigações sobre o tema.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

o estudo apresenta todos os elementos necessários previstos na Resolução 466/12 e 510/16, atendendo as exigências indicadas por essa legislação.

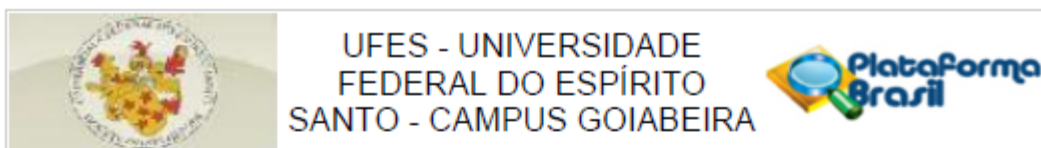
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado por esse comitê, estando autorizado a ser iniciado.

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
 Bairro: Goiabeiras CEP: 29.075-910
 UF: ES Município: VITORIA
 Telefone: (27)3145-9820 E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.787.616

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|---------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1099635.pdf | 06/06/2018 19:11:39 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto_de_Mestrado_depois_devolutiva_2.docx | 27/05/2018 09:43:02 | BARBARA FRIGINI DE MARCHI | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_devolutiva_2.docx | 27/05/2018 09:42:44 | BARBARA FRIGINI DE MARCHI | Aceito |
| Cronograma | Cronograma_devolutiva_2.docx | 27/05/2018 09:42:32 | BARBARA FRIGINI DE MARCHI | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha_de_rosto_assinada.pdf | 18/04/2018 20:21:20 | BARBARA FRIGINI DE MARCHI | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VITORIA, 26 de Julho de 2018

Assinado por:
KALLINE PEREIRA AROEIRA
(Coordenador)

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras CEP: 29.075-910
UF: ES Município: VITORIA
Telefone: (27)3145-9820 E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com

Apêndice 03 – Entrevistas digitalizadas